

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

Rubia Paula Dias da Silva

**AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA DEPRESSÃO PARA
GRADUANDOS DE UMA IES DO VALE DO PARAÍBA
PAULISTA**

Taubaté – SP

2019

Sistema integrado de Bibliotecas – SIBi/ UNITAU
Biblioteca Setorial de Pedagogia, Ciências Sociais, Letras e Serviço Social

S586r Silva, Rubia Paula Dias da
As representações sociais da depressão para graduandos
de uma IES do Vale do Paraíba Paulista . / Rubia Paula Dias
da Silva. - 2019.
148f. : il.

Dissertação (mestrado) - Universidade de Taubaté,
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, 2019.
Orientação: Profa. Dra. Edna Maria Querido de Oliveira
Chamon, Departamento de Gestão em Negócios.

1. Desenvolvimento Humano. 2. Graduandos. 3. Depressão.
4. Representações Sociais. I. Título.

CDD – 616.8527

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

Rubia Paula Dias da Silva

**AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA DEPRESSÃO
PARA GRADUANDOS DE UMA IES DO VALE DO
PARAÍBA PAULISTA**

Dissertação apresentada para a obtenção de título de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais, da Universidade de Taubaté.

Área de Concentração: Desenvolvimento Humano, Identidade e Formação.

Orientadora: Profa. Dra. Edna Maria Querido de Oliveira Chamon

Taubaté – SP

2019

RUBIA PAULA DIAS DA SILVA
AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA DEPRESSÃO PARA GRADUANDOS
DE UMA IES NO VALE DO PARAÍBA PAULISTA

Dissertação apresentada para a obtenção de título de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais, da Universidade de Taubaté.

Área de Concentração: Desenvolvimento Humano, Identidade e Formação.

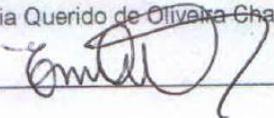
Orientadora: Profa. Dra. Edna Maria Querido de Oliveira Chamon

Data: 14/05/2019

Resultado: aprovada

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Edna Maria Querido de Oliveira Chamon – Universidade de Taubaté (UNITAU)

Assinatura 

Profa. Dra. Silvana Carneiro Maciel – Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Assinatura Silvana Carneiro Maciel

Profa. Dra. Maria Angela Boccara de Paula – Universidade de Taubaté (UNITAU)

Assinatura M. Angela Boccara de Paula

AGRADECIMENTOS

A Patrícia Baptistella, que sempre me apoiou nesta caminhada.

Aos graduandos que participaram efetivamente e com comprometimento, ao fornecerem os dados necessários à realização da pesquisa.

Aos professores, pela sabedoria em suas colocações e pelos ensinamentos dentro e fora da sala de aula, que incentivaram minha busca pelo conhecimento.

Aos colegas de turma, MDH 2017, por tantos momentos marcantes e de trocas, em especial às amigas Érica e Alessandra, pelo companheirismo.

Ao meu irmão, que também me inspira por sua leveza de viver, priorizando família e as essências do dia a dia que se fazem nas relações estabelecidas.

A minha filha, companheira e, amiga, presente na construção de tantos planos idealizados por mim, que consegue me mostrar, de maneira surpreendente, que é preciso saber olhar uma mesma situação por outros ângulos.

À Professora Doutora Edna Maria Querido de Oliveira Chamon, que passou a ser referência para mim, devido à sua sensibilidade, comprometimento nas propostas de trabalho, parceria, firmeza e doçura neste processo, contribuindo para o meu processo de formação.

Aos meus pais, que representam o estímulo principal para os meus projetos e perpetuações em tantas fases de minha vida, pois os vejo como guerreiros que espelham o quanto vale a pena a busca de ideais, considerando os limites necessários para alcançar o que é desejado e possível diante de possibilidades.

Obrigada pela sabedoria no viver, no construir e por acreditarem em mim.

“ [...] o que é importante é a natureza da mudança, através da qual as representações sociais se tornam capazes de influenciar o comportamento do indivíduo participante de uma coletividade” (MOSCOVICI, 2007, p. 40).

RESUMO

Objetivou-se investigar as representações sociais (RS) da depressão e níveis de ansiedade e desesperança de graduandos de uma Instituição de Ensino Superior (IES) do vale do Paraíba - SP. Foi necessário considerar os níveis de depressão, traçar o perfil sociodemográfico, detectar as RS da depressão dos graduandos, a fim de identificar informações, crenças e atitudes dos graduandos com ou sem sintomas da doença no processo de desenvolvimento humano, e sistematizar os dados sobre os graduandos que procuraram o serviço de apoio psicopedagógico no período 2011 - 2017. Trata-se de uma pesquisa exploratória, descritiva, qualitativa e quantitativa. Como instrumentos para a coleta de dados foram aplicados questionários e realizadas entrevistas semiestruturadas, além dos inventários: Inventário de Depressão de Beck (BDI); Inventário de Ansiedade de Beck (BAI); e, Inventário de Desesperança de Beck (BHS). A análise de conteúdo serviu de norteamento metodológico para a interpretação dos dados devidamente tratados pelo programa de análise textual *Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires* (IRaMuTeQ), cujos resultados foram discutidos à luz da Teoria das Representações Sociais (TRS). Participaram da pesquisa 180 graduandos de ambos os sexos, matriculados do primeiro ao quinto período dos cursos de Administração, Ciências Contábeis, Engenharia de Produção, Pedagogia e Direito, que apresentavam ou não quadro de depressão. Os resultados sociodemográficos demonstraram que, dentre os graduandos matriculados nos cursos mencionados, que apresentavam o quadro de depressão, a maioria era de mulheres ingressantes, com média de 27 anos. Os participantes deste estudo objetivaram suas RS da depressão num vínculo de apoio e necessidade de ajuda, assim como a carência afetiva também foi pontuada como desencadeante do estado depressivo.

Palavras-chave: Graduandos. Desenvolvimento Humano. Depressão. Interações Sociais. Representações Sociais.

ABSTRACT

The objective of this study was to investigate the social representations (RS) of depression and the anxiety and hopelessness levels of undergraduates from a Higher Education Institution (IES) in the Paraíba Valley - SP. It was necessary to consider the levels of depression, to define the socio-demographic profile, to detect the RS of the depression of the graduates, in order to identify information, beliefs and attitudes of undergraduates with or without symptoms of the disease in the process of human development, and systematize the data on the graduates who sought the service of psychopedagogical support in the period 2011 - 2017. This is an exploratory, descriptive, qualitative and quantitative research. As instruments for data collection, questionnaires were applied and semi-structured interviews were carried out, in addition to the inventories: Beck Depression Inventory (BDI); Beck Anxiety Inventory (BAI); and Beck's Hopelessness Inventory (BHS). The analysis of content served as a methodological guide for the interpretation of the data properly treated by the textual analysis program Interface for Multidimensional Analysis of Texts and Questionnaires (IRaMuTeQ), whose results were discussed in the light of Theory of Social Representations (TRS) . The study included 180 undergraduates from both sexes enrolled from the first to the fifth period of Administration, Accounting, Production Engineering, Pedagogy and Law courses, who had or did not suffer from depression. The sociodemographic results showed that, among the graduates enrolled in the mentioned courses, who presented the picture of depression, the majority was of incoming women, with average of 27 years. The participants of this study objectified their RS of depression in a bond of support and need for help, just as affective deprivation was also scored as triggering the depressive state.

Keywords: Graduating students. Human development. Depression. Social Interactions. Social Representations.

LISTA DE SIGLAS

ALCESTE –	<i>Analyse Lexicale par Context d'un Ensemble de Segments de Texte</i>
BAI –	Inventário de Ansiedade de Beck
BDI –	Inventário da Depressão de Beck
BHS –	Inventário de Desesperança de Beck
CAPES –	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEP/UNITAU –	Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté
DSM-5 –	<i>Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders</i>
IES -	Instituição de Ensino Superior
IRaMuTeQ –	<i>Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires</i>
OMS –	Organização Mundial da Saúde
ONU –	Organização das Nações Unidas
RS –	Representações Sociais
SciELO –	<i>Scientific Eletronic Library Online</i>
TRS –	Teoria das Representações Sociais
UNITAU –	Universidade de Taubaté

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Número de publicações científicas	31
Quadro 2 – Depressão no contexto universitário	32
Quadro 3 – Depressão – Suicídio.....	41
Quadro 4 – Depressão – Intervenção	45

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Distribuição dos graduandos segundo o sexo, vale do Paraíba paulista, 2018.....	63
Figura 2 – Distribuição dos graduandos segundo o período no qual estavam matriculados, vale do Paraíba paulista, 2018.....	65
Figura 3 – Distribuição dos graduandos atendidos no N.A.D.D., segundo o curso, vale do Paraíba paulista, 2018.....	66
Figura 4 – Distribuição dos graduandos do curso de Administração, segundo o sexo, vale do Paraíba paulista, 2018	67
Figura 5 – Distribuição dos graduandos do curso de Ciências Contábeis, segundo o sexo, vale do Paraíba paulista, 2018.....	68
Figura 6 – Distribuição dos graduandos do curso de Direito, segundo o sexo, vale do Paraíba paulista, 2018	68
Figura 7 – Distribuição dos graduandos do curso de Engenharia de Produção, segundo o sexo, vale do Paraíba paulista, 2018.....	69
Figura 8 – Distribuição dos graduandos do curso de Pedagogia, segundo o sexo, vale do Paraíba paulista, 2018	69
Figura 9 – Distribuição dos graduandos segundo a faixa etária, vale do Paraíba paulista, 2018.....	70
Figura10 – Dendrograma das classes de análise - Depressão.....	71
Figura 11 – Mapa Conceitual da Classe 1 – Viver / Sintomas de Depressão / Sensações.....	74
Figura 12 – Mapa Conceitual dos níveis de depressão da Classe 1	76
Figura 13 – Mapa Conceitual da Classe 2 – Limites/Desânimo.....	77
Figura 14 – Mapa Conceitual dos níveis de depressão da Classe 2.....	78
Figura 15 – Mapa Conceitual da Classe 3 – Família / Convivência.....	79
Figura 16 – Mapa Conceitual dos níveis de depressão da Classe 3.....	82
Figura 17 – Mapa Conceitual da Classe 4 – Depressão e a impotência diante dela: necessidade de ajuda?.....	83

Figura 18 – Mapa Conceitual dos níveis de depressão da Classe 4	85
Figura 19 – Mapa Conceitual da Classe 5 – Percepção da depressão e consequências.....	86
Figura 20 – Mapa Conceitual dos níveis de depressão da Classe 5.....	89
Figura 21 – Dendrograma das classes de análise – Comportamentos.....	93
Figura 22 – Mapa Conceitual da Classe 1 – Rotina, Cansaço e Sensações...	95
Figura 23 – Mapa Conceitual Comportamento dos níveis de depressão da Classe 1.....	97
Figura 24 – Mapa Conceitual da Classe 2 – Estresse / Irritabilidade.....	98
Figura 25 – Mapa Conceitual Comportamento dos níveis de depressão da Classe 2.....	100
Figura 26 – Mapa Conceitual da Classe 3 – Aluno e a vida acadêmica - Vínculos.....	101
Figura 27 – Mapa Conceitual Comportamento dos níveis de depressão da Classe 3.....	103
Figura 28 – Mapa Conceitual da Classe 4 – Ambiente da faculdade e as escolhas pela influência dos cursos.....	105
Figura 29 – Mapa Conceitual Comportamento dos níveis de depressão da Classe 4	107
Figura 30 – Distribuição das autodeclarações dos graduandos sobre ser depressivo / não depressivo de uma IES do vale do Paraíba paulista, 2018....	109
Figura 31 – Distribuição das autodeclarações dos graduandos do sexo feminino e do sexo masculino com depressão e sem depressão de uma IES, vale do Paraíba paulista, 2018.....	110
Figura 32 – Distribuição das autodeclarações dos graduandos segundo o período em que estudam de uma IES, vale do Paraíba paulista, 2018.....	111
Figura 33 – Distribuição dos graduandos segundo Inventário de Depressão	

Beck (BDI) de uma IES, vale do Paraíba paulista, 2018.....	112
Figura 34 – Distribuição dos graduandos segundo Inventário de Ansiedade	
Beck (BDA) de uma IES, vale do Paraíba paulista, 2018.....	113
Figura 35 – Distribuição dos graduandos segundo Escala de Desesperança	
Beck (BHS) de uma IES, vale do Paraíba paulista, 2018.....	114
Figura 36 – Identificação do eu.....	119

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
1.1 Problema	18
1.2 Objetivos.....	19
1.2.1 Objetivo geral	19
1.2.2 Objetivos específicos	19
1.3 Delimitação do Estudo	19
1.4 Relevância do estudo	20
1.5 Organização do trabalho.....	21
2 REVISÃO DE LITERATURA	23
2.1 A Psicologia Social e a Depressão	23
2.2 Histórico da Depressão e seus reflexos na população	26
2.3 Representação Social da Depressão para Graduandos	29
2.4 Estudos sobre a Depressão e suas representações sociais para graduandos	32
2.5 Contextos de elaboração das Representações Sociais	50
3 MÉTODO	55
3.1 Tipo de pesquisa	55
3.2 População/Amostra	57
3.3 Instrumentos	58
3.4 Procedimentos para coleta de dados	60
3.5 Procedimentos para análise de dados	61
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	63
4.1 Perfil sociodemográfico dos participantes	63
4.1.1 Atendimentos no N.A.D.D., considerando o gênero, no período 2011- 2017.....	65
4.2 Representações sociais e os aspectos que circundam a realidade da depressão	72
4.2.1 Viver, sintomas de depressão e sensações.....	72

4.2.2	Percepção da depressão e consequências.....	77
4.2.3	Limites / Desânimo.....	79
4.2.4	Família / Convivência.....	83
4.2.5	Depressão e a impotência diante dela: necessidade de ajuda?.....	86
4.3	Comportamentos dos graduandos	91
4.3.1	RS e os aspectos que circundam os comportamentos dos graduandos	93
4.3.2	Rotina, cansaço e sensações.....	94
4.3.3	Estresse / Irritabilidade.....	98
4.3.4	Aluno e a vida acadêmica	101
4.3.5	Ambiente da faculdade e as escolhas pela influência dos cursos	104
5	AUTODECLARAÇÕES SOBRE DEPRESSÃO E INVENTÁRIOS DE DEPRESSÃO (BDI), DE ANSIEDADE (BAI) E DE DESESPERANÇA (BHS) DE BECK.....	109
6.	IDENTIFICAÇÃO DO EU	118
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	126
	REFERÊNCIAS	129
	APÊNDICE I – OFÍCIO.....	137
	APÊNDICE II – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO.....	138
	ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	139
	APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA.....	141

1 INTRODUÇÃO

A depressão, uma das mais graves doenças psíquicas deste século, atinge indistintamente ricos e pobres, homens e mulheres, crianças e idosos. Suas principais manifestações sintomáticas são a sensação de tristeza e anedonia, dentre muitos outros sintomas e comorbidades, instintivos e neurovegetativos, ideativos e cognitivos, relativos à autoavaliação, à vontade e aos aspectos relacionados à psicomotricidade (DALGALARRONDO, 2008).

Tamanha é a gravidade da situação que, segundo os dados do Relatório Global da OMS:

O número de casos de depressão aumentou 18% entre 2005 e 2015: são 322 milhões de pessoas em todo o mundo, a maioria mulheres. No Brasil, a depressão atinge 11,5 milhões de pessoas (5,8% da população), enquanto distúrbios relacionados à ansiedade afetam mais de 18,6 milhões de brasileiros (9,3% da população) (OMS, 2017, p. 1).

Essa realidade aponta para interferências e mudanças no contexto individual e social, o que pode facilitar o surgimento de conflitos internos e externos na relação com o outro.

Pode, também, suscitar a necessidade de um processo de intervenção psicológica, objetivando a administração dos fatores internos relacionados com os externos e a retomada da homeostasia psicológica¹. Isso se deve ao fato de o homem viver e identificar-se como membro de um grupo, de uma sociedade, de uma classe social, mesmo sendo autônomo e responsável por suas ações.

Nesse sentido, a Psicologia Social aborda o estudo das manifestações comportamentais advindas da interação interpessoal. Rodrigues (1984), exemplifica a teia de relações interpessoais calcadas em processos múltiplos de socialização e interações biopsicossociais.

O indivíduo traz consigo sua subjetividade, que diz respeito ao interno, ao seu psiquismo. Dessa forma, a dinâmica do universo psicológico pauta-se em dimensões simbólicas que se refletem no contexto social:

O fenômeno psicológico deve ser visto como subjetividade, concebida como algo que se constituiu na relação com o mundo material e social, mundo

¹ Em termos gerais homeostasia psicológica diz respeito ao equilíbrio entre as necessidades de um indivíduo e o suprimento dessas mesmas necessidades.

este que só existe pela atividade humana. Subjetividade e objetividade se constituem uma à outra sem se confundirem (BOCK, 2004, p. 6).

É nesse contexto que o serviço de apoio pode auxiliar o aluno universitário, pois, nas construções das relações que se formam no âmbito de sua vida, o indivíduo traz consigo uma identidade que está inserida em um mundo social e cultural que tende a favorecer o aparecimento de dúvidas e incertezas (MERCER, 1990).

A interação entre o eu e a sociedade resultará na formação da identidade. “O indivíduo assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente” (HALL, 1987, p.13).

Assim, o processo de desenvolvimento do ser humano envolve fontes de estímulos, que estão direta ou indiretamente no âmbito familiar. Há, também, possibilidades de construção de vínculos externos, projeções nos mais variados ambientes de relacionamentos que são estabelecidos cotidianamente, como o acadêmico.

Nesse contexto, o graduando é, constantemente, influenciado em seu processo de desenvolvimento, vivenciando situações motivacionais, dúvidas, buscas e situações que podem lhe causar tristeza, angústias, sofrimentos.

Trata-se de um período durante o qual as incertezas, as cobranças e as expectativas em relação ao futuro estão presentes, contribuindo para o desenvolvimento dos sintomas de depressão, doença que vem sendo considerada uma grande ameaça à saúde, consoante a OMS.

O quadro de depressão frequentemente traz consequências que conduzem o graduando à busca pelo serviço de apoio. As funções de RS auxiliam como guia de ação e como um crivo de leitura da realidade, de sistemas de significações que permitem a interpretação dos acontecimentos e das relações sociais (JODELET, 2017).

Eufrásio, Gomes e Katsurayama (2014, p. 234), retomando Porto (2009), assim descrevem a complexa dinâmica das RS:

As representações sociais são tipos de conhecimentos práticos utilizados para percepção do mundo social, ideológico e material. São socialmente elaboradas e compartilhadas, facilitam a elaboração de uma realidade habitual e possibilitam a comunicação entre os indivíduos.

Compreende-se, portanto, que o objeto de estudo aqui apresentado _ “representação social da depressão” _ deve ser investigado em uma perspectiva que considere as diversidades dos estímulos que recebe o graduando atendido no serviço de apoio.

1.1 Problema

O desenvolvimento humano considera as mudanças dos indivíduos e também as características que permanecem regulares durante os ciclos de vida, considerando algumas variáveis como o processo de desenvolvimento cognitivo, biológico, histórico, cultural, psicossocial (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006). Sendo assim, a continuidade e as mudanças englobam um conjunto diversificado de aspectos da vida do indivíduo, como afirmam Dessen e Guedea (2005).

No contexto dos processos de continuidade e de mudanças considera-se a diversidade dos indivíduos, atitude e fenômenos impregnados na subjetividade convincente em toda sua estranheza e imprevisibilidade em um contexto social (MOSCOVICI, 2012).

Essas relações podem ser compreendidas por meio das representações sociais, que estão relacionadas a um objeto e a um sujeito, que é influenciado por diferentes aspectos do cotidiano que envolvem mudanças comportamentais, como a depressão e suas consequências comportamentais.

Diante da magnitude do problema que se impõe às políticas públicas mundiais de controle, tratamento e prevenção da depressão, é relevante pontuar que ela é um transtorno que pode afetar direta ou indiretamente a vida do graduando.

É relevante considerar que os sintomas do quadro de depressão ocorrem com intensidade e durabilidade variáveis e que impactam amplamente a vida do indivíduo acometido por essa doença, refletindo de modo a desestruturar os segmentos de vida , sendo extremamente necessários apoio profissional e tratamento específico adequado (TEODORO, 2010).

Assim, o intuito da pesquisa é responder à seguinte questão: Quais são as RS que os graduandos constroem sobre a depressão?

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

Investigar as representações sociais da depressão e níveis de ansiedade e desesperança de graduandos de uma instituição de ensino superior.

1.2.2 Objetivos Específicos

- Traçar o perfil sociodemográfico dos graduandos;
- Detectar as RS da depressão dos graduandos, a fim de identificar informações, crenças e atitudes dos graduandos com ou sem sintomas da doença; e
- Sistematizar os dados sobre os graduandos que procuraram o serviço de apoio no período 2011 - 2017.

1.3 Delimitação do estudo

A pesquisa foi desenvolvida em uma Instituição de Ensino Superior (IES) localizada no Vale do Paraíba Paulista, que existe desde 2007. A pesquisadora trabalhou na Instituição desde 2009 e, em 2010, a direção solicitou-lhe que desenvolvesse um projeto que oferecesse serviço de apoio psicopedagógico aos discentes, familiares e docentes da IES.

A pesquisadora desenvolveu o projeto N.A.D.D. (Núcleo de Apoio ao Docente e ao Discente), cujo objetivo é oferecer apoio psicopedagógico quanto aos aspectos de fragilidade comportamental e suas consequências devido aos problemas nas áreas pessoal, familiar, afetiva, acadêmica e profissional de quem se apresentasse ao serviço de apoio da Instituição. Para o desenvolvimento desse serviço, há uma sala específica, e a duração da escuta ocorre em uma média de 30 minutos por pessoa. É importante ressaltar que esse serviço de apoio é um projeto social da Instituição.

O trabalho é divulgado em cada sala de aula todo início de semestre, para todos os cursos da Instituição (Engenharia de Produção, Ciências Contábeis, Administração, Pedagogia e Direito), sendo enfatizada a questão da ética profissional quanto à escuta. O agendamento é feito na secretaria da instituição, não havendo nenhum custo para o graduando.

Em 2011, o N.A.D.D. passou a oferecer o serviço de apoio psicopedagógico aos docentes e discentes que necessitassem de suporte e manifestassem o desejo de ser orientados e encaminhados, quando necessário, para atendimento terapêutico. A pesquisadora realizou 3.000 atendimentos desde 2011 até o final de 2017. Cada pessoa que busca pelo serviço de apoio tem um prontuário, no qual estão registrados a queixa principal e os direcionamentos pertinentes à abordagem de orientação psicopedagógica.

1.4 Relevância do Estudo / Justificativa

Além do impacto na vida de quem se vê acometido pela depressão, uma das doenças psíquicas mais insidiosas e incapacitantes da contemporaneidade, há também o impacto econômico, em razão, não só dos elevados custos terapêuticos, como também do absenteísmo no trabalho e, mesmo, em decorrência do abandono do trabalho, causado pelo transtorno. Quanto a esse aspecto, a OMS (2017, p. 2) informa que:

Depressão e outros distúrbios mentais comuns: estimativas globais de saúde aponta que 322 milhões de pessoas em todo o mundo vivem com este transtorno mental, a maioria mulheres. A cada ano, os baixos níveis de informação e a falta de acesso a tratamentos para depressão e ansiedade levam a uma perda econômica global estimada em mais de um trilhão de dólares. O estigma associado a esses transtornos mentais também permanece elevado.

O interesse em pesquisar sobre esse tema surgiu em decorrência do número de atendimentos no serviço de apoio no âmbito educacional.

A publicação da OMS alertou que a depressão é a principal causa de comprometimento laboral no planeta e que, nos piores casos, pode resultar em suicídio, sendo a segunda principal causa de óbito entre jovens de 15 a 29 anos (OMS, 2017).

Tendo como base o contexto atual com mudanças de todo tipo, tais como desemprego, flutuações e crises econômicas, violência, avanços tecnológicos e acirramento pela conquista de vagas de trabalho, o fenômeno da depressão encontra-se presente nos espaços sociais, chegando a afetar o indivíduo e o seu desenvolvimento global, independentemente do gênero, da faixa etária, da etnia, da classe social, da cultura ou do espaço geográfico (VIEIRA, 2008).

Essa realidade é facilmente percebida na escuta realizada no momento de interação com os graduandos, mediante os relatos de vivências e as manifestações nas relações intrapessoais.

Nesse sentido, faz-se necessário evidenciar a importância da Teoria das Representações Sociais (TRS), que foi apresentada por Serge Moscovici em sua obra *“A Psicanálise: sua imagem e seu público”*, publicada em 1961.

Em síntese, a RS é construída por grupos, a partir da interação do indivíduo com a sociedade que o leva a uma produção subjetiva, correspondente a um modelo de comportamentos e imagens simbólicas, por meio do qual se desenvolvem diferentes práticas e relacionamentos sociais que passam a ser compartilhados de maneira coletiva (MOSCOVICI, 2007).

A RS, “[...] é uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (JODELET, 2001, p. 22).

Nesse sentido, muitos jovens, em suas relações estabelecidas, têm-se identificado por questões associadas às angústias, as incertezas, aos medos, as carências, partilhando, assim, vivências e ausências relacionadas à sensação de falta de sentido de vida, que suscita a necessidade do cuidado.

Compreende-se que, tanto a pesquisa científica, quanto o serviço de apoio trabalham juntos por um objetivo comum: o desenvolvimento das relações humanas em direção a formas de vida plenas. Assim, espera-se que esta pesquisa construa conhecimentos relevantes, tanto para a comunidade científica, quanto para os responsáveis pela elaboração de políticas públicas de saúde voltadas para os serviços prestados aos graduandos.

Por meio do serviço de apoio psicopedagógico os atendimentos, caso necessário, poderiam ser sugeridos pelas políticas públicas de saúde a partir de encaminhamentos.

1.5 Organização do trabalho

Este texto está organizado em cinco capítulos. No primeiro deles, apresentam-se: a introdução do tema da pesquisa, a descrição do problema e, dos objetivos (geral e específicos), a delimitação do estudo e sua relevância.

No segundo capítulo, o referencial teórico. Inicialmente é discutido o contexto da amostra pesquisada – estudantes do Ensino Superior. Assim, apresentam-se os principais conceitos: psicologia social, depressão, representação social e representação social da depressão para os graduandos dos cursos indicados.

Descreve-se, no terceiro capítulo, o método empregado, que consiste em pesquisa exploratório-descritiva, calcada em abordagem qualitativa/quantitativa. Apontam-se, também, a população de estudo, os instrumentos e os procedimentos de coleta de dados, que abrangem os questionários específicos (Inventários de depressão, ansiedade e desesperança de Beck – BDI, BAI e BHS), entrevistas semiestruturadas, bem como a ferramenta IRaMuTeQ (*Interface de R pour les Analyses – Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*), para a análise do *corpus* das entrevistas.

No quarto capítulo, apresentam-se os resultados e a discussão sobre os dados devidamente tratados no capítulo anterior, considerando-se o perfil sociodemográfico dos sujeitos de pesquisa, as RS dos entrevistados quanto ao tema socialmente valorizado da depressão, no contexto dos cursos, das escolhas e das influências de cada um dos entrevistados, procedendo-se a minuciosa diagramação dos dados tabulados.

Já no quinto capítulo, seguem as considerações finais, que apontam para a tomada de consciência dos entrevistados, que passam a considerar a necessidade de procurar apoio psicopedagógico.

2 REVISÃO DE LITERATURA

A atualidade retrata um mundo com inquietações e, ao mesmo tempo, repleto de promessas para o futuro. Trata-se de um mundo que sinaliza para mudanças constantes, marcado por graves conflitos, tensões e divisões sociais (GIDDENS, 2008).

Buscando compreender o contexto social de tais mudanças, propõe-se recorrer ao conceito das RS, que conformam visões de mundo dos sujeitos imersos em um universo múltiplo de ações, discursos e pensamentos presentes na interação com outros, pois “[...] a estrutura social é a soma dessas tipificações e dos padrões recorrentes de interação estabelecidos por meio delas. Assim sendo, a estrutura social é um elemento essencial da realidade da vida cotidiana” (BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 52).

À luz de tal realidade de mudanças e tensões, podem ocorrer alterações emocionais em fases distintas do desenvolvimento humano, refletindo-se em quadros de alterações psíquicas cujos resultados podem levar ao fenômeno ora estudado: a depressão.

Considerando o crescimento desse quadro clínico na população, conforme constatado pela OMS (OMS, 2017), entende-se como importante, para o enfrentamento da doença, a compreensão dos sujeitos em relação a ela. As RS sobre a depressão construídas pelos graduandos que procuram serviços de apoio psicopedagógico são um caminho privilegiado para essa compreensão.

2.1. Psicologia social e depressão

A Psicologia Social estuda a maneira como as pessoas agem, pensam, influenciam e são influenciadas, bem como a forma como os indivíduos estabelecem relações uns com os outros. Esse ramo da Psicologia busca o estudo sistemático da natureza e das causas sociais do comportamento humano.

A Psicologia Social considera a bagagem que o ser humano traz consigo como reflexo das condições sociais e históricas, porque o que antecede e sucede a história do sujeito é a sua história individual, considerada história social (LANE, 1989).

Abordar essa realidade tem importância, pois se parte do princípio de que o homem tem aspectos comportamentais que correspondem a sua individualidade e porque acaba estabelecendo vínculos por meio das interações sociais. Nesse sentido, as relações passam a se estabelecer por meio de identificações que podem ocorrer nos contextos individuais e coletivos, em um processo de vivências na vida cotidiana (BERGER; LUCKMANN, 2003):

A psicologia social procura descobrir as condições que originam os vários comportamentos sociais. As relações causais entre as variáveis são fundamentos importantes para a construção da teoria; e a teoria, por sua vez, é fundamental para a previsão e o controle do comportamento social. (MICHENER; DELAMATER; MYERS, 2002, p. 3).

Assim, o enfoque da Psicologia Social aborda os fenômenos sociais na sua dimensão subjetiva, buscando compreendê-los a partir da análise de fatores intrínsecos ao eu, que vai se constituindo ou passando por modificações na maneira de atuação e inserção social do indivíduo em seu ambiente social (GONÇALVES; BOCK, 2003).

Considerando esse contexto, Durkheim (1970), pontua a existência, em cada indivíduo, de duas consciências, a coletiva e a individual. A primeira, relativa ao grupo, e a segunda, específica do indivíduo. A consciência coletiva engloba as crenças e os sentimentos comuns a um determinado grupo, que formam um sistema estabelecido no qual as diferenças estão contidas na realidade, e essa consciência coletiva une gerações.

Assim, o pensar, o sentir e as atitudes do indivíduo ocorrem de acordo com a determinação do grupo ao qual ele pertence, ou seja, a realidade da vida cotidiana é partilhada com outros (BERGER; LUCKMANN, 2003).

Por outro lado, de acordo com Chamon e Chamon (2007), o desprendimento da psicologia social como ciência autônoma ocorreu no século XIX, opondo-se à dicotomia entre o individual e o social. Dessa maneira, os estudos em psicologia social foram concebidos a partir do abandono da díade sujeito-objeto e de um processo de negação da psicologia social como prolongação ou complemento, tanto da psicologia, quanto da sociologia.

Sendo assim, os estudos em psicologia social são direcionados ao entendimento de como o conhecimento é construído e integrado pelo indivíduo e como suas condutas são moduladas por esse conhecimento compartilhado. Tais

estudos estão calcados em várias teorias e conceitos propostos, a fim de responder às múltiplas questões acerca da construção do conhecimento em um contexto social, advindo daí o socorro de teorias afins, como a teoria da personalidade, a categorização social, a teoria do engajamento, entre outras.

O indivíduo, na perspectiva da psicologia social, não é um receptáculo passivo de estímulos vários do contexto social em que se encontra, tampouco tem suas respostas padronizadas à maneira que esperavam os fundadores da psicologia positivista; pelo contrário, aqui o indivíduo deixa de ser mero autômato e passa a protagonizar igualmente mudanças em seu entorno em razão de sua autodeterminação fundida e refundida em um complexo e dinâmico impulso interacionista. O sujeito, portanto, não só responde a estímulos, como também os internaliza, interpretando-os como substratos de seu processo de natureza da ação humana, com o modo como a interação é conceituada e a sua relação com as instituições das quais faz parte (GIDDENS, 1982).

Enfatizando esse aspecto, retoma-se o ser individual, que tende a exercer os seus papéis e funções em ambientes dos quais faz parte e nos quais se envolve em situações específicas advindas de estímulos que vão sendo estabelecidos a partir de influências sociais e de relações interpessoais.

Ao abordar as influências sociais, consideram-se as habilidades sociais que, segundo Libet e Lewinsohn (1973), são as consequências sociais dos comportamentos, focando nas sequências comportamentais em ações emitidas pelos indivíduos, e as reações manifestadas em seu ambiente. Já Del Prette e Del Prette (2013), destacam que as habilidades sociais estão relacionadas a classes de comportamentos sociais distintos do repertório do indivíduo para resolver as relações interpessoais, enquanto a habilidade do indivíduo no contato social está relacionada ao desempenho de suas habilidades no seu contexto de vida.

Considerando essa abordagem, faz-se necessário enfatizar as modificações comportamentais que podem comprometer a maneira de agir e de se relacionar do indivíduo diante da manifestação do quadro de depressão, que engloba a presença da tristeza, da sensação de vazio ou da irritabilidade, acompanhado de alterações somáticas e cognitivas que afetam, de maneira significativa, a capacidade de funcionamento do indivíduo (DSM-5, 2014).

É importante considerar que a combinação entre déficits de habilidades sociais e situações negativas da vida são condições que favorecem o quadro de depressão, segundo Sergin (2000).

Assim, no próximo subitem abordam-se, os transtornos de humor e suas manifestações.

2.2. Histórico da depressão e seus reflexos na população

Existe um histórico sobre o quadro clínico de depressão. A primeira abordagem sobre a doença foi feita na Grécia, por Hipócrates, que descreveu sintomas de “aversão à comida, falta de ânimo, insônia, irritabilidade e inquietação” (CORDÁS, 2002, p. 48).

Se esses sintomas fossem de longa duração, seria considerado um quadro de melancolia.

Nesse sentido, antes de abordar o contexto histórico da descrição e delimitação da depressão, faz-se necessário que aspectos relacionados ao contexto da melancolia sejam enfatizados, considerando a necessidade da diferenciação entre os sintomas de depressão e de melancolia.

Lambotte (2007), diferencia a melancolia da depressão. Para ele, a melancolia está intrinsecamente vinculada a uma personalidade narcisista, enquanto a depressão não se vincula a uma taxionomia própria da personalidade. A caracterização da depressão é mais eficaz quando considera sua sintomatologia e seus contextos etiológicos, tais como sintomas de anedonia, apatia, abulia, na condição de sintomas e perdas, traumas, fraturas emocionais, como causas motrizes.

É importante salientar que o espectro de manifestação da depressão compreende, desde um leve quadro de apatia, até níveis mais severos de anedonia e abulia. Ademais, assim como o Transtorno Obsessivo Compulsivo ou Transtorno de Ansiedade Generalizada, a depressão é também conhecida como um transtorno do humor (SADOCK; SADOCK, 2007).

A alteração do humor tende a se manifestar através de uma oscilação quanto ao nível global de atividade, e a maioria dos outros sintomas é secundária ou compreendida no contexto de tais alterações. Os sintomas mais comumente

percebidos partem, tanto de alterações fisiológicas, quanto de mudanças de estados emocionais e cognitivos.

A partir das relações que o indivíduo desenvolve e mantém e dos vínculos que vão sendo estabelecidos a partir delas, ocorrem manifestações das emoções e suas alterações, como reflexo de situações específicas que incluem aspectos subjetivos.

Geralmente as pessoas vivenciam emoções diferenciadas e têm um repertório variado de expressões afetivas. Os transtornos de humor constituem um grupo de condições clínicas caracterizadas pela perda do controle e de uma experiência subjetiva de grande sofrimento (SADOCK, SADOCK, 2007).

Os registros sobre a depressão ocorrem desde a antiguidade, conforme já aludido. De acordo com Beck (2011), Hipócrates, pai da medicina, no século IV a. C., foi a primeira pessoa a aprofundar os estudos sobre depressão. O fundador da medicina ocidental desenvolveu meios de busca tendo como finalidade a explicação para a ocorrência de diversas doenças, que ele nomeou como sangue, bile negra e suas respectivas consequências quanto aos humores, como a melancolia. Inclusive, até pouco tempo atrás, a melancolia servia de parâmetro para se mensurar episódios de depressão.

Durante a idade média, a melancolia foi nomeada também como *Acídia*, fazendo referência à indiferença, apatia. Passou a assumir características de pecado, fator este que dificultou a sua aceitação ou tratamento adequado. Em 1680, surgiu o termo depressão, designando um estado de desânimo, perda de interesse (BECK; ALFORD, 2011).

Ainda de acordo com Beck (2011), com a consolidação da psicologia e da psiquiatria como ciências positivas, substituiu-se o termo melancolia pela denominação moderna - *depressão*.

De acordo com o DSM-5 (2014), os transtornos depressivos variam de acordo com os seguintes sintomas: a) Humor deprimido diariamente ou na maior parte do dia. O indivíduo demonstra estar triste, com sentimento de vazio, desesperança. Pode ser observação de outras pessoas, isto é, aponta-se que o indivíduo parece choroso. b) Diminuição do interesse ou falta de prazer na maior parte cotidianamente, por todas as atividades, sendo indicado por relatos ou por observação. c) Perda ou ganho de peso sem estar em dieta, tendo perdido 5% do peso corporal em 1 mês; redução ou aumento de apetite; insônia ou sono em

excesso diariamente. Sentimentos de incapacidade ou culpabilidade em demasia ou inapropriada; autorrecriação ou culpa por estar doente. Diminuição da capacidade de elaboração de raciocínio ou de concentração; indecisão diariamente. Ideação suicida e pensamentos recorrentes de morte (não somente medo de morrer), sem um plano específico para cometer suicídio.

Quanto à diferenciação de transtornos depressivos, devem-se considerar os critérios diagnósticos necessários para especificação do quadro da enfermidade, considerando a prevalência de aspectos, que variam segundo os sintomas citados anteriormente.

De acordo com os critérios citados, quando cinco (ou mais) dos sintomas estiverem presentes durante o período de duas semanas e “representarem uma mudança em relação ao funcionamento anterior”; quando “pelo menos um dos sintomas estiver relacionado ao humor deprimido ou ausência de interesse ou prazer”, corresponde ao nível mais leve de depressão; quando os sintomas causarem sofrimento clinicamente significativo ou prejuízo ao funcionamento social, profissional ou em outras áreas importantes da vida do indivíduo, correspondendo ao nível moderado de depressão; e, “quando o episódio não for atribuível aos efeitos fisiológicos de uma substância ou a outra condição médica”, tem-se um episódio depressivo maior (DSM-5, 2014).

Ter conhecimento sobre as diferenciações e a frequência dos sintomas é relevante, considerando-se a importância quanto ao grau apresentado da depressão, que poderá comprometer o desempenho das funções diárias, o rendimento, a capacidade de concentração, a sensação de bem-estar e a alteração do humor do indivíduo (SADOCK; SADOCK, 2007).

De acordo com a produção científica e artigos relacionados da Escola Paulista de Medicina e da Universidade Federal de São Paulo (2016), existem barreiras ao tratamento médico, e as causas vão de faltas de insumos materiais a diagnósticos incompletos e/ou incorretos.

Como já mencionado, a depressão impacta diretamente na economia das nações. Nesse sentido:

Segundo dados do Ministério da Saúde (2007), o custo de cada paciente internado no estado de São Paulo com algum tipo de transtorno de humor é de cerca de R\$ 1.000,00. Os custos com consultas, exames e hospitalizações chegam a ser de duas a quatro vezes maiores entre os que sofrem de depressão. A perda de produtividade e as faltas ao trabalho podem responder por até 60% dos custos com a depressão (LOPEZ;

MATHERS; EZZATI; JAMISON & MURRAY, 2006, *apud* ALMEIDA; FARO, 2016, p. 3)

O fato citado acima retrata parte das limitações encontradas diante da ocorrência de um quadro de depressão.

Deve-se considerar que a manifestação e o desenvolvimento dos sintomas do quadro de depressão afetarão direta e indiretamente a qualidade de vida global do indivíduo, suas funções vitais e sua capacidade laboral. Tal fato evidencia a necessidade de ações preventivas, de intervenção e investimento em pesquisas, tendo como objetivo maior aplicabilidade de cuidados nessa área da saúde.

2.3 Representação Social da Depressão para Graduandos

A Teoria das Representações Sociais (TRS) serviu de alicerce ao presente estudo, visto que o objetivo foi investigar as representações sociais da depressão para os graduandos de uma IES do vale do Paraíba paulista.

Em 1961, Serge Moscovici publicou *A Psicanálise: Sua imagem e Seu Público* e propôs a TRS como fenômeno científico interdisciplinar. Em sua tese de doutorado argumenta que a psicologia social ocupa uma posição única e estratégica entre as ciências sociais e, especificamente, entre a sociologia e a antropologia social (MARKOVÁ, 2017).

No que tange aos conhecimentos psicossociológicos, faz-se necessário enfatizar os aspectos relacionados aos pensamentos do indivíduo. As representações sociais englobam dimensões cognitivas e saberes cotidianos. Trata-se de processos que se materializam em conteúdos representacionais expressos por meio de atos, palavras, de maneiras de viver, de diálogos estabelecidos e de conflitos que podem surgir a partir das relações interpessoais (JODELET, 2007).

A partir daí os estudos sobre as teorias acerca das RS proporcionaram a possibilidade de identificar e relacionar como o indivíduo e os grupos dos quais ele faz parte pensam e agem, as motivações dos pensamentos e das atitudes que os movem e as consequências desses pensamentos e ações em suas relações estabelecidas. Aliás, nas relações que irão se estabelecer poderão ocorrer processos que envolvam atitudes e transformações do conhecimento e nas relações interpessoais, assim como no desenvolvimento humano (MOSCOVICI, 2010).

Tais inter-relações referem-se a condutas, bem como a comunicações, nos contextos sociogrupais (DOISE, 1973).

Assim, é importante elucidar a possibilidade de o indivíduo conduzir-se, ajustar-se, localizar-se de maneira física ou psíquica, ter a capacidade de identificar e resolver problemas que o meio social impõe, por meio do compartilhamento de realidades, e se apoiar em suas vivências, buscando saber qual é a sua relação com o mundo, que é uma das possibilidades de pesquisas em RS (JODELET, 1993).

Os estudos em RS são importantes para evidenciar como ocorre a construção dos conhecimentos por meio das relações sociais em contextos amplos e específicos. As trocas quanto aos conteúdos absorvidos e transformados ao longo dos processos que ocorrem na vida, levam a compreender como as representações sociais são constituídas. As relações estabelecidas com o “outro” e com o “mundo” formam a base do surgimento das representações e o arcabouço de sentidos que essas RS encerram (MOSCOVICI, 2007).

É possível afirmar que a origem das representações sociais da depressão situa-se no compartilhamento de conhecimentos dos vários grupos por meio de experiências e comunicações estabelecidas entre eles e em relações sociais que se repetem ao longo das vivências dos indivíduos.

Jodelet (2001), afirma que se trata de uma forma de conhecimento elaborado e compartilhado pelo grupo e que tem um objetivo prático. Dessa forma, contribui para a construção de uma realidade comum ao grupo. Assevera a pesquisadora que as RS se inserem no campo de conhecimento do senso comum, também chamado de *saber ingênuo* ou *saber popular*.

E, mesmo quando estão em oposição ao saber científico, tais representações não são destituídas de importância, sendo reconhecidas pela comunidade científica como objeto legítimo de estudo.

A pesquisa em RS volta-se para os conteúdos e para as motivações que movem os indivíduos, as crenças que permeiam as relações interpessoais, bem como propicia melhor visão sobre as múltiplas inter-relações entre as influências desses pensamentos e ações nos ambientes das relações estabelecidas.

E isso engloba as dimensões cognitivas, sociais e afetivas desse processo:

[...] o que é importante é a natureza da mudança, através da qual as representações sociais se tornam capazes de influenciar o comportamento do indivíduo participante de uma coletividade. É dessa maneira que elas

são criadas, internamente, mentalmente, pois é dessa maneira que o próprio processo coletivo penetra como o fator determinante, dentro do pensamento individual. Tais representações aparecem, pois, para nós, quase como que objetos materiais, pois eles são o produto de nossas ações e comunicações (MOSCOVICI, 2007, p. 40).

Quando há a elaboração de um determinado acontecimento ou fato, apreende-se, a um só tempo, o conteúdo e o sentido a ele inerente, substâncias constituintes do pensamento socialmente edificado. A matéria do pensamento origina-se de conteúdo e da forma dinâmica do ato de pensar (FRANCO, 2004).

De acordo com a OMS (2017), o sentido do que venha a ocorrer com o indivíduo com quadro de depressão pode estar associado às sensações de vazio, de baixa autoestima, visão de mundo limitada, alteração do apetite, alteração da capacidade de concentração, abalo da confiança, medo de ser julgado por outras pessoas e irritabilidade.

Para o graduando que recorre ao trabalho de apoio psicopedagógico, a manifestação dos sintomas de depressão aparece, inicialmente, como um problema secundário, ou seja, a verbalização e manifestação sobre o comportamento insatisfatório são projetadas nas queixas relacionadas a problemas de cunho acadêmico, financeiro, a dificuldades em relacionamentos afetivos e, também, familiares, além dos profissionais.

A abstração da situação de fragilidade e a posterior aceitação pela busca de condições de enfrentamento tornam-se, muitas vezes, um contexto delicado, pois o não reconhecer a necessidade de ajuda, o isolar-se das pessoas, o questionar-se sobre o sentido da vida podem ter um período de duração indeterminado e dependerão, também, do reconhecimento da necessidade de aceitar ajuda de cunho profissional e da importância de pessoas como referência de vínculo positivo na vida do graduando (OMS, 2017).

As representações sociais nos atingem com essas dissonâncias, engavetamentos, contradições e outros curtos-circuitos intelectuais, dos quais seus usuários não parecem dar-se conta nem procuram retificar. Elementos afetivos, uma indiferença em relação à lógica e preconceitos estão certamente implicados (JODELET, 2005, p. 19).

Nesse sentido, entende-se como relevante a revisão de estudos que se dedicaram a retratar os cursos de graduação com maior índice do quadro de Depressão.

A seguir, são apresentadas pesquisas realizadas sobre a Representação Social da depressão para graduandos.

2.4 Estudos sobre a depressão e suas representações sociais para graduandos

Para esta etapa, apresentam-se os trabalhos realizados sobre os temas “representações sociais e depressão”, “depressão” e “graduandos”.

Essa busca se efetivou por meio de um mapeamento sobre os temas mencionados, caracterizando-se como “Estado da arte” ou “Estado de conhecimento”. Trata-se de um tipo específico de pesquisa na qual se pretende conhecer como se encontram as pesquisas atinentes ao objeto deste estudo, ou seja, RS da depressão para graduandos.

Segundo Romanowski e Ens (2006), o “Estado da Arte” tem o objetivo científico de compilar as produções afins com o tema e/ou objeto de pesquisa, com intuito quanti-qualitativo. Explica-se: ao se compilarem todas as produções que se assemelham segundo critérios objetivos de indexação, procede-se a uma aferição quantitativa sobre o conjunto das obras que trataram daquele mesmo tema.

Por outra via, também é qualitativo, vez que, ao se compararem as diversas conclusões, chega-se a um estágio essencial de construção de hipóteses.

Para o presente trabalho, pesquisaram-se, no período janeiro/2008 – dezembro/2017, as bases de dados da *SciELO (Scientific Eletronic Library Online)*, biblioteca eletrônica que abrange uma coleção selecionada de periódicos científicos brasileiros; o banco de dissertações do Programa de Pós-graduação – Mestrado em Desenvolvimento Humano – MDH da UNITAU e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – banco de teses e periódicos.

Os descritores utilizados para a localização de trabalhos sobre o objeto de estudo escolhido foram: “*Representações Sociais*”, “*Depressão*”, “*Graduandos*”, com delimitação temporal (2008 a 2017), quando o estudo foi iniciado no Programa de Mestrado em Desenvolvimento Humano.

Consideraram-se os bancos de dados que oferecessem acesso a produções publicadas em revistas científicas baseadas em pesquisas com enfoque no estudo da Depressão e suas representações sociais para graduandos e que, portanto, se referiam à mesma temática do presente trabalho.

Os resultados obtidos foram inicialmente refinados, a partir da identificação dos que continham, no título e/ou no resumo, o tema de interesse deste estudo. Na busca com o descritor “RS”, selecionaram-se trabalhos que continham conteúdo de interesse do pesquisador, além do termo depressão para universitários. Após o refinamento para o descritor “RS e Depressão”, foram selecionadas produções que se referiam aos universitários.

Dessa forma, a partir dos descritores “RS”, “depressão” e “graduandos” foram encontrados 4 dissertações na CAPES – banco de teses e periódicos, e 13 artigos na *SciELO*, no período 2008 - 2017, que abordavam o tema das representações sociais relacionadas aos descritores citados. Optou-se por destacar somente os trabalhos que abordassem o tema depressão para o graduando, sendo considerados 17 trabalhos, conforme Quadro 1.

Quadro 1 – Número de publicações científicas

NÚMERO DE PUBLICAÇÕES	SITE DE HOSPEDAGEM
13	SciELO
04	CAPES

Fonte: Elaborado pela autora

A leitura das pesquisas (4 dissertações de mestrado e os 13 artigos referidos nos quadros) foi definida por critérios de relevância e proximidade com o tema proposto. Contribuem para o desenvolvimento das etapas da pesquisa, pois abordam um conjunto de informações relevantes a respeito das representações sociais da depressão para graduandos, colaborando assim para o esclarecimento do problema de pesquisa.

Alguns dos autores citados nesses documentos são abordados nos capítulos seguintes para tratar de questões sobre o tema RS, depressão e graduandos e as correlações entre essas realidades.

A análise desses documentos foi dividida em três grupos, indicados nos Quadros 2, 3 e 4, referentes a depressão no contexto universitário; Depressão e suicídio; e, Depressão e intervenção.

Quadro 2 – Depressão no contexto universitário

Autor Título/Fonte	CUNHA, LohannaNolêto Bueno Braz. Depressão: intervenção pela abordagem analítico- comportamental' 01/04/2013 93 f. Mestrado em Psicologia. Fonte: Pontifícia Universidade Católica de Goiás.
Autor Título/Fonte	LAMEU, Joelma do Nascimento. Estresse no ambiente acadêmico: revisão sistemática e estudo transversal com estudantes universitários.' 30/04/2014 76 f. Mestrado em Psicologia. :Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRJ).
Autor Título/Fonte	LIVIO, Thiene Salazar. Transtorno de Adaptação: uma revisão sistemática e sua prevalência entre estudantes universitários' 30/04/2014 80 f. Mestrado em Psicologia.
Autor Título/Fonte	ROSANTI, Sofia. Como os sintomas de transtornos mentais e comportamentais influenciam a memória operacional de universitários?' 06/08/2015 77 f. Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem. Instituição de Ensino: Universidade Est.Paulista Júlio de Mesquita Filho/Bauru.
Autor Título/Fonte	FONSECA, Aline Arruda; COUTINHO, Maria da Penha de Lima e AZEVEDO, Regina Lúgia Wanderlei. Representações Sociais da Depressão em Jovens Universitários com e sem Sintomas para Desenvolver Depressão. Psicologia: Reflexão e Crítica.
Autor Título/Fonte	BAPTISTA, Makilim Nunes; CARNEIRO, Adriana Munhoz. Validade da escala de depressão: relação com ansiedade e stress laboral. Estud. Psicolog. (Campinas) vol.28 no.3 Campinas July/Sept. 2011.
Autor Título/Fonte	BAPTISTA, Makilim Nunes; CARDOSO, Hugo Ferrari; GOMES, Juliana Oliveira.Escala Baptista de Depressão (Versão Adulto) – EBADEP-A: validade convergente e estabilidade temporal. Psico-USF vol.17 no.3 Itatiba Sept./Dec. 2012.
Autor Título/Fonte	SOUZA Mayra Silva de; BAPTISTA, Makilim Nunes; ALVES, Gisele Aparecida da Silva. Estudos psicométricos preliminares da Escala Baptista de Depressão para Adultos.Estud. Psicolog. (Campinas) vol.28 no.3 Campinas July/Sept. 2015.
Autor Título/Fonte	ROCHA-ALMEIDA, Laís Gabriela; FARO, André. Levantamento dos principais achados de estudos nacionais sobre a Depressão - uma revisão sistemática de literatura.RevIPI2, 017101 (2016).
Autor Título/Fonte	BOLSONI-SILVA, Alessandra Turini; LOUREIRO, Sonia Regina. O Impacto das Habilidades Sociais para a Depressão em Estudantes Universitários. Psic.: Teor. e Pesq. vol.32 no.4 Brasília 2016 Epub 22-Jun-2017.

Fonte: Elaborado pela autora

Investigando o contexto da depressão quanto à intervenção pela abordagem analítico-comportamental, Cunha (2013), apresentou o histórico do quadro de depressão e suas manifestações comportamentais. Nesse sentido, Skinner (1953; 2000) define o comportamento considerando três processos de seleção e de variação: o biológico, a história individual da pessoa e a história social da qual o indivíduo faz parte. Isso faz sentido quanto ao entendimento do quadro de depressão e da maneira como a doença se manifesta em cada indivíduo. Assim, o binômio estímulo-resposta, quando se trata do comportamento humano, não pode prescindir da dimensão sociológica, para que se avaliem quaisquer acontecimentos inerentes à realidade intrapsíquica.

Segundo Valle e Frieze (1976), faz-se necessário mencionar a ocorrência da atribuição de causas da depressão que são multifatoriais, nas quais o indivíduo está em uma situação psicossocial.

Mesmo porque as atribuições para o desempenho do sujeito são importantes por influenciarem de maneira positiva ou negativa as reações emocionais diante de expectativas e aspirações futuras.

No estudo referente ao estresse no ambiente acadêmico: revisão sistemática e estudo transversal com estudantes universitários, a ênfase recai sobre as interferências externas no processo de adaptação e de condições de enfrentamento diante dos sintomas de estresse, considerando os ajustes essenciais nas ocorrências de rupturas necessárias e o fato inevitável da inserção em novos ciclos de vida experienciados pelos acadêmicos.

Trata-se de um novo período de aprendizagens e estabelecimento de rotinas, e também de percepção quanto aos limites, tendo em vista a preservação da saúde física e psicológica do aluno, que está diretamente ligada à sua vida acadêmica.

De maneira geral, os universitários estão constantemente submetidos ao estresse de provas e cobranças externas (pessoais, familiares e sociais) quanto ao objetivo de obterem excelente desempenho nos estudos. Essas pressões podem gerar um estado de ansiedade prejudicial ao desempenho acadêmico. Sem contar com os que já residem fora do ambiente familiar, que podem ter problemas de relacionamento e/ou sentir falta de ambiente adequado para estudo.

O início na vida universitária representa uma fase em que os indivíduos passam a vivenciar novos processos acadêmicos e sociais. Para muitos deles trata-se de uma fase difícil e estressante (BAKER, 2003).

É importante destacar a abordagem que Días e Gómez (2007), fazem quanto ao ambiente acadêmico, que pode ser estressante quando não há condições adequadas para o desenvolvimento saudável. O incentivo para interação entre alunos, professores e suas famílias, o fato de os alunos, desde a fase inicial de adaptação, vivenciarem boas relações com os outros e com os seus professores, para realização de tarefas, avaliações, com menos desgaste mental no desejo de concluir as fases do período acadêmico, e outros fatores, podem ser desenvolvidos a partir da manifestação de necessidade de ajuda.

Essa fase na vida do graduando envolve novas maneiras de pensar, de sentir e de manifestar-se sobre como gostariam de se comportar em relação à vida

acadêmica. Nesse sentido, de acordo com Triandis (1971), o comportamento não é apenas determinado por aquilo que as pessoas gostariam de fazer, mas também por aquilo que elas pensam que devem fazer e por aquilo que elas geralmente têm feito, o que diz respeito a hábitos, valores e consequências esperadas de seu comportamento.

De acordo com Jodelet (2017), é relevante considerar a maneira como cada um vivencia uma dada situação e o modo como elabora sua experiência, por meio de um trabalho psíquico e cognitivo. As consequências positivas ou negativas a partir da situação vivenciada, bem como das relações e ações que elas desenvolvem na situação experimentada, retratam a necessidade de ajuda.

Mediante essa realidade, o atendimento psicológico pode contribuir de sorte a minimizar e, até mesmo, cessar, direta ou indiretamente, essa fase em que os educandos se encontram à mercê das consequências do estresse.

O N.A.D.D. pode encaminhar o graduando para o processo psicoterapêutico fora do ambiente institucional a partir do apoio psicopedagógico. O serviço de apoio estende-se aos graduados que sofrem ou estão na iminência de sofrer os graves efeitos da depressão no ambiente acadêmico.

O estudo sobre Transtorno de Adaptação: uma revisão sistemática e sua prevalência entre estudantes universitários relaciona o impacto das mudanças e a busca por adaptações na vida dos universitários. Considerando que há uma multiplicidade de fatores quanto a transformações no período de desenvolvimento acadêmico, há que se considerar o ajustamento que tende a ocorrer diante das circunstâncias desse período na vida dos jovens.

Em seu contexto de evolução, o ser humano está sempre se deparando com a necessidade de passar por readaptações às circunstâncias que vão surgindo ao longo de sua história. Em face dessa realidade, o nível de cobrança interno pode transcender os limites de enfrentamento do indivíduo, com potencial suficiente para gerar alterações comportamentais (LIPP, 2007).

Quando comparado aos transtornos de ansiedade ou depressivos, o diagnóstico diferencial deve ser realizado, a partir do pressuposto de que, além do transtorno adaptativo ser precipitado por um evento estressante de qualquer intensidade, o Transtorno de Adaptação só deve ser diagnosticado quando a sintomatologia do sujeito não se enquadrar em nenhum outro quadro mórbido afim (APA, 2000).

Assim, condições potenciais podem influenciar a realidade acadêmica do universitário, vindo mesmo a alterar o equilíbrio e a capacidade de elaboração do graduando quanto a suas necessidades de enfrentamento, que se potencializam no momento de inserção no ensino superior. Como esse período normalmente ocorre quando da inserção profissional, há necessidade, portanto, do serviço de apoio ao graduando.

Já o estudo Como os sintomas de transtornos mentais e comportamentais influenciam a memória operacional de universitários? - faz referência aos efeitos das emoções quanto ao funcionamento da memória. Baddeley (2007) investigou a influência das emoções sobre o processamento cognitivo ao analisar estudos sobre ansiedade e depressão, chegando a constatar uma grande diferença na natureza e mecanismos desses transtornos mentais e comportamentais.

Com base nesse estudo, é possível afirmar que, estados emocionais negativos, estados leves e moderados de depressão afetam componentes específicos da memória operacional (FALES *et al.*, 2010).

Nesse sentido, de acordo com Beck, Rush, Shaw e Emery (1982), é relevante enfatizar a má adaptação da estrutura cognitiva do indivíduo e os mecanismos de processamento de informação em uma determinada doença, a exemplo da depressão.

No estudo sobre RS da Depressão em Jovens Universitários com e sem Sintomas para Desenvolver Depressão é relevante pontuar os pressupostos iniciais quanto às RS que, segundo Moscovici (1972), buscavam superar dicotomias entre o individual e o social, o interno e o externo, o processo e sua estruturação. Isso porque a realidade social não é idealizada em termos dicotômicos, entre o individual e o social, ou entre indivíduo e grupo, indivíduo e sociedade.

A teoria das representações e da comunicação aplica-se ao estudo de tipos específicos de representações:

Ela estuda e constrói teoria sobre aqueles fenômenos sociais que se tornaram, por uma razão ou outra, sujeitos de interesse público. Esses fenômenos que são pensados e discutidos, esses fenômenos que causam tensão e provocam ações. Tais fenômenos no discurso público podem pertencer a diferentes tipos de eu-outro, isto é, a pessoas, grupos ou sociedades que se engajam ativamente em pensar e comunicar sobre tais fenômenos (MARKOVÁ, 2003, p. 143).

Nesse sentido, aborda-se aqui a realidade do fenômeno da depressão que emerge como resultante de uma inibição da pessoa de maneira global, que afeta a elaboração de raciocínio, causando alteração quanto à maneira como a pessoa vê o mundo, sente a realidade, compreende as coisas que acontecem e manifesta suas emoções.

De acordo com as pontuações realizadas no estudo de Coutinho e Saldanha (2005), com os sintomas em evidência acaba havendo impacto no relacionamento interpessoal, principalmente na estrutura familiar, e ocorrem, muitas vezes, situações de conflito e incompreensão. Por isso, Gonçalves (2003), reforça que é importante também considerar as narrativas de sofrimento por meio das quais o conjunto que excede o contexto individual é reconhecido socialmente, pois o sofrimento pode ser traduzido como parte do âmbito social. Deve-se buscar compreensão a partir da análise da subjetividade, que vai se constituindo ou passando por modificações na maneira de atuação e de inserção social do indivíduo.

Ao abordar o termo subjetividade, a ênfase se dá quanto aos conteúdos psíquicos ou de formação do indivíduo, ou seja, trata-se de algo que é interno, numa relação dialética com a objetividade, que se refere ao meio externo. Esse processo corresponde à singularidade de cada indivíduo e faz referência a um fenômeno psicológico inserido no mundo social (BOCK, 2004).

Esses aspectos evidenciam quão relevante passa ser o tema a ser estudado diante dos sintomas de depressão na vida do graduando. Estudar as RS dos graduandos quanto à depressão permite entender como os sujeitos compreendem a doença.

No estudo de Baptista e Carneiro (2011), os aspectos relacionados ao humor deprimido, considerando a frequência, a durabilidade e a intensidade, podem ser classificados patológicos, causando grande sofrimento para quem o vivencia, devido à sensação de limitação na tentativa de controlar os sentimentos e pensamentos.

Historicamente, o humor deprimido vem sendo estudado com uma variedade de nomenclaturas, indicando um desequilíbrio das emoções. Nesse sentido, a realização do diagnóstico para a classificação da doença, seu nome e uso são relativos à cultura em que estão inseridos. Isso implica afirmar que os conceitos de tristeza, melancolia e depressão variam de acordo com o aspecto cultural, conforme seu papel social e o período histórico (SADOCK; SADOCK, 2007).

Considerando os sistemas de produtividade e de relações interpessoais que passam a ser estabelecidas nas vivências, a depressão interfere de forma significativa na vida social do indivíduo e em sua qualidade de vida, podendo muitas vezes afetar a produtividade laboral (PEARLIN, 1982), pois os sintomas tendem a uma diminuição na produtividade, na capacidade de concentração, dentre outros aspectos.

Na atualidade temos vivenciado tempos de mudanças materiais, ideológicas, ecológicas e políticas em escala global, o que origina um aumento considerável das formas específicas e comunitárias de sofrimento. De acordo com Dunker (2015), por meio do sofrimento humano todos se reconhecem, possibilitando esse reconhecimento o fato de o indivíduo colocar-se no lugar do outro. Dito de outra forma, o sofrimento é indissociável de uma experiência que mobiliza sistemas sociais de valores, narrativas e expectativas fracassadas de reconhecimento.

Nesse sentido, é possível considerar que o processo de formação do universitário é cercado de influências externas, componentes cognitivos (conhecimentos, maneira de encarar o estudo e seus desafios), suas crenças, busca de equilíbrio no ato de pensar, estruturar o raciocínio e suas ações, na tentativa de conciliar a vida acadêmica, profissional, relações interpessoais e sua produtividade.

Por meio do estudo apresentado no **Quadro 2** sobre depressão e estresse laboral - reforça-se a possibilidade de uma ligação e associação quanto ao quadro de depressão, de ansiedade, as consequências da produtividade laboral (estresse) e a conciliação com a vida acadêmica, tendo em vista que se objetiva a obtenção de resultados positivos e o rendimento, tanto na carreira profissional, quanto no comprometimento acadêmico.

No estudo sobre Escala Baptista de Depressão (Versão Adulto) – EBADEP-A: validade convergente e estabilidade temporal, é possível afirmar que a depressão passou a ser investigada como uma condição bastante comum na população mundial, principalmente quando se consideram estudos epidemiológicos multicêntricos, com amostragens significativamente representadas.

Estudos realizados sobre a maneira de diagnosticar o quadro de depressão segundo DPhil, Sheldon e House (2008), possibilitam intervenções adequadas, diante da realidade quanto à variação do tratamento, considerando a avaliação dos sintomas de maneira mais específica, quanto às categorias somática e cognitiva.

As oscilações quanto às medidas de depressão podem ocorrer em diversos parâmetros, e a escolha da medida mais adequada, de acordo com o objetivo do clínico ou pesquisador, também faz parte do processo da avaliação psicológica (KLEIN; COLS, 2005).

Por isso, há necessidade do desenvolvimento de instrumentos de rastreamento que discriminem, com a máxima especificidade, o quadro de depressão, incluindo evidências de validade e confiabilidade, os possíveis casos na população.

Na pesquisa realizada, houve variação quanto às realidades dos participantes com ou sem sintomas de depressão, incluindo a manifestação dos sintomas em relação aos níveis do quadro geral, a partir do nível leve. De acordo com Calil e Pires (1998), a porcentagem de itens em cada categoria dos instrumentos de depressão (ex.: afetivo, cognitivo, somático) inclui a variabilidade das respostas.

Quanto aos aspectos afetivo, cognitivo e somático, é válido pontuar que eles precisam ser avaliados de forma particular porque envolvem a subjetividade.

De acordo com Fishbein e Raven (1962), o componente afetivo diz respeito a um sentimento pró ou contra um determinado objeto social. Já o somático faz referência ao que envolve o corpo, e o cognitivo envolve as crenças, o conhecimento e a maneira de observar um objeto.

Dando sequência à descrição dos estudos já realizados que contribuem para a percepção das diferenças e dos aspectos similares da atual pesquisa, Souza, Baptista e Alves (2015) abordam os estudos psicométricos quanto à depressão para adultos com base na relação com outras variáveis, por meio de grupos, critérios e índices de sensibilidade, especificidade e precisão. A escala tem como objetivo mensurar/medir a percepção e a possibilidade de que as limitações identificadas possam ser superadas.

Diante dos dados que foram levantados sobre o quadro de depressão e o sobre que tange suas variações, outras enfermidades podem ocorrer ao mesmo tempo. Chegando a ser classificadas como comorbidades, essas enfermidades dizem respeito à existência de duas ou mais doenças simultaneamente na mesma pessoa, como a doença cardíaca, por exemplo, dentre outras (DEL PORTO, 1999).

É fato que a sociedade é mais “depressiva” como uma consequência relacionada às diversidades de fatores bem característicos que determinam e

perpetuam o enquadramento da depressão como uma das grandes modalidades de “mal-estar” nas vivências e desafios do dia a dia (DUNKER, 2015).

Kehl (2009) caracteriza o aumento das depressões na atualidade como um sintoma social, pois em contextos históricos distintos há diferentes sinalizadores do mal-estar oriundo da vida em cultura, considerando o fato de os indivíduos viverem suas individualidades ao mesmo tempo em que constroem uma sociedade.

Objetivando melhor compreensão sobre o que é sinalizado pelos depressivos em relação ao discurso social, Kehl (2009), analisa aspectos das condições discursivas da atualidade: o contexto que envolve a relação de urgência e produtividade com o tempo, a escassez da narrativa de experiências vivenciadas, as exigências do “fazer” no meio social, o fato de ter que gerar produto, a valorização excessiva quanto ao consumo, o desligamento das gerações antepassadas, entre outros.

Assim, a importância da realização do diagnóstico o quanto antes é essencial para direcionar ao tratamento adequado os que apresentarem o quadro de depressão.

Já no artigo “Levantamento e principais achados de estudos nacionais sobre a Depressão - uma revisão sistemática de literatura”, Rocha-Almeida e Faro (2016), enfatizam que há necessidade de diferenciar tristeza de depressão, pois os sintomas podem ser parecidos, mas apresentam especificidades com relação à intensidade, à duração e à percepção das causas envolvidas. De acordo com Coutinho (2005), a depressão vem recebendo significados que sofrem transformações de acordo com a época e o meio social. Isso foi possível ser retratado neste trabalho, pois os graduandos, quando questionados sobre a depressão, não sabiam defini-la, mas faziam associação dos sintomas descritos em bases científicas com as sensações vivenciadas por eles.

Ao considerar os posicionamentos de Dunker (2017), quanto aos sintomas de depressão, é relevante pontuar que todo sintoma evidencia um trabalho subjetivo. Sendo assim, há depressões embasadas no luto patológico, no qual há um prolongamento quanto à resposta esperada para a perda. Trata-se da representação do quanto o existir é doloroso. Há também depressões que fazem referência à crise narcísica, na qual o depressivo passa a negar o seu desejo reconhecido, levando a decepções que reduzem a sua autoestima (baixa autoestima). Há ainda um terceiro tipo de depressão, a que faz referência à incapacidade psíquica de reparar laços.

Essa alteração do humor é normalmente acompanhada por uma alteração no nível global de atividade, e a maioria dos outros sintomas é secundária ou compreendida no contexto de tais alterações (OMS, 2017).

Grande parte dos transtornos tende a ser recorrente, e o início dos episódios individuais é frequentemente relacionado com eventos ou situações estressantes (SADOCK; SADOCK, 2007).

Dessa forma, após a apresentação desses trabalhos, é possível afirmar que o quadro clínico de depressão e suas variadas formas e classificações ocupam lugar de destaque na contemporaneidade.

Considerando a incidência de diagnósticos referentes a esses estados afetivos, tornou-se comum ouvirmos que alguém sofre dessa enfermidade. Sendo assim, a aplicabilidade do termo “depressão” tornou-se familiar quanto à identificação e quanto a rótulos que consideram as mais variadas queixas de angústia e mal-estar na atualidade, para quem recorre ao trabalho de suporte emocional tendo como objetivo trabalhar as condições de enfrentamento diante dessas sensações de descontentamento e angústia (TAVARES, 2010).

A realidade retratada acima reforça a importância do trabalho de apoio psicopedagógico, pois se trata de uma leitura inicial quanto aos contextos de dificuldades específicas relatadas, uma leitura que favorece o encaminhamento para o suporte psicoterapêutico.

Por meio do estudo sobre O Impacto das Habilidades Sociais para a Depressão em Estudantes Universitários, constatou-se como é significativo considerar o contexto das habilidades sociais de maneira positiva ou não, pois elas refletem nas vivências dos universitários, podendo influenciar quanto ao favorecimento do quadro de depressão.

Dando continuidade à conceituação de habilidades sociais, Caballo (1996), define-as como um conjunto de comportamentos emitidos por um indivíduo, em um contexto interpessoal, que expressa seus sentimentos, atitudes, desejos, opiniões ou direitos de modo adequado às situações, respeitando esses comportamentos nos demais. Ao mesmo tempo, resolve os problemas imediatos de uma situação enquanto minimiza a probabilidade de ocorrência de futuros problemas.

Por outro lado, a falha no estabelecimento desses vínculos e relacionamentos interpessoais pode acarretar, desde sentimento de insegurança, rejeição,

insatisfação e sensação de solidão, até problemas mais graves, como transtornos psiquiátricos (DUNKER, 2017).

De acordo com Sergin (2000), que se baseou em uma revisão da literatura, a combinação entre *déficits* de habilidades sociais e eventos negativos da vida são condições favorecedoras do quadro de depressão. Isso implica dizer que, se por um lado uma pessoa que possua um bom repertório de habilidades consegue identificar o quão útil pode ser o suporte social, as pessoas com *déficits* tendem a vivenciar situações que geram o estresse e têm menos assistência e suporte social para lidar com esses eventos. O autor ressalta ainda que *déficits* em habilidades sociais podem se associar ao quadro de depressão.

Considerando o contexto de fundamentação da pesquisa, Evraire e Dozois (2011), constataram que pessoas que possuem os sintomas de depressão emitem alguns comportamentos interpessoais, relacionados à busca por excessiva reafirmação e obtenção do retorno negativo, que resultarão em consequências negativas. Nesses momentos, elas tendem a buscar compensação para um conjunto de sensações negativas. Buscam tranquilidade no estabelecimento de vínculos com pessoas próximas, na tentativa de aumentar o efeito positivo e aliviar sua insegurança, porém nem sempre de maneira satisfatória.

A principal contribuição desse estudo foi avaliar múltiplos comportamentos de habilidades sociais, com ênfase nas potencialidades, dificuldades e percepções de consequências para as interações.

Discutem-se agora os textos encontrados que relacionam trabalhos de RS e depressão com o suicídio, conforme indicado no Quadro 3.

Quadro 3 – Depressão – Suicídio

Autor Título/Fonte	KAY, Francis Leal Vieira; COUTINHO, Maria da Penha de Lima. Representações sociais da depressão e do suicídio elaboradas por estudantes de psicologia. <i>Psicologia: ciência e profissão</i> , 2008. <i>Psicologia: ciência e profissão</i> .
Autor Título/Fonte	VASCONCELOS-RAPOSO, José; SOARES, Ana Rita; SILVA, Filipa; FERNANDES, Marcos Gimenes; TEIXEIRA, Carla Maria. Níveis de ideação suicida em jovens adultos. <i>Estud. psicol. (Campinas)</i> vol.33 no. 2 Campinas abr./jun. 2016.
Autor Título/Fonte	SANTOS, Hugo Gedeon Barros dos; MARCON, Samira Reschetti; ESPINOSA, Mariano Martinez; BAPTISTA, Makilin Nunes; PAULO, Paula Marianh Cabral de. Fatores associados à presença de ideação suicida entre universitários. <i>Rev. Latino-Am. Enfermagem</i> 2017; 25: e 2878.
Autor Título/Fonte	PEREIRA, Adelino Antônio Gonçalves e CARDOSO, Francisco Manuel dos Santos. Investigando Preditores Psicológicos de Ideação Suicida em Estudantes Universitários. <i>Psic.: Teor. e Pesq.</i> [online]. 2017, vol.33, e33420. Epub 08-Jan-2018.

Fonte: Elaborado pela autora.

No artigo “*RS da depressão e do suicídio elaboradas por estudantes de psicologia*”, Kay e Coutinho (2008) abordam a realidade que faz referência a um conjunto de mudanças nas vivências do estudante que inicia a vida acadêmica. Essas mudanças incluem processos de rupturas quanto à rotina familiar antes estabelecida. O estudante depara-se com o novo e com a possibilidade de experienciar situações de conflito, de acordo com Figueiredo e Oliveira (1995). Sendo assim, segundo as autoras a sensação de desequilíbrio emocional tende a surgir como consequência da insegurança advinda das novas relações.

É válido abordar que há a ocorrência de conflitos, diante da necessidade dos processos de mudança por todo o ciclo de vida do indivíduo, considerando as condições sócio históricas de seu tempo. E isso inclui as circunstâncias que interferem na vida do indivíduo, sendo necessário rever prioridades na vida do estudante que possam favorecer o seu desenvolvimento e a sua maturidade.

Diante das possíveis dificuldades quanto à adaptação aos desafios, o aluno poderá se deparar com sintomas de estresse, que refletirão diretamente na qualidade de seus relacionamentos, acarretando baixa produtividade escolar, angústias e estados de depressão.

Assim, é possível nomear o mal-estar e articulá-lo em narrativa considerando uma forma de sofrimento. O indivíduo passa a fazer parte de uma comunidade invisível, ou seja, daqueles que vivenciaram essa realidade antes dele e daqueles que ainda a experimentarão. (DUNKER, 2015).

Considerando o estudo realizado por Vasconcelos-Raposo; Soares; Silva; Fernandes e Teixeira (2017) sobre o suicídio como um grave problema, é relevante discorrer sobre o impacto dessa realidade na saúde pública. O suicídio encontra-se classificado entre as dez principais causas de morte na população mundial, englobando todas as faixas etárias, e ocupa o terceiro lugar como ocorrência em jovens entre 15 e 35 anos. Os dados sociodemográficos são necessários para compreensão da realidade que fundamenta os aspectos da amostra.

A OMS (2017), aponta que a depressão será a doença mais comum no mundo em 2030, afetando mais pessoas do que qualquer outro problema de saúde, incluindo cânceres e doenças cardíacas. A depressão interfere em todas as esferas da vida do indivíduo, abrangendo relações pessoais e produtividade. No entanto, falsas crenças sobre a sintomatologia do transtorno dificultam a identificação do

problema, pois algumas pessoas, por preconceito e/ou vergonha, não buscam tratamento adequado.

Iniciar a vida universitária leva à ocorrência de diversas modificações na dinâmica dos jovens estudantes. Nessa fase, marcada por desafios e incertezas, podem surgir vários problemas associados à alteração comportamental e emocional, como a depressão (DUNKER, 2017).

A conclusão do estudo realizado retrata que, ao se comparar universitários com não-universitários, os dados sugerem que a vida universitária, por si só, não instiga à ideação suicida. Sendo assim, sugere-se que estudos que venham a abordar o problema de suicídio entre universitários incluam outras variáveis, para que haja uma análise criteriosa sobre a incidência da taxa de ideação suicida entre eles.

Tendo como base o artigo sobre ideação suicida entre universitários, é relevante pontuar dados sobre o suicídio, dados estes divulgados pelo Ministério da Saúde (2017), que mostram o aumento quanto aos casos de suicídios entre 2011 e 2015, no Brasil. Segundo o Ministério, esta é a quarta maior causa de mortes de jovens de 15 a 29 anos.

Diante da realidade presente no século XXI, de maneira mais acentuada, é válido considerar que, de acordo com Durkheim (2000), o suicídio refere-se a todo caso de morte que resulta direta ou indiretamente de um ato, positivo ou negativo, realizado pela própria vítima e que ela sabia que produziria esse resultado. A tentativa é o ato assim definido, mas interrompido antes que dele resulte a morte.

Ainda segundo Durkheim (2000), deve-se discorrer sobre o fato de que toda ruptura do equilíbrio social, quando ocorre repentinamente, sempre leva tempo para produzir todas as suas consequências. A evolução do suicídio compõe-se assim de movimentos, distintos e sucessivos, que ocorrem por ímpetos, desenvolvendo-se durante um tempo, depois se detendo, para em seguida recomeçar, como em ciclos, porém provocado por algo associado ao aspecto de finalizar.

Sendo assim, é relevante ponderar sobre o fato de que os universitários fazem parte de um grupo que tende a lidar com desafios e pressões, por estarem em um ambiente acadêmico. Nesse ambiente ocorrem mudanças quanto à rotina, sua organização, pressões quanto ao desempenho, e inserção em novos grupos.

A partir da necessidade de adaptação ao sistema acadêmico, os universitários passam a ficar expostos a exigências constantes, que por vezes

acabam levando a disfunções no seu bem-estar, podendo originar vários processos patológicos, inclusive os neuropsíquicos.

Esse problema é relatado por Cremasco e Baptista (2017), em sua pesquisa, que revela que uns percentuais de 15% a 25% dos estudantes de graduação desenvolvem algum tipo de transtorno mental durante a sua formação, sendo a depressão um dos mais prevalentes.

O estudo referente à Investigação dos Preditores Psicológicos de Ideação Suicida em Estudantes Universitários abordou aspectos essenciais quanto a aspectos de vida do universitário. A OMS (2016) alertou para esse grave problema, que diz respeito à saúde pública responsável por uma morte a cada 40 segundos, no mundo.

Considerando dados de pesquisa de 2012 da agência da ONU, mais de 800 mil pessoas morrem por suicídio todos os anos no mundo, tendo se tornado a segunda principal causa de morte entre jovens com idade entre 15 e 29 anos. É importante destacar que o meio social influencia nesses resultados, pois cerca de 75% dos suicídios ocorrem em países de baixa e média renda.

Um dos fatores que contribuem para o desenvolvimento de tendências suicidas é a depressão, e vários suicídios ocorrem de forma impulsiva em momento de crise, como retrato da impotência na capacidade de lidar com os estresses da vida, que podem incluir problemas de ordem financeira, términos de relacionamento ou dores crônicas e doenças, afirmou a ONU (2012).

De acordo com Nocket *al.* (2009), a ideação suicida está associada a vários distúrbios psicológicos, incluindo depressão, diante de seu agravamento e da ausência de cuidados.

Outro aspecto relevante como pauta entre estudantes universitários é a ansiedade social. Diante dela, alguns estudos revelam que cerca de 20% dos estudantes apresentam esse transtorno, que dificulta o desempenho escolar, segundo Shah e Kataria (2010).

A partir das relações que o indivíduo desenvolve e mantém e dos vínculos que vão sendo estabelecidos a partir delas, ocorrem manifestações, alterações das emoções, como reflexo de situações específicas que incluem aspectos da subjetividade.

Cabe destacar que vários fatores têm sido apontados pela literatura, relacionados à ideação suicida, o que demonstra ser esse um evento multifatorial ou

multidimensional, segundo Pereira e Cardoso (2015). Aspectos mais subjetivos, como desesperança, impulsividade, agressividade, percepção do corpo, dificuldades de comunicação e falta de pertencimento social, vêm sendo apontados como possíveis desencadeadores do processo de ideação suicida, de acordo com Braga e Dell’Aglio (2012).

Finalmente, são discutidos os textos encontrados que relacionam trabalhos de depressão e intervenção, conforme indicado no Quadro 4.

Quadro 4 – Depressão – Intervenção

Autor Título/Fonte	LEMOS, Valdir Aquino; BAPTISTA, Makilim Nunes e CARNEIRO, Adriana Munhoz. Suporte familiar, crenças irracionais e sintomatologia depressiva em estudantes universitários. <i>Psicol. Cienc. Prof.</i> [online]. 2011, vol. 31, n.1, PP. 20-29. ISSN 1414-9893.
Autor Título/Fonte	BAPTISTA, Makilim Nunes; ZANON, Cristian. Por que não buscar terapia? O papel do estigma e dos sintomas psicológicos em universitários. <i>Paidéia (Ribeirão Preto)</i> vol.27 no.67 Ribeirão Preto maio/ago. 2017. <i>Paidéia (Ribeirão Preto)</i> [online]. 2017, vol.27, n.67, pp.76-83.
Autor Título/Fonte	CAMPOS, Cláudia Ribeiro Franulovic; OLIVEIRA, Maria Lilian Coelho; MELLO, Tânia Maron Vichi Freire de _ e _ DANTAS, Clarissa de Rosalmeida. Desempenho acadêmico de alunos que se submeteram a tratamento psiquiátrico no serviço de saúde mental para estudantes de uma universidade brasileira. <i>São Paulo Med. J.</i> [online]. 2017, vol.135, n.1, pp.23-28. ISSN 1516-3180.

Fonte: Elaborado pela autora

O estudo sobre “Suporte familiar, crenças irracionais e sintomatologia depressiva em estudantes universitários” mostrou uma correlação negativa entre suporte familiar, sintomatologia depressiva e crenças irracionais, indicando que, quanto maior a percepção de autonomia, de afetividade e de adaptação, dentre outras características do suporte familiar, menor o número de sintomas depressivos e de crenças irracionais (LEMOS; BAPTISTA; CARNEIRO, 2011).

Jovens depressivos e dotados de pensamentos sem que haja nenhuma reflexão ou deliberação podem ter herdado dos pais, por meio de processos de aprendizagem, como referência, formas específicas para avaliar as ocorrências rotineiras e para fazer auto avaliação de forma negativa (AHLSTROM, 2010; MEADOWS, 2007).

A família deve ser considerada como uma das principais fontes de suporte social: é a transmissora de referências culturais e da maneira como o ser humano irá interagir com outras pessoas (CEBERIO, 2006).

É importante ressaltar que alguns autores definem o suporte familiar como o alicerce para o estabelecimento das relações de carinho, afeto, apoio, proximidade entre os membros da família.

Moore e Quintín (2001), Ceberio (2006) e Passos (2007), explicam que, devido às oscilações constantes nos papéis maternos e paternos, torna-se difícil uma definição consensual do que venha a ser família, visto que pode envolver pessoas que estão próximas e que também influenciam o processo de desenvolvimento cognitivo, social e emocional, assim como tios e primos.

A relevância de se considerar esse processo está relacionada com o estudo da maneira como se constroem as instâncias da personalidade humana na vida social, de modo especial, na vida em família, de acordo com Saraiva e Camino (2007). E isso envolve o fato de o indivíduo pertencer a um determinado grupo social, à carga afetiva e emocional que essa pertença lhe traz, resultando em uma “identidade social”, segundo Tajfel *et al.* (1971), que contribui para que obtenha uma autoimagem positiva.

Estudos apontam para o diferencial que o apoio familiar pode proporcionar quanto ao aspecto da prevenção aos quadros clínicos de transtornos mentais, enfatizando a depressão (IVANOVA; ISRAEL, 2006; NIEUWENHUIJSEN *et al.*, 2010).

A família pode ser colocada como referência de modelo comportamental e também fornecer ao indivíduo modelos cognitivos, além de contribuir para a constituição das crenças centrais (BECK, 1997).

No estudo de Baptista e Zanon (2017), há o cuidado de destacar que a busca por profissionais de saúde mental pode representar um ganho importante para as pessoas em sofrimento mental. Indivíduos que passam por tratamento podem apresentar alívio dos sintomas e desenvolver estratégias eficientes para lidar com problemas e desenvolver seu potencial, se a terapia for bem-sucedida.

O foco na terapia salienta o conjunto de ocorrências que se sucedem no processo mental e que, também, refletem em áreas diversas e até nas relações entre grupos sociais (FODOR, 1981).

A decisão da busca pela psicoterapia poderá reduzir o sofrimento psicológico.

O processo mencionado acima deve ser reconstituído destacando a concretização da ação do indivíduo para integrar o novo ao seu próprio quadro de referência e posicioná-lo em seu campo de informação e de apreciação.

Assim, podemos ecoar aqui as observações de Moscovici (1976, 1981), quanto ao esclarecimento desse processo mental, no universo cognitivo, evidenciando a maneira pela qual a representação social auxilia no contexto de “familiarização do que é estranho”, sendo possível se transformar a informação nova a partir dos modelos que são socialmente construídos.

A partir desses modelos, o indivíduo vai se conduzir, agir no seu ambiente e adequar a sua posição com as dos seus grupos.

E, para complementar, o estudo sobre o Desempenho acadêmico de alunos que se submeteram a tratamento psiquiátrico no serviço de saúde mental para estudantes de uma universidade brasileira enfatiza a necessidade de perceber e cuidar de sintomas comportamentais negativos que podem se manifestar na vida de um indivíduo e comprometer a efetivação de suas funções e o desempenho de papéis.

A busca por profissionais que possam ajudar parece ser uma decisão inquestionável para as pessoas que estão sofrendo, tendo em vista a necessidade de focar e aliviar os sintomas referentes às alterações emocionais e comportamentais que comprometem outras áreas de sua vida.

Adentrar na universidade é indicativo de certas capacidades dos jovens adultos, que lhes permitiram concluir o ensino médio e passar nos exames de admissão, ou seja, enfrentar e superar desafios que fazem parte da vida acadêmica.

A pesquisa realizada por Campos, Oliveira, Mello e Dantas (2017) retratou que o diagnóstico mais frequente, diante da busca por intervenção quanto ao trabalho terapêutico, considera o tratamento de alterações comportamentais com transtornos mentais que podem afetar o desempenho acadêmico. Tratou-se de episódios depressivos, seguidos de transtornos ansiosos e fóbicos.

Esse estudo possibilitou concluir que, mesmo incluindo pessoas socialmente vulneráveis e com transtornos mentais graves, o grupo de pacientes teve desempenho acadêmico semelhante e, em alguns aspectos, melhor do que o de não pacientes.

As pesquisas levantadas em 4 dissertações e 13 artigos apontam para os temas sobre depressão e suicídio, sobretudo no que tange aos universitários. Foi

constatado que atualmente a doença acomete jovens em diferentes momentos da vida universitária (sendo a média de idades correspondente a 26 anos). Nota-se que é necessário o acompanhamento nesse período do desenvolvimento dos jovens, a fim de promover sua saúde mental.

Isso posto, estudar as RS da depressão para graduandos com ou sem sintomas permite apreender os conhecimentos construídos pelos jovens e, trabalhar com eles para que encaminhamentos sejam feitos, se necessários, além de apreender e trabalhar os estigmas e estereótipos que acompanham a doença.

Trata-se de um mal-estar da sociedade atual que acomete jovens, crianças, adultos e idosos. Enfrentar esse fenômeno social é um objetivo da psicologia social contemporânea.

2.5 Contextos de elaboração das representações sociais

Há de se considerar que as RS, de acordo com Moscovici (2003), são produtos da atividade humana e elaboradas a partir da interação sujeito-objeto social, contexto em que os indivíduos constroem uma realidade particular que determina os comportamentos, direcionando a comunicação. As representações realçam e simbolizam atos e situações que são ou se tornam comuns, daí a importância de elas se situarem no universo consensual das pessoas.

Essa teoria faz a análise do conhecimento sob a ótica de uma orientação prática, com o conteúdo ajustado ao contexto do grupo. Dessa maneira, é possível afirmar que as RS consideram como um determinado grupo se apropria de um conhecimento, elaborando-o e reestruturando um conhecimento novo (CHAMON; CHAMON, 2007).

É válido ressaltar que nem tudo é representação social, pois de acordo com Sá (1998), esse fenômeno só se torna real se o grupo selecionado para análise possui uma relação com o objeto a ser estudado.

Moscovici (2012) aponta que existem três dimensões das representações sociais: a informação, o campo representacional e a atitude.

No que se refere à informação, a ênfase se dá quanto ao campo dos conhecimentos que as pessoas possuem a respeito de determinado objeto, que podem ser adquiridos a partir de terceiros ou a partir da própria experiência com o objeto (MOSCOVICI, 2012).

Em se tratando da dimensão quanto ao campo de representação, consideram-se as opiniões e as imagens que os grupos sociais elaboram a respeito de um dado objeto. E há, também, a dimensão das atitudes que indicam as orientações das pessoas de um grupo social em relação a um dado objeto de representação social (MOSCOVICI, 2012).

Tendo como base os conceitos abordados acima, é possível afirmar que o surgimento de uma representação social está diretamente associado a um contexto social. É por meio de como a informação chega até o indivíduo, de como é focalizada, que surgem condutas e discursos coerentes a respeito de um determinado objeto e que é possível construir um conjunto de saberes com o objetivo de auxiliar um determinado grupo a compreender o mundo a sua volta (MORAES, 2007).

Para entendimento desse sentido, as referências foram as percepções retratadas nas falas de graduandos que participaram desta pesquisa sobre a depressão.

As informações acima exemplificam a contextualização de Punkhardt (1993): as representações de cunho individual ou social começam em um sistema no qual a interação entre o organismo e a cultura ocorre em um meio ambiente, tendo como embasamento o fato da representação social não fazer parte somente da mente dos indivíduos, mas da interação com um ambiente cultural, no caso, a instituição de ensino superior em que estudam.

Ainda considerando a teoria das representações sociais, Moscovici (2007), faz referência a duas formas de articular e produzir o conhecimento, denominadas universo científico e universo consensual.

O primeiro estabelece hierarquias e define o que deve ser conhecido, buscando tornar o familiar não-familiar (MOSCOVICI, 2003).

Já o universo consensual é a base das representações sociais, marcada pelo saber prático, buscando tornar o não-familiar em familiar (MOSCOVICI, 2007).

Ao abordar o contexto da representação social é relevante pontuar a sua formação e seu funcionamento, que têm relação com os processos que os constituem: a ancoragem e a objetivação.

Moscovici (2003) desenvolveu os conceitos de Ancoragem e Objetivação, buscando a compreensão do fato de transformar o que é não-familiar em familiar, dentro da análise do universo consensual.

Há de se considerar os processos relacionados à adversidade e à contradição nos estudos das RS produzidas pelos indivíduos, a fim de definir a modalidade de uma ação transformadora em um contexto de realidade. Contudo, é importante rever a noção de realidade, pois ela não é somente um produto de experiências sensíveis e imutáveis, por não ser única. Sendo assim, é possível pensar em realidades e, por conseguinte, em Representações Sociais diversas (MOSCOVICI, 2003).

A realidade existe em razão da multiplicidade de sentidos que engloba. Por conseguinte, são as RS que agem como guias da ação, por modelarem e elaborarem os elementos da situação interativa. (MOSCOVICI, 2003).

A ancoragem refere-se à materialização do que é estranho no pensamento já constituído, isto é, ancora-se o desconhecido em representações já existentes. De acordo com Moscovici (1978), a ancoragem é concebida como um processo de domesticação da novidade sob a pressão dos valores do grupo, transformando-a em um saber capaz de influenciar, ou seja, é feita na realidade social vivida.

A ancoragem, como enraizamento no sistema de pensamento, atribuição de sentido, instrumentalização do saber, explica a maneira pela qual informações novas são integradas e transformadas no conjunto dos conhecimentos socialmente estabelecidos e na rede de significações socialmente disponíveis para interpretar o real, e depois são nelas reincorporadas, na qualidade de categorias que servem de guia de compreensão e ação (JODELET, 2005, p. 48).

Chamon (2006) enfatiza que o processo de Ancoragem se refere ao enraizamento social da RS, na qual a função é realizar a integração cognitiva do objeto representado num sistema de pensamento preexistente. Assim, os novos elementos de conhecimento são colocados numa rede de categorias mais familiares.

Ancorar é “classificar e dar nome a alguma coisa. Coisas que não são classificadas e que não possuem nome são estranhas, não existentes e ao mesmo tempo ameaçadoras” (MOSCOVICI, 2003, p. 71).

Isso ocorre quando pessoas são capazes de colocar um objeto estranho em uma determinada categoria e de rotulá-lo com um nome conhecido.

O processo de ancoragem ocorre na realidade vivida e está relacionado com a função cognitiva, consistindo na familiarização do que é estranho. Ancora-se o conhecimento novo em um preexistente, enraizando-o (SPINK, 1993). A partir desse contexto o passado pode ser reinventado.

Por outro lado, é importante considerar que efetivação de uma representação remete a pessoa a um segundo processo, denominado objetivação. A objetivação diz respeito à formação de imagens, ou seja, o processo pelo qual o que é abstrato é transformado em algo concreto. De acordo com Moscovici (2003), o processo de Objetivação de RS leva um tempo para ser elaborado e aceito, pois implica seguir algumas etapas.

A primeira etapa do processo de Objetivação das RS ocorre quando há seleção e descontextualização de determinadas crenças, valores e normas das formações sociais, das quais emergem as RS.

A segunda etapa seria a organização dos elementos que constituem os núcleos figurativos. A última etapa pode ser compreendida como o momento da estruturação, formação das crenças, dos valores e das normas que foram anteriormente selecionadas e descontextualizadas no processo primário da Objetivação (SPINK, 1993).

A objetivação explica a representação como construção seletiva, esquematização estruturante, naturalização, isto é, como conjunto cognitivo que retém, entre as informações do mundo exterior, um número limitado de elementos ligados por relações, que fazem dele uma estrutura que organiza o campo de representação e recebe um status de realidade objetiva (JODELET, 2005, p. 48).

O processo de objetivação está relacionado à organização dos componentes das RS no sentido de adquirirem forma e se tornarem uma expressão da realidade que o sujeito acredita ser natural. Esses componentes são as crenças, opiniões e ideias sobre o objeto de representação, assim como foi citado na última etapa.

A objetivação, portanto, implica a concretização e a naturalização de uma RS. A realidade, nesse viés, continua sendo multifacetada, pois “o que há, na verdade, são conjuntos de crenças e conhecimentos sobre o mundo e sobre como agir nele.” (MATENCIO, 2008, p. 11).

A partir dos aspectos abordados na seção anterior, foi possível analisar o quadro de depressão e o contexto universitário quanto ao desempenho do sujeito, as influências externas, processos de adaptação, interferências no processo cognitivo, o desequilíbrio das emoções, as condições discursivas da atualidade, associados ao mal-estar como sofrimento, à dificuldade de adaptação às novas

vivências ou ao que ainda é desconhecido, possibilidades de agravamento dos sintomas e intervenções como cuidados com a saúde global do indivíduo.

Na próxima seção aborda-se o método adotado nesta pesquisa, descrevendo-se o tipo de pesquisa desenvolvida, os sujeitos e os procedimentos de coleta e análise de dados.

3 MÉTODO

A TRS constituiu o referencial teórico para fundamentar a análise dos dados obtidos a partir do discurso dos entrevistados, a fim de apreender as RS sobre a depressão, em que subjazem os valores, as crenças e as atitudes do grupo.

Os instrumentos de coleta de dados utilizados na pesquisa foram: questionários específicos (Inventário de Depressão de Beck – BDI; Inventário de ansiedade de Beck - BAI; Inventário de Desesperança de Beck - BHS), bem como entrevistas semiestruturadas e análise documental dos atendimentos do N.A.D.D.

3.1 Tipo de pesquisa

Esta pesquisa, de abordagem qualitativa/quantitativa, caracterizou-se como exploratória e descritiva.

A pesquisa qualitativa, segundo Silva (2005), apresenta a relação entre o sujeito e o objeto a ser aprendido, considerando a subjetividade, tanto do observador, quanto do observado, em abordagem em ciências sociais. Busca compreender em profundidade o fenômeno contido no problema em toda a sua complexidade e proceder a sua interpretação.

Segundo Minayo (2004, p.21-22), a pesquisa qualitativa “[...] trabalha com o universo de significados, motivações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo de relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização”.

Já a pesquisa quantitativa, como sugere o próprio nome, atém-se ao estritamente mensurável segundo os ditames da matemática, com auxílio e tratamento estatístico de dados aferíveis sem o concurso de quaisquer dados subjetivos, atendendo ao trinômio científico reprodutibilidade, generalidade e fidedignidade.

Importante é que se diferenciem as abordagens quantitativas e qualitativas quando se trata de métodos de pesquisa.

Pontuando tal diferença, Minayo, Deslandes e Gomes (2009, p. 22), assim colocam o problema:

A diferença entre a abordagem quantitativa e qualitativa da realidade social é de natureza e não de escala hierárquica. Enquanto cientistas sociais que trabalham com estatísticas visam a criar modelos abstratos ou a descrever e

explicar fenômenos que produzem regularidades, são recorrentes e exteriores aos sujeitos, a abordagem qualitativa se aprofunda no mundo dos significados. Esse nível de realidade não é visível, precisa ser exposta e interpretada, em primeira instância, pelos próprios pesquisados.

Não se trata, pelo exposto, de uma divergência entre os métodos, visto que eles não devem se excluir mutuamente; pelo contrário, a depender do objeto de estudo, devem se complementar.

A virtude da abordagem quantitativa é a garantia de precisão de suas análises acerca dos dados, evitando-se influências que poderiam mascarar ou alterar os resultados, tais como variáveis intervenientes fora do contexto do *corpus* eleito para a pesquisa. Já a abordagem qualitativa, ao contrário, propõe-se a dar conta de uma gama imprevisível de variáveis inerentes ao objeto em estudo, isso porque não visa que seus resultados alcancem a generalidade, tampouco a reprodutibilidade, tão caras à herança positivista das ciências sociais, as quais tinham por objetivo “imitar” as ciências naturais (LEITE, 2008).

No entanto, se as abordagens qualitativas podem até mesmo prescindir de resultados em que estejam contidas a reprodutibilidade e a generalidade, é correto afirmar que tal abordagem pertence ao universo do que socialmente é representado como ciência? Para dirimir essa premente questão, há que retomar sob outro enfoque o que significa o adjetivo “científico”.

No contexto do XVIII e sobretudo do século XIX, a resposta seria tão simples quanto lacônica: Não! Nada, que não seja rigorosamente quantificável, reproduzível e generalizável estará ao abrigo da racionalidade científica (LEITE, 2008).

A ciência emergente nos séculos XVIII e XIX confundia-se com a própria razão, e tudo apontava para os mesmos quesitos científicos para se qualificar o que fosse ou não fosse racional.

A razão, confundida ontologicamente com sua exteriorização sob a forma do conhecimento científico, era inflexível, pautava o trabalho dos cientistas, quase sempre voltados para o modelo de racionalidade a ponto de simplificarem o fenômeno existencial na dicotomia racional-irracional (ANDREY *et al.*, 2006).

Conforme Chamon (2003, p. 73):

Não se pode exigir de uma ciência social a exatidão da matemática. Isso, entretanto, não só não é necessário, como é contraproducente. O rigor de uma pesquisa científica está na definição clara de seu objeto e de seus

métodos. A exatidão é uma característica intrínseca de algumas (poucas) áreas do conhecimento e não uma exigência universal de cientificidade.

É válido ressaltar que, além de quanti-qualitativa, a presente pesquisa também é descritiva e exploratória.

3.2 População/Amostra

Segundo Gil (1991), a população de uma pesquisa está relacionada a um conjunto de elementos com características específicas, e a amostra é um subconjunto dessa população conforme determinadas características.

Neste estudo, a população foi composta por graduandos cursando o 1º ao último período dos cursos de Administração, Ciências Contábeis, Engenharia de Produção, Pedagogia e Direito, de uma IES privada do Vale do Paraíba Paulista.

Não foi um grupo controle, tendo-se em vista a opção epistemológica por uma aferição mais calcada em descrições clínico-epidemiológicas de estudantes que buscam por apoio. Não foi realizado, também, cálculo amostral, sendo incluídos no estudo os participantes que atenderam aos critérios de inclusão e aceitaram participar do corrente estudo. O critério da amostra foi por acessibilidade, critério que pode ser considerado o menos rigoroso de todos os tipos de amostragem, uma vez que se procede à seleção dos elementos aos quais se tem acesso para que a realização da pesquisa se torne possível (NETO, 1977).

Considerando o contexto da pesquisa, “[...] nem sempre é possível se ter acesso a toda a população objeto de estudo, sendo assim é preciso dar segmento à pesquisa utilizando-se a parte da população que é acessível na ocasião da pesquisa” (NETO, 1977, p. 43).

Os critérios de inclusão dos sujeitos participantes da pesquisa foram: 1º) estar o aluno/a regularmente matriculado e frequentando quaisquer dos cursos da IES; e, 2º) estar a pesquisadora devidamente autorizada por seus entrevistados a realizar a mencionada pesquisa, mediante formalização de um termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo A). Dessa forma, utilizou-se o critério de acessibilidade e consentimento dos graduandos (LEITE, 2008).

A população desta pesquisa, portanto, foi formada por 2.500 alunos regularmente matriculados nos cursos noturnos da IES.

Pontua-se que o universo da IES é formado por uma média semestral de 2.500 alunos, distribuídos pelos cursos da seguinte maneira: Pedagogia, 900; Administração, 400; Ciências Contábeis, 300; Engenharia de Produção, 400; Direito, 500.

Nesse universo de 2.500, a amostra compõe-se de 180 alunos, distribuídos, percentualmente, nos seguintes cursos: Pedagogia: 37 (4,1%) alunos; Administração: 51 alunos (12,8%); Ciências Contábeis: 8 (2,6%) alunos; Engenharia de Produção: 19 (4,75%); Direito: 65 (13%).

3.3 Instrumentos de coleta de dados

Os instrumentos de coleta de dados, que correspondem às entrevistas e inventários, permitem a obtenção das informações necessárias para responder às indagações do pesquisador. Neste estudo, foram aplicados dois instrumentos para coleta de dados: uma entrevista semiestruturada (Apêndice III) com a caracterização sociodemográfica; e, a aplicação de três testes psicológicos: Inventário de Depressão de Beck (BDI), Inventário de Ansiedade de Beck (BAI) e o Inventário de Desesperança de Beck (BHS) (descritos no Apêndice IV).

O primeiro instrumento aplicado foi um questionário (Apêndice III) contendo os dados de identificação quanto à caracterização do grupo em relação à faixa etária, gênero, estado civil, grau de escolaridade, dentre outros.

O segundo instrumento foi uma entrevista construída a partir de um roteiro preestabelecido com 12 perguntas abertas (Apêndice III). Essas perguntas se distribuíam em duas grandes áreas: uma diretamente relacionada à depressão e outra ao comportamento dos sujeitos. Esses dois grupos de questões serão analisados posteriormente.

De acordo com Gil (1991), é possível realizar diversos tipos de entrevistas, cabendo ao pesquisador determinar qual delas é mais adequada ao seu estudo. São elas: entrevista informal, focalizada, semiestruturada e estruturada (GIL, 1991).

Neste estudo, optou-se pela entrevista semiestruturada, devido à possibilidade de conduzir a entrevista deixando o sujeito à vontade para expor suas opiniões, crenças, atitudes, garantindo assim a abordagem de assuntos relevantes para a coleta das informações necessárias, para posteriores análises.

Na segunda parte da pesquisa, realizou-se a aplicação dos seguintes testes psicométricos: a) Inventário de Depressão de Beck (BDI), b) Inventário de Ansiedade de Beck (BAI); e, c) Inventário de Desesperança de Beck (BHS) (Apêndice IV). A aplicação desses testes justificou-se pelo impacto que os transtornos ansiosos e depressivos causam e as limitações que trazem para a vida dos que os apresentam.

Inventário de Depressão de Beck – BDI

Inventário de Depressão de Beck (*Beck Depression Inventory*– BDI): Constitui-se como uma escala de autorrelato de Beck, Rush, Shaw e Emery de 1982, com adaptação para o português. É composto por 21 grupos de sintomas com 4 alternativas possíveis, variando entre escores de 0 a 3 em ordem crescente de agravamento dos sintomas. Reflete a sintomatologia das últimas semanas do indivíduo, sendo indicado para as faixas etárias entre 17 e 80 anos. O escore total, feito a partir da soma dos itens, pode indicar diferentes níveis de intensidade de depressão: mínimo (0-11 pontos), leve (12-19), moderado (25-30) e grave (31-63), havendo diferenças nos níveis na versão em português. (CUNHA, 2017).

Inventário de Ansiedade de Beck – BAI

Inventário de Ansiedade de Beck (*Beck Anxiety Inventory*– BAI): Constituído por 21 itens referentes aos sintomas de ansiedade experimentados nas últimas semanas do indivíduo, numa escala de 0 a 3, refletindo níveis de gravidade em ordem crescente. O instrumento foi criado por Beck, Epstein, Brown e Steer em 1988, com adaptação brasileira. Recomenda-se a utilização desse instrumento a partir dos 17 anos. O escore total do BAI consiste também na soma dos escores dos itens, permitindo a classificação em níveis de intensidade: mínimo (0-10), leve (11-19), moderado (20-30) e severo (31-63). (CUNHA, 2017).

Inventário de Desesperança de Beck – BHS

Inventário de Desesperança de Beck (*Beck Hopelessness Inventory*– BHS): Constituído de uma escala dicotômica proposta por Beck que engloba 20 itens consistindo em afirmações que envolvem cognições sobre desesperança. Deve haver concordância ou discordância da afirmação, permitindo-se avaliar a extensão das expectativas negativas que serão apresentadas em relação ao futuro imediato e remoto. A soma dos escores identifica o nível de desesperança. Os escores variam

de 0 a 20. Esse instrumento foi validado no Brasil com a seguinte classificação: (0 a 4) – mínimo; (5 a 8) – leve; (9 a 13) – moderado e (14 a 20) – grave. (CUNHA, 2017).

3.4 Procedimentos para coleta de dados

Considerando a relevância quanto aos procedimentos técnicos para a realização da coleta de dados, foi realizado um levantamento, visando à obtenção de informações diretamente com os sujeitos. Cabe ressaltar que pesquisas exploratórias são bastante adequadas aos objetivos descritivos, sendo úteis para a compreensão de atitudes, crenças e opiniões, como é o caso desta pesquisa (GIL, 1991).

As principais vantagens de estudos do tipo levantamento são os conhecimentos direto da realidade, a economia e a rapidez com que a coleta de dados pode ser efetivada, além dos aspectos quantitativos que podem ser apreendidos posteriormente à coleta de dados. Em relação às limitações inerentes ao levantamento, destaca-se a ênfase nos aspectos perceptivos, tendo em vista que as informações fornecidas pelos sujeitos resultam da percepção deles sobre si mesmos, ou seja, os dados coletados são originários da subjetividade de cada um, e sabe-se que podem existir diferenças entre o que se pensa, o que se faz e, o que se diz (GIL, 1991).

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté (CEP-UNITAU) aprovou o projeto, por meio do protocolo número 2.378.781.

Apresentou-se aos sujeitos que aceitaram participar do estudo o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Anexo A), sendo-lhes garantido o sigilo de sua identidade, bem como assegurada sua saída do presente estudo, se assim desejassem, a qualquer tempo.

Os instrumentos de pesquisa foram: questionário para coleta de dados sociodemográficos, entrevista semiestruturada e testes psicométricos.

O questionário sociodemográfico, composto de perguntas fechadas (Apêndice III), a fim de traçar o perfil sociodemográfico da amostra estudada, foi aplicado a todos os que aceitaram participar do estudo.

Posteriormente, foi realizada uma entrevista semiestruturada, com roteiro prévio de perguntas (conforme Apêndice III), composto de perguntas abertas, nas quais se buscou apreender as RS da depressão da população de estudo.

As entrevistas, que duraram, uma média de 30 minutos, foram gravadas em mídia digital e transcritas posteriormente.

As mídias que contém os dados coletados serão mantidas sob a guarda da pesquisadora e, após transcorridos cinco anos, serão destruídas, consoante com as determinações regulamentares do Comitê de Ética em Pesquisa Humana da UNITAU.

3.5 Procedimentos para análise de dados

Para a realização da análise de dados, o referencial teórico utilizado teve por norte a TRS. Moscovici (1961) conceitua as RS como fenômeno construído nas interações dos sujeitos: “[...] forma de conhecimento, socialmente elaborado e compartilhado, tendo uma orientação prática e colaborando na construção de uma realidade comum a um conjunto social” (JODELET, 1989, p. 36). As análises de RS ajudam a compreender como um conhecimento é elaborado por um determinado grupo por meio de ressignificações e como tais ressignificações produzem um novo conhecimento (CHAMON; CHAMON, 2007).

Após a conclusão da pré-análise, o *corpus* formado pelas entrevistas foi submetido a tratamento pelo *software Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires (IRaMuTeQ)*, que tabulou os dados segundo categorias e campos semânticos presentes nas entrevistas.

O IRaMuTeQ permite a análise estatística sobre um *corpus* formado de texto e tabelas indivíduos / caracteres. É aplicado nos estudos de informações, crenças e opiniões produzidas em relação a determinado fenômeno/objeto, tema de investigação, permitindo a quantificação de variáveis essencialmente qualitativas originadas de textos, a fim de descrever o material produzido por determinado sujeito ou sujeitos (CAMARGO; JUSTO, 2013).

Na sequência, foram realizadas as análises lexicais clássicas, nas quais o software realiza contagem de palavras, frequência média, quantidade de palavras com frequência 1, identifica formas ativas e suplementares, além de lematização,

procedimento que consiste em reduzir as palavras a partir de suas raízes (CAMARGO; JUSTO, 2013).

Partiu-se da Análise de Conteúdo, proposta por Bardin (1977), como referencial metodológico para as análises das entrevistas.

Segundo Bardin (1977), o método da Análise de Conteúdo inicia-se com uma pré-análise, na qual se escolhem os documentos e, a partir daí, formulam-se as hipóteses e os objetivos da pesquisa. Após, segue-se a análise do material coletado, sempre o cotejando com os objetivos propostos, para finalmente chegar à sistematização e interpretação dos resultados obtidos, tudo segundo um estrito percurso metodológico e de acordo com regras inerentes a cada etapa de análise.

Na pré-análise há subfases presentes na estruturação das primeiras ideias que suscitaram a elaboração de um planejamento para as análises. De acordo com Bardin (1977), é imprescindível que ocorra uma leitura flutuante durante a fase das informações coletadas, tendo como objetivo a familiarização do pesquisador com os dados, a fim de que ele obtenha as primeiras impressões. Durante as transcrições das entrevistas, realizadas pela própria autora e no processo de tabulação dos dados, essa atividade começou a ser desenvolvida e auxiliou no decorrer da realização das análises do *corpus*, favorecendo a imersão nos dados.

Considerando a necessidade de categorização, as entrevistas de todos os participantes foram submetidas à geração de dados, comparando-se as falas dos sujeitos e verificando-se as semelhanças e as diferenças entre elas.

Importante ressaltar, em síntese, que a realização da análise ocorreu a partir do corpus formado de textos das entrevistas, dos resultados dos inventários (*BDI*, *BAI* e *BHS*) aplicados nos graduandos, do referencial teórico e das informações oriundas do tratamento dos dados pelo software IRaMuTeQ, cujas conclusões estão apresentadas no próximo capítulo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesta seção são apresentados os resultados e as análises dos dados, com vistas a atender os objetivos propostos.

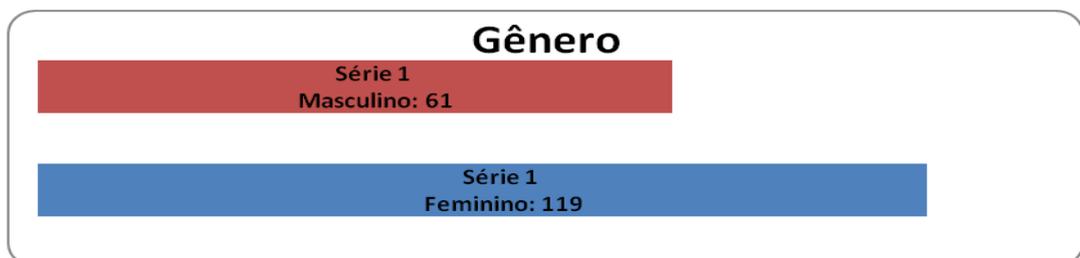
4.1 PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO DOS PARTICIPANTES

A categoria “Perfil sociodemográfico” reúne todas as questões que investigam aspectos da vida pessoal e social, a partir das interações dos graduandos pesquisados, bem como a maneira como eles se percebem.

A apresentação dos dados, assim como suas discussões, teve início a partir da caracterização da amostra, considerando, inicialmente a descrição dos dados quantitativos relativos às distribuições dos sujeitos quanto às características de gênero, idade e a distribuição quanto aos cursos da instituição de ensino superior de um município do Vale do Paraíba Paulista. Os dados foram tabulados no *software* Excel®. No total, participaram da pesquisa 180 sujeitos. Todos concordaram em ser entrevistados, após terem assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Assim, para a discussão da realidade vivida pelos graduandos pesquisados, optou-se por apresentar esquemas gráficos que considerassem a amostra mais abrangente da pesquisa, ou seja, os 180 graduandos que responderam à etapa quantitativa da pesquisa. As realidades retratadas nessa etapa englobam a distribuição de graduandos por gênero, estado civil, período do curso e os atendimentos do serviço de apoio psicopedagógico realizados aos cursos.

Figura 1 – Distribuição dos graduandos segundo o sexo, Vale do Paraíba Paulista, 2018



Fonte: Elaborado pela autora

Masc.: 33,89%
Fem.: 66,11%

O primeiro aspecto da caracterização sociodemográfica apresentado é o referente ao gênero dos graduandos participantes da pesquisa. A partir desse levantamento, constatou-se que, em relação ao gênero, 66,11% são mulheres, e 33,89%, homens, conforme demonstrado na Figura 1. Diante dos dados apresentados, é importante destacar que, a partir da LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 1961, Lei nº 4.024/61, “foi garantida equivalência de todos os cursos de grau médio, abrindo a possibilidade para as mulheres que faziam magistério de disputar os vestibulares” (BELTRÃO; ALVES, 2009, p. 130).

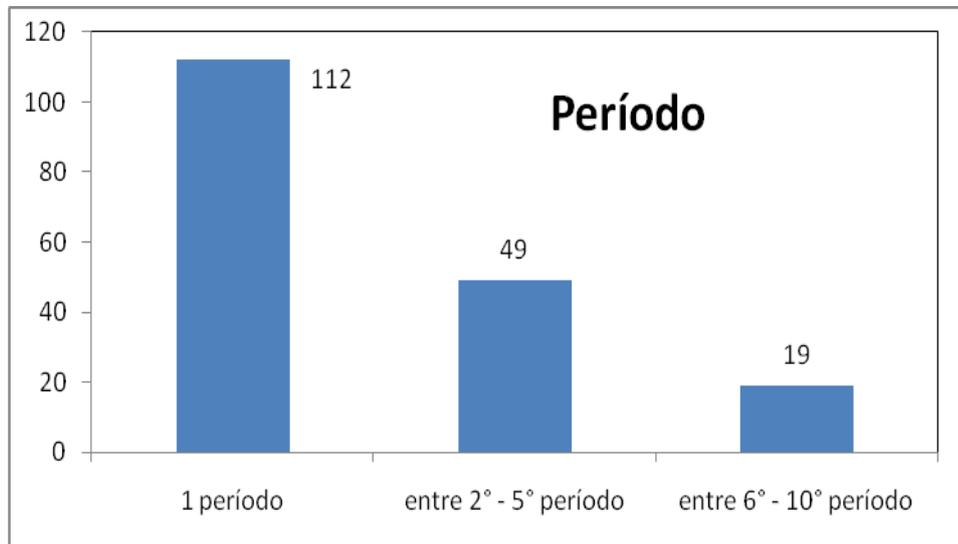
Em relação à entrada das mulheres no ensino superior, os Estados Unidos foi o primeiro país a criar esta possibilidade. De acordo com Bezerra (2010, p. 3), pode-se afirmar que a “entrada das mulheres na universidade aconteceu primeiramente nos Estados Unidos no ano de 1837, com a criação de universidades exclusivas para as mulheres. Foi no estado de Ohio que surgiu a primeira universidade feminina o *women’s college*”. Já no Brasil, o início do acesso ao ensino superior feminino deu-se somente no final do século XIX.

Sendo assim, pode-se afirmar que foi só a partir da década de 1960 que as mulheres tiveram maiores chances de ingressar no ensino superior. Essa também foi a conclusão obtida por Souza e Sardenberg (2013, p. 4): “No Brasil, o início da luta por esse direito data do século dezenove, mas será somente a partir dos anos 1960 que as mulheres brasileiras começaram a ter presença, de fato, no ensino superior”. Em 1985, com a instalação da chamada “Nova República”, houve a expansão do ensino no Brasil, e ele adquiriu contornos distintos.

No ensino superior, segundo Beltrão e Alves (2009, p. 130-131), “[...] registrou-se grande crescimento das universidades privadas, que ultrapassaram em muito o número de estudantes matriculados na universidade pública. A expansão geral das vagas no ensino brasileiro favoreceu especialmente o gênero feminino”.

Pontuar o período no qual os graduandos encontram-se matriculados contribui no processo de identificação da realidade acadêmica quanto à escolha dos cursos, considerando mais um aspecto relacionado às características dos dados sociodemográficos para, posteriormente, destacarmos os atendimentos realizados no N.A.D.D. da IES no período 2011 a 2017.

Figura 2 – Distribuição dos graduandos segundo o período no qual estavam matriculados, Vale do Paraíba Paulista, 2018.



Fonte: Elaborado pela autora.

Nota-se, na amostra estudada, uma quantidade muito maior de estudantes do 1º período relativamente aos demais períodos dos cursos de graduação. Esse aspecto é principalmente influenciado pelas questões de acessibilidade da amostra, mas também pela redução gradual de estudantes nos períodos posteriores, por evasão ou retenção.

Diante desses primeiros aspectos, abordam-se, no próximo subitem, os atendimentos realizados no N.A.D.D. da IES no período 2011 a 2017 segundo o período de matrícula dos estudantes atendidos.

4.1.1 Atendimentos no N.A.D.D., considerando o período de matrícula, no período 2011 – 2017

O serviço de apoio psicopedagógico considera a relevância da proposta que se propõe a desenvolver junto à demanda dos graduandos, incluindo todos os cursos da IES, destacando as necessidades pessoais que podem interferir nas condições de percepção, assimilação e elaboração diante das informações que são passadas e estudadas durante o período das aulas, os estabelecimentos dos vínculos com colegas e extensões do ambiente acadêmico, incluindo as áreas de relacionamentos pessoal, familiar e afetivo.

O contexto acima inclui a abordagem de aspectos dinâmicos da vida dos indivíduos. Sendo assim, destacaremos os dados referentes à demanda pelo suporte psicopedagógico oferecido pelo N.A.D.D. quanto aos períodos dos cursos mencionados.

Conforme a Figura 3, no período de 2011 a 2017, o maior número de atendimentos realizados no N.A.D.D. foi em relação ao curso de Direito (45%), seguidos dos de Administração (17%), Pedagogia (17%), Engenharia de Produção (15%) e Ciências Contábeis (6%).

Figura 3 – Distribuição dos graduandos atendidos no N.A.D.D., segundo o curso, Vale do Paraíba Paulista, 2018.



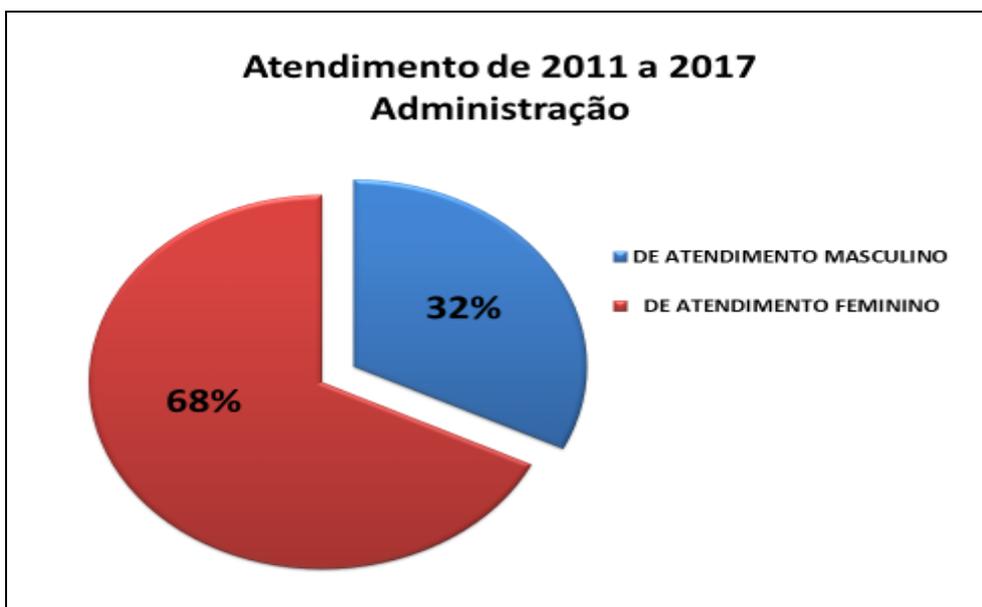
Fonte: Elaborado pela autora.

Os alunos matriculados nos cursos mencionados acima buscaram pelo atendimento no serviço de apoio psicopedagógico da IES por motivos de ordem pessoal que variavam quanto a dificuldades relacionadas ao desempenho

acadêmico, área afetiva e convivência familiar. Cabe destacar que, diante da necessidade avaliada pela psicopedagoga, conforme o contexto exposto pelo aluno poderia ocorrer o encaminhamento para o atendimento psicoterapêutico em um ambiente externo à IES.

Como citado e detalhado no item 3.2 (População/Amostra), de um universo da IES (média semestral) de 2.500 alunos, 400 estão matriculados no curso de Administração, como mostra a Figura 4, e desses, 51 recorreram ao serviço de apoio psicopedagógico do N.A.D.D., sendo 68% do sexo feminino e 32% do sexo masculino.

Figura 4 – Distribuição dos graduandos do curso de Administração, segundo o sexo, Vale do Paraíba Paulista, 2018.

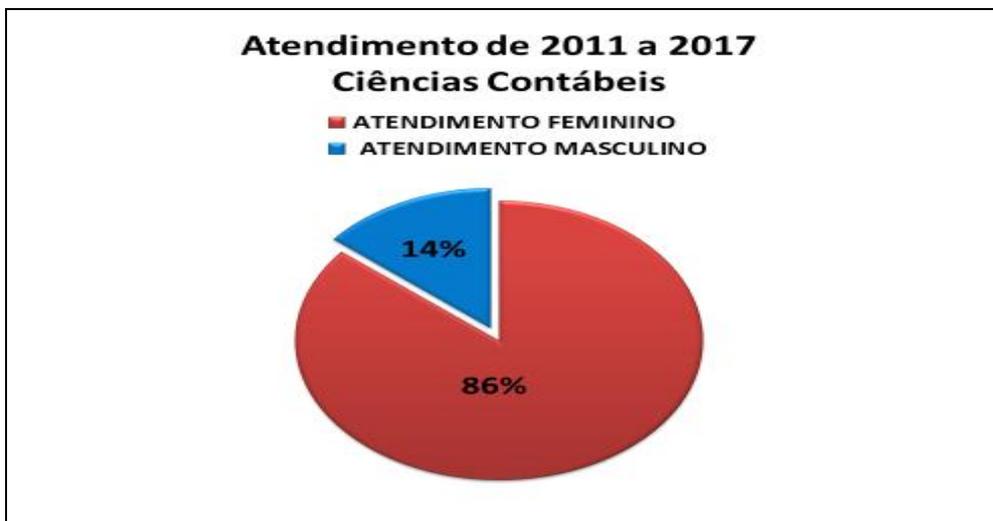


Fonte: Elaborado pela autora.

Quanto ao curso de Ciências Contábeis, 300 alunos estão regularmente matriculados na IES, como mostra a Figura 5, e desses, 8 recorreram ao N.A.D.D., sendo 86% sexo feminino e 14% do sexo masculino.

É válido pontuar que em todos os cursos mencionados da IES, o maior número de alunos matriculados refere-se ao sexo feminino, com exceção do curso de Engenharia de Produção.

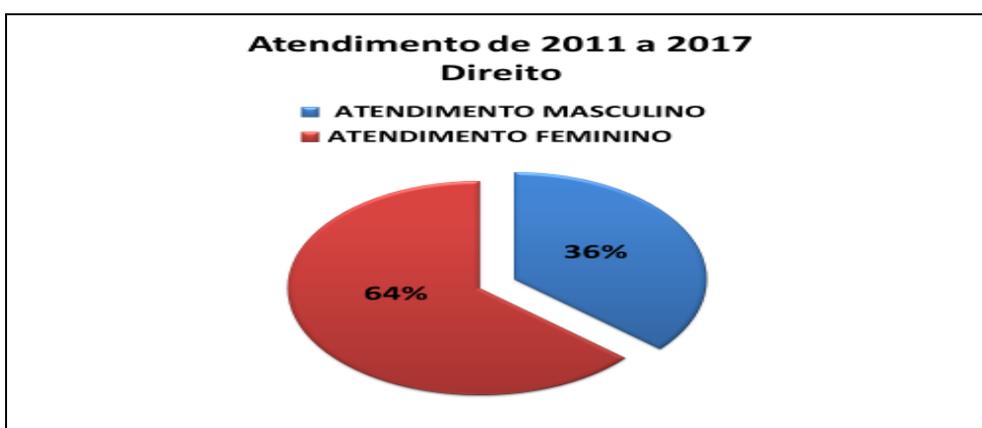
Figura 5 – Distribuição dos graduandos do curso de Ciências Contábeis, segundo o sexo, Vale do Paraíba Paulista, 2018.



Fonte: Elaborado pela autora.

No curso de Direito, do total de 500 alunos regularmente matriculados na IES, como mostra a Figura 6, 65 recorreram ao serviço de apoio psicopedagógico do N.A.D.D, sendo 64% do sexo feminino e 36% do sexo masculino.

Figura 6 – Distribuição dos graduandos do curso de Direito, segundo o sexo, Vale do Paraíba Paulista, 2018.

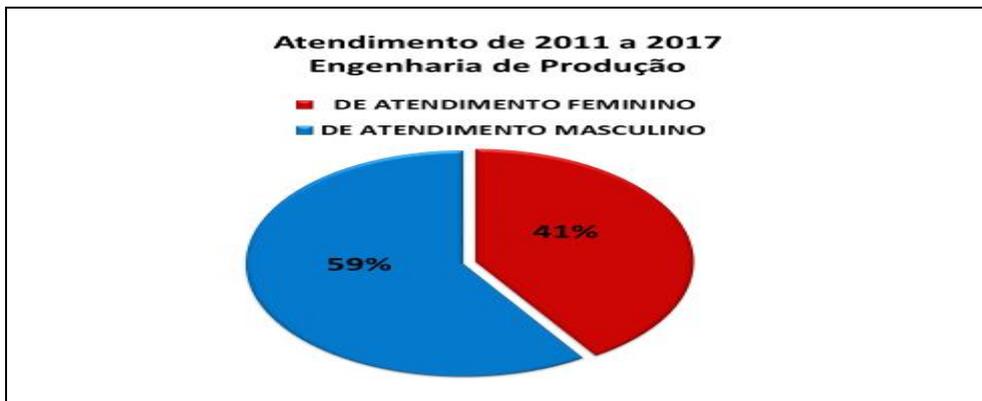


Fonte: Elaborado pela autora.

Em relação ao curso de Engenharia de Produção, 19 dos 400 alunos regularmente matriculados na IES, como mostra a Figura 7, recorreram ao serviço de apoio psicopedagógico do N.A.D.D considerando, principalmente, questões

relacionadas à dificuldades quanto ao bloqueio na área emocional, sendo 41% do gênero feminino e 59% do gênero masculino.

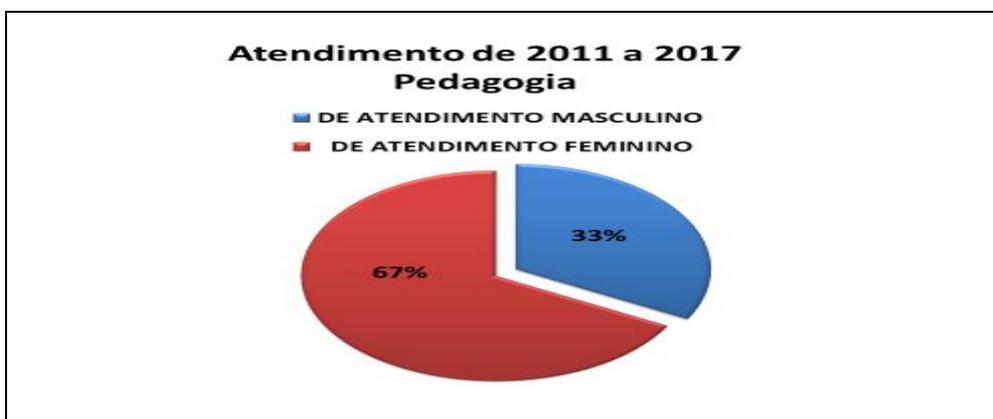
Figura 7 – Distribuição dos graduandos do curso de Engenharia de Produção, segundo o sexo, Vale do Paraíba Paulista, 2018.



Fonte: Elaborado pela autora.

E, por último, quanto ao curso de Pedagogia, dos 900 alunos regularmente matriculados na IES, como mostra a Figura 8, 37 recorreram ao serviço de apoio psicopedagógico do N.A.D.D., sendo 67% do gênero feminino e 33% do gênero masculino. Importante considerar que as aulas referentes a esse curso ocorrem quinzenalmente aos sábados, o que representa um grande número de alunos concentrado em um dia da semana, fato este que minimiza o acesso ao N.A.D.D..

Figura 8 – Distribuição dos graduandos do curso de Pedagogia, segundo o sexo, Vale do Paraíba Paulista, 2018.



Fonte: Elaborado pela autora.

Dessa forma, os dados obtidos indicam que a procura pelo serviço de apoio psicopedagógico na IES pesquisada é maior em relação ao sexo feminino.

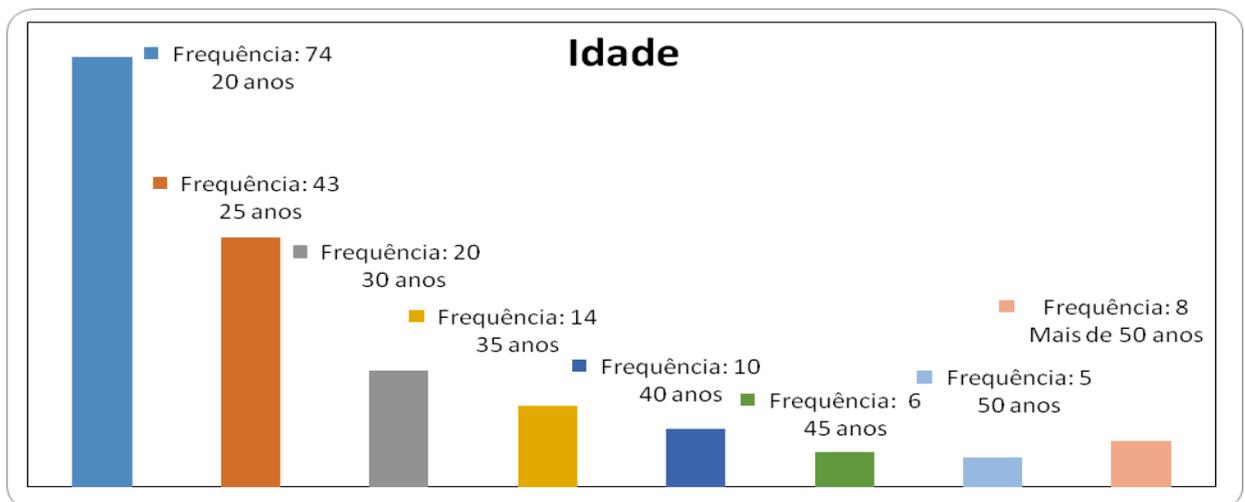
Como citado anteriormente dentre outros aspectos, de acordo com Beltrão e Alves (2009), o aumento quanto ao número de vagas para o acesso ao processo de ensino favoreceu, em especial, o sexo feminino.

Tendo como base estudos que foram realizados, foi só a partir da década de 1960 que as mulheres tiveram maiores chances de ingressar no ensino superior. Essa também foi a conclusão obtida por Souza e Sardenberg (2013, p. 4): “No Brasil, o início da luta por esse direito foi a partir do século dezenove, mas foi só a partir de 1960 que as mulheres brasileiras começaram a ter presença no ensino superior”.

As mulheres vem sendo a maioria em todos os níveis de ensino do país, principalmente o superior. Um dos maiores desafios das mulheres atualmente, porém, é o de adentrar em cursos nos quais a maior predominância é masculina e também de conseguir permanecer no ensino superior.

Além do sexo, também foi investigada a idade dos graduandos dos cursos mencionados acima. Encontrou-se que os sujeitos tinham entre 18 e 60 anos de idade, sendo a média 27 anos. Esses dados estão demonstrados na Figura 9.

Figura 9 – Distribuição dos graduandos segundo a faixa etária, Vale do Paraíba Paulista, 2018.



Fonte: Elaborado pela autora

Média de idade: 26 anos

Mínima: 17 anos

Máxima: 65 anos

Desvio padrão: 10,4

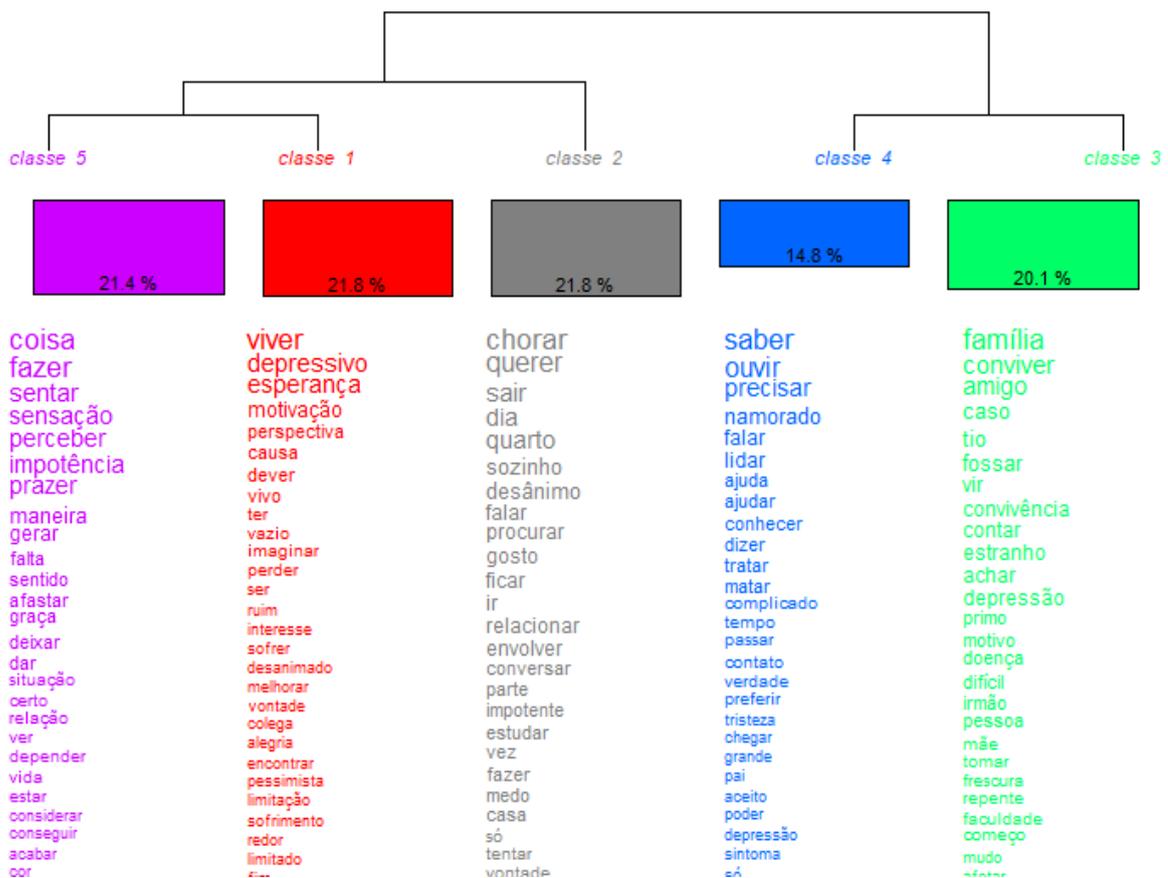
O maior número de alunos está matriculado no curso de Pedagogia.

Após caracterizar o grupo social estudado, quanto ao perfil sociodemográfico, apresentam-se os aspectos representacionais sobre a depressão e os comportamentos para os graduandos, considerando os Dendogramas abaixo.

O perfil sociodemográfico dos participantes foi elaborado com base nos dados obtidos por meio do Apêndice III. Em seguida, foram tratados os dados qualitativos, que compreendiam os discursos dos alunos quando indagados sobre o quadro de depressão.

A categorização oferecida pelo *software* IRaMuTeQ, foi descrita no Dendograma de Classificação Hierárquica Descendente (Figura 10) e permitiu compreender as expressões de cada uma das palavras proferidas pelos participantes, analisando-as em seus lugares e inserções sociais.

Figura 10 – Dendograma da classificação hierárquica descendente – Depressão



Fonte: IRaMuTeQ.

Nessa figura, que ilustra as relações interclasses, a leitura deve ser feita da esquerda para a direita, ou seja, num primeiro momento, o *corpus* foi dividido em dois subgrupos. O primeiro foi dividido em dois, do qual resultaram as classes 5 e 1, estendendo para a classe 2, e o subgrupo à direita foi dividido também em duas classes 3 e 4. Isso significa que as classes 1 e 5 possuem menor relação ou proximidade com as classes 3 e 4.

4.2 Representações sociais e os aspectos que circundam a realidade da depressão

Esta subdivisão dos resultados foi baseada no discurso de 180 graduandos que concordaram em participar das entrevistas sobre o tema depressão.

Considerando o Eixo 1, englobamos os discursos relacionados aos contextos de viver, a existência de sintomas de depressão, e sensações diante das limitações encontradas e os vínculos estabelecidos pelos alunos.

4.2.1 Viver, sintomas de depressão e sensações

Os graduandos participantes deste estudo estavam matriculados nos cursos de Engenharia de Produção, Pedagogia, Administração, Direito e Ciências Contábeis. A Figura 11 mostra o mapa conceitual sobre viver, sintomas de depressão e sensações.

Mediante os dados apresentados a partir das entrevistas que foram realizadas, é possível supor que há evidências de sofrimento e maneiras diferenciadas de percebê-lo e de defini-lo.

Há um conjunto de sintomas que partem da subjetividade e comportamentos que acabam sendo reforçados pela formação de vínculos nas relações que vão se estabelecendo e no processo de identificação com ele, além das diversidades que vão se tornando evidentes e a sensação de limitação para se adequar ao mundo exterior, mal-estar que envolve contextos como família, trabalho e a vida acadêmica.

De acordo com Dunker (2017), o sofrimento aborda uma categoria moral, que contém uma história, formação de vínculos que unem ou separam pessoas.

Já o mal-estar pode ser definido como uma posição existencial quanto à condição trágica dos contextos de vida.

Nas relações que os graduandos estabelecem com colegas no ambiente de estudo e nas vivências externas podemos identificar os vínculos que são formados e a angústia advinda de áreas específicas da vida, como a pessoal, a familiar, a afetiva, a acadêmica e a profissional.

Além disso, foi possível considerar as projeções quanto ao sentir-se desvalorizado, insatisfação com escolhas e realidades de vida. A seguir, trechos de entrevistas com esse conteúdo.

Ser depressivo é ser infeliz e não ter esperança com nada além de não ter motivo para viver (Graduanda 57).

Tenho alguns conhecidos com depressão. Percebo que trata-se de um problema que tem solução, mas a pessoa mais do que ninguém deve querer esta ajuda. Ser depressivo é a pessoa se isolar e não conseguir viver (Graduando 159).

Tenho amigas com depressão e é muito triste, pois a pessoa não tem vontade de viver, não aceita ajuda e acha que a vida chegou ao fim. Confesso que isto gera uma sensação muito ruim em mim. Ser depressivo é não ter vontade de viver e a permanência da tristeza (Graduanda 67).

Tenho amigos com depressão e é triste pela situação de limitação na qual a pessoa se encontra. Ser depressivo é não querer viver integralmente a vida. Tenho consciência de que todos nós estamos sujeitos a esta situação e acredito que devemos focar nossa vida em um propósito superior (Graduando 112).

Tenho amigos com depressão e é triste ver a pessoa se sentir limitada com a vida, sem vontade de realizar suas funções. Ser depressivo é perder o sentido pela vida ou sentir-se desmotivado. Eu me sinto assim às vezes (Graduando 99).

Os discursos característicos da categoria viver, sintomas de depressão e sensações estão demonstrados na forma de Mapa Conceitual, conforme Figura 11.

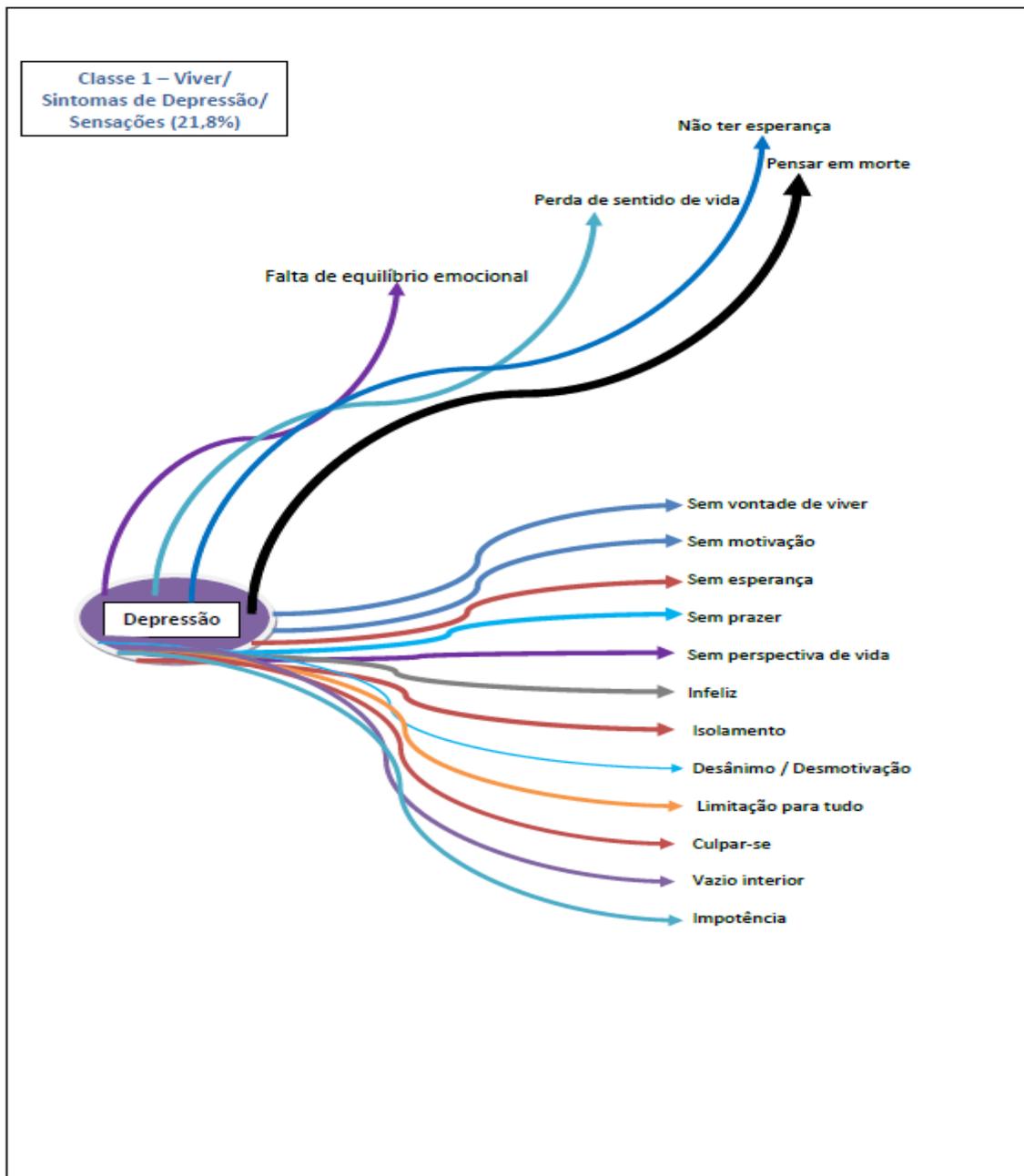
Em relação aos sintomas de depressão, há a leitura subjetiva do indivíduo e também a interpretação de quem convive com pessoas nessa realidade. De acordo com Jodelet (2017), estudar a representação da doença, no caso depressão, equivale a abordar uma experiência e os sentidos que estão submetidos a ela subjetivamente, incluindo o sentido da experiência vivida, os valores e normas contrariados pelo destino das pessoas e a consciência que o indivíduo tem do mundo em que vive.

Deparar-se com realidades de vida que evidenciam limitações, sensação de impotência diante de escolhas e desmotivação é retratar a ausência da esperança

no que diz respeito às condições de enfrentamento quanto aos sintomas da depressão.

No mapa conceitual, esses discursos destacam também a consciência da necessidade de cuidados, o quanto a sensação de impotência em tentar intervir pelo outro é real e perceber a ausência da motivação pela vida.

Figura 11 – Mapa Conceitual da Classe 1 – Viver / Sintomas de Depressão / Sensações



Fonte: Elaborado pela autora.

A primeira classe analisada, que aborda questões essenciais relacionadas à maneira de viver e contextos de manifestações do mal-estar do graduando, engloba suas limitações quanto ao lidar com o mundo interno, ações e influências como referências para as suas escolhas. Quando a pesquisadora perguntou sobre a depressão, os participantes pontuaram sobre aspectos referentes a tristeza, ausência de sonhos, desmotivação, ausência de esperança, sensação de vazio, desânimo, perda de interesse, sentir-se sozinho, não ter vontade de viver. Neste sentido, os graduandos relataram o que sentiam, pensavam e como se comportavam em relação à percepção de sintomas de depressão.

Os graduandos com sintomas de depressão representavam a depressão como um conjunto de sensações, limitações e problemas oriundos do sofrimento, do sentir-se só e o fato de perceber-se ou perceber ao outro com sintomas da doença, com necessidade de ajuda para enfrentar este problema, assim como observado no estudo realizado por Fonseca; Coutinho e Azevedo (2008).

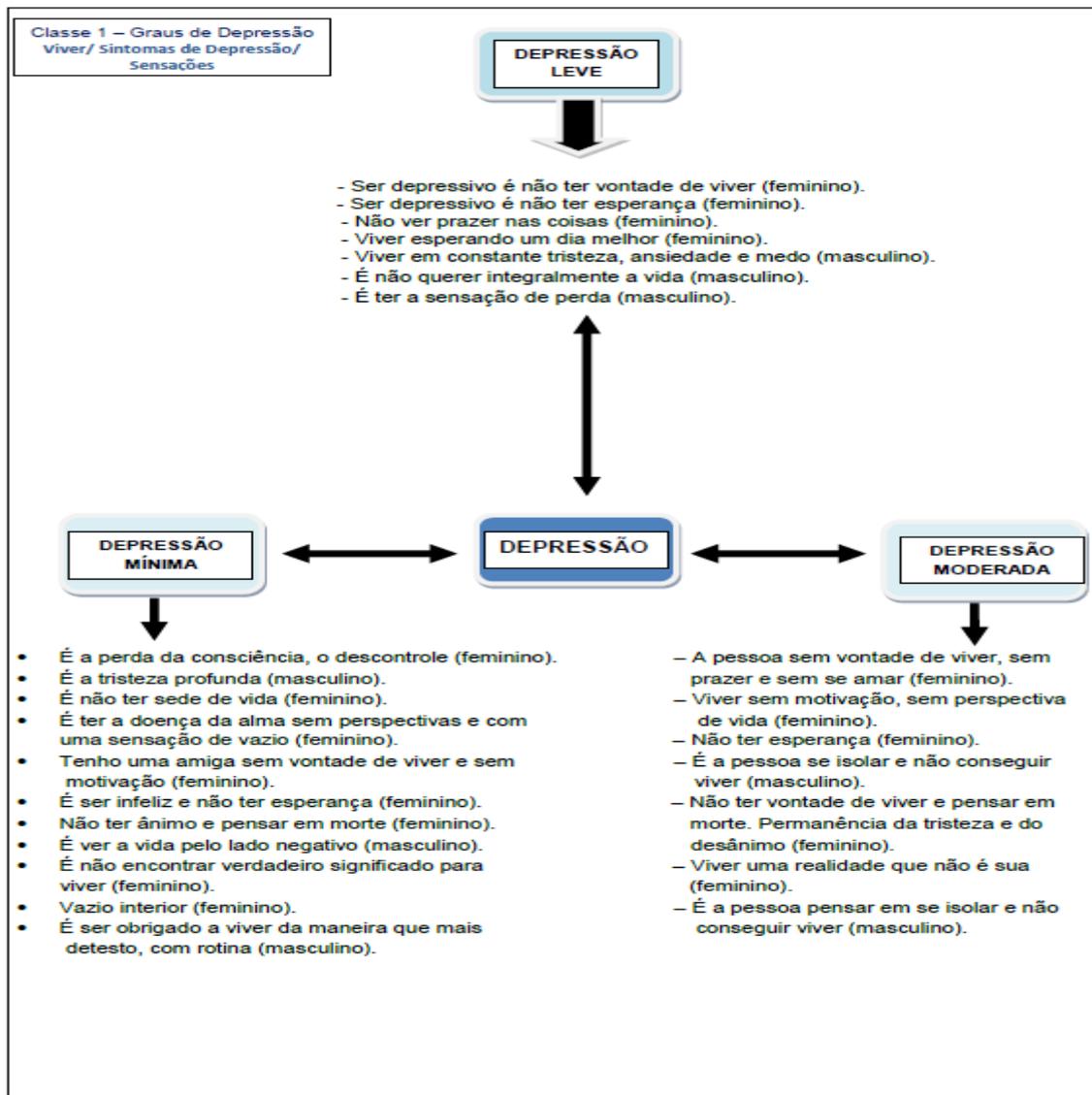
Estes dados mostraram uma realidade que passou a fazer parte da atualidade. De acordo com Kehl (2009), a realidade do mundo contemporâneo no qual se vive se encarregou de condenar a depressão, o que só agravou o sofrimento dos depressivos com sentimentos de culpa, *déficit* quanto aos ideais do presente, como foi retratado no conjunto das entrevistas.

A partir das falas dos graduandos analisadas nas entrevistas foi possível a obtenção de dados sobre vivências, depressão, sensações, e perceber um compartilhamento de percepções entre os graduandos quanto ao contexto da depressão. Houve um partilhar de lembranças e emoções a partir das experiências sociais e, de acordo com Jodelet (2017), por meio do contato intersubjetivo há a possibilidade do indivíduo ter contato com o que provoca a emoção. O que irá favorecer o acesso a uma realidade construída socialmente na qual possa apoiar-se. Sendo assim, pode-se considerar condições necessárias que retratam a construção de uma RS.

Ainda nesse sentido, Marková (2006) estuda e constrói teorias a respeito de fenômenos sociais que se tornaram, sem uma razão específica, o alvo da preocupação pública, nesse caso, como em relação a viver, sintomas de depressão e esperança a partir das representações pontuadas. Essas influenciam e sofrem influências, incluindo o contexto social.

Considerando os sintomas do quadro de depressão, ilustraremos os níveis de depressão mínimo, leve e moderado diante de alguns relatos dos graduandos e análise específica com o programa IRaMuTeq, indicando os níveis de depressão em cada entrevista, quanto ao sexo feminino e ao sexo masculino de acordo com a Figura 11 (Classe 1).

Figura 12 – Mapa Conceitual dos Níveis de Depressão da Classe 1 – Viver / Sintomas de Depressão / Sensações



Fonte: Elaborado pela autora.

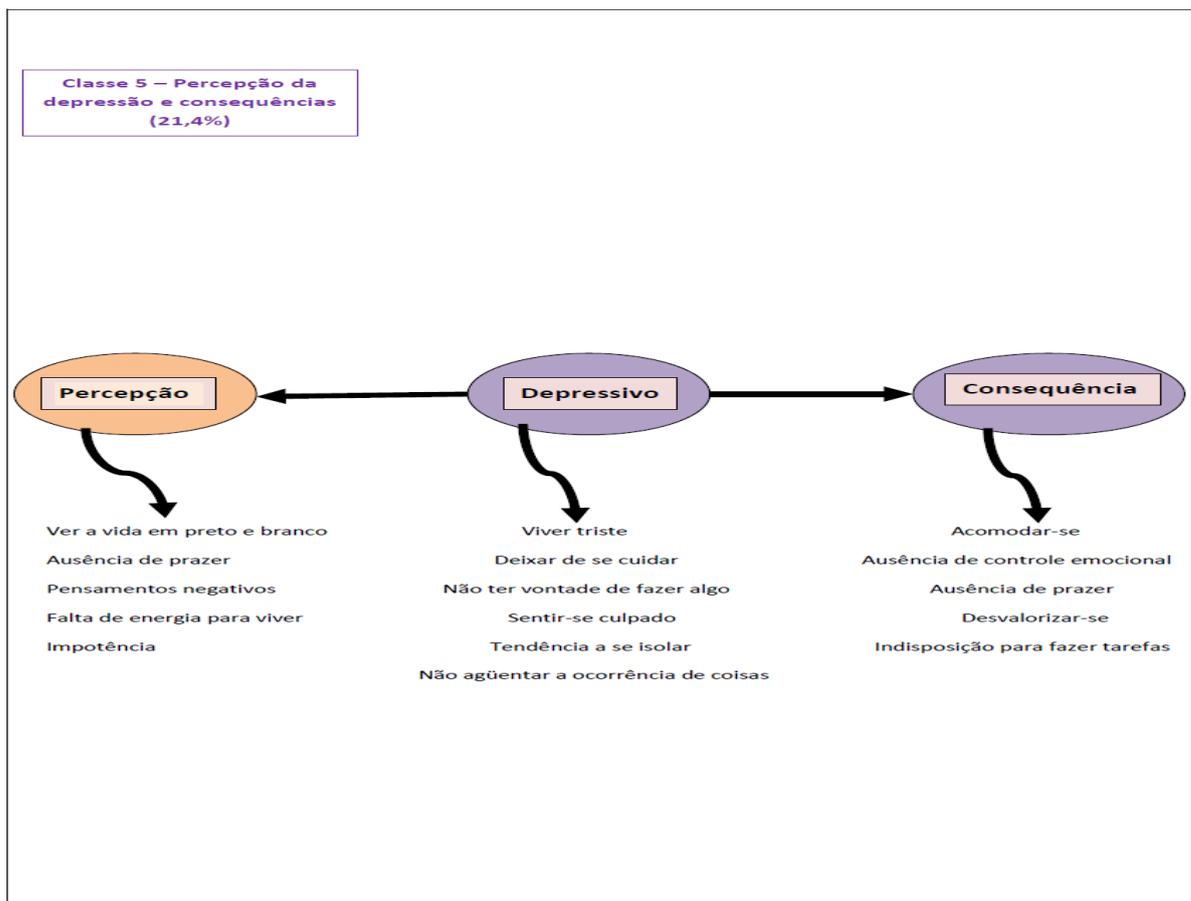
Na sequência, discursos característicos da categoria sobre a percepção da depressão e consequências que estão demonstradas no Mapa Conceitual, de acordo com a Figura 13.

Os relatos foram identificados nas entrevistas e contêm elementos indicadores da associação de aspectos que tendem a ser desfavoráveis quanto ao contexto das vivências e suas possíveis associações à sensação de tristeza, culpa, indisposição, acomodar-se englobando limitações.

4.2.2 Percepção da depressão e consequências

Diante da necessidade de percepção dos sintomas e consequências do quadro de depressão, que influenciam de maneira a desestruturar a vida de um indivíduo Campos; Oliveira; Mello e Dantas (2017) enfatizam o quão relevante é a identificação e a valorização quanto aos cuidados, levando-se em consideração os sintomas comportamentais negativos que podem se manifestar na vida de um indivíduo chegando a comprometer, a efetivação de suas funções com êxito e o desempenho de papéis.

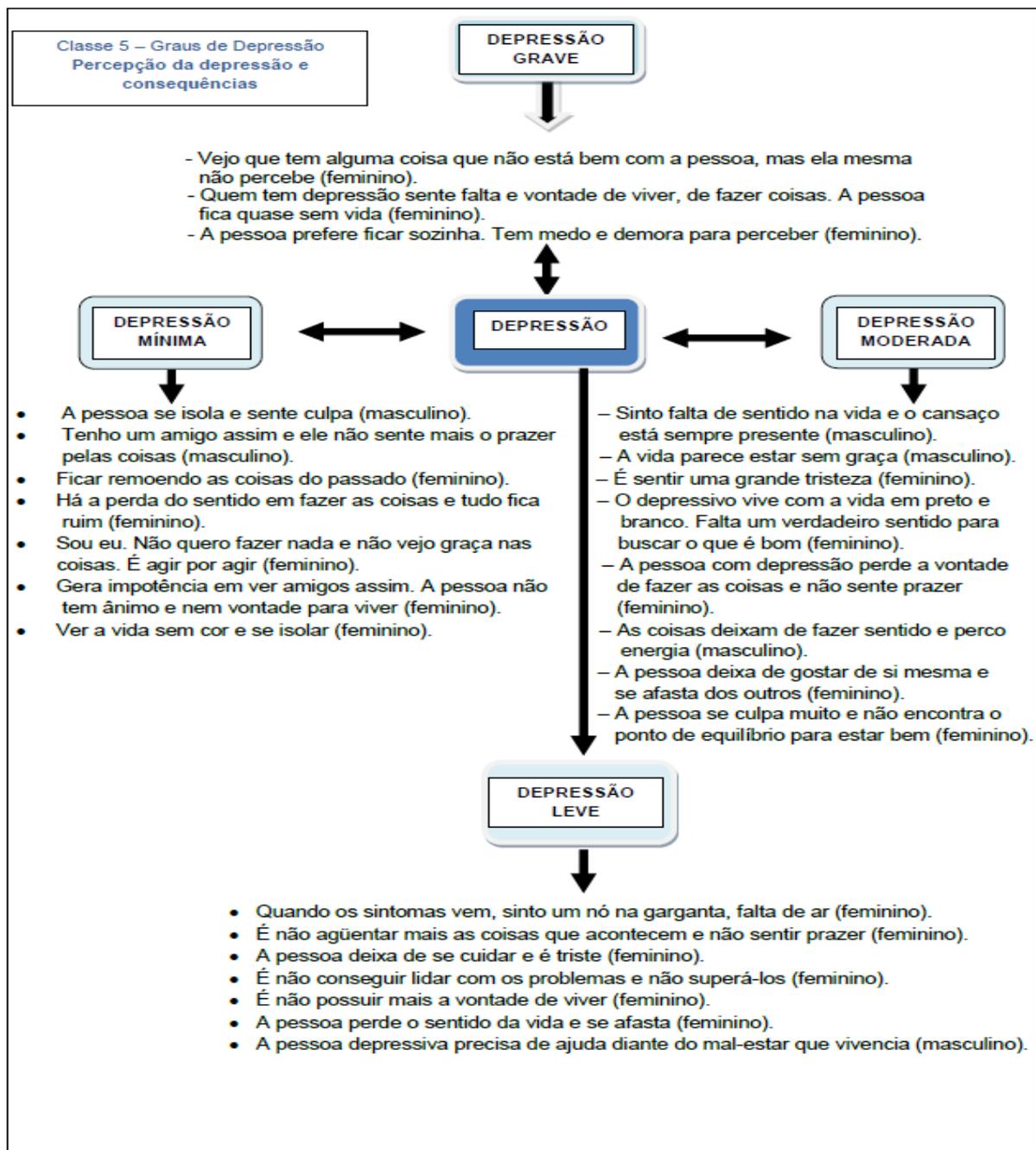
Figura 13 – Mapa conceitual da classe 5 – Percepção da depressão e consequências



Fonte: Elaborado pela autora.

Ilustraremos os níveis de depressão diante de alguns relatos dos graduandos e análise específica com o programa IRaMuTeq, partindo das alterações comportamentais que são evidenciadas por meio de sintomas que acabam comprometendo o bem-estar e o rendimento no desempenho de atividades diárias, quanto ao sexo feminino e sexo masculino de acordo com a Figura 13 (Classe 5).

Figura 14 – Mapa Conceitual dos Níveis de Depressão da Classe 5 – Percepção da depressão e consequências



Fonte: Elaborado pela autora.

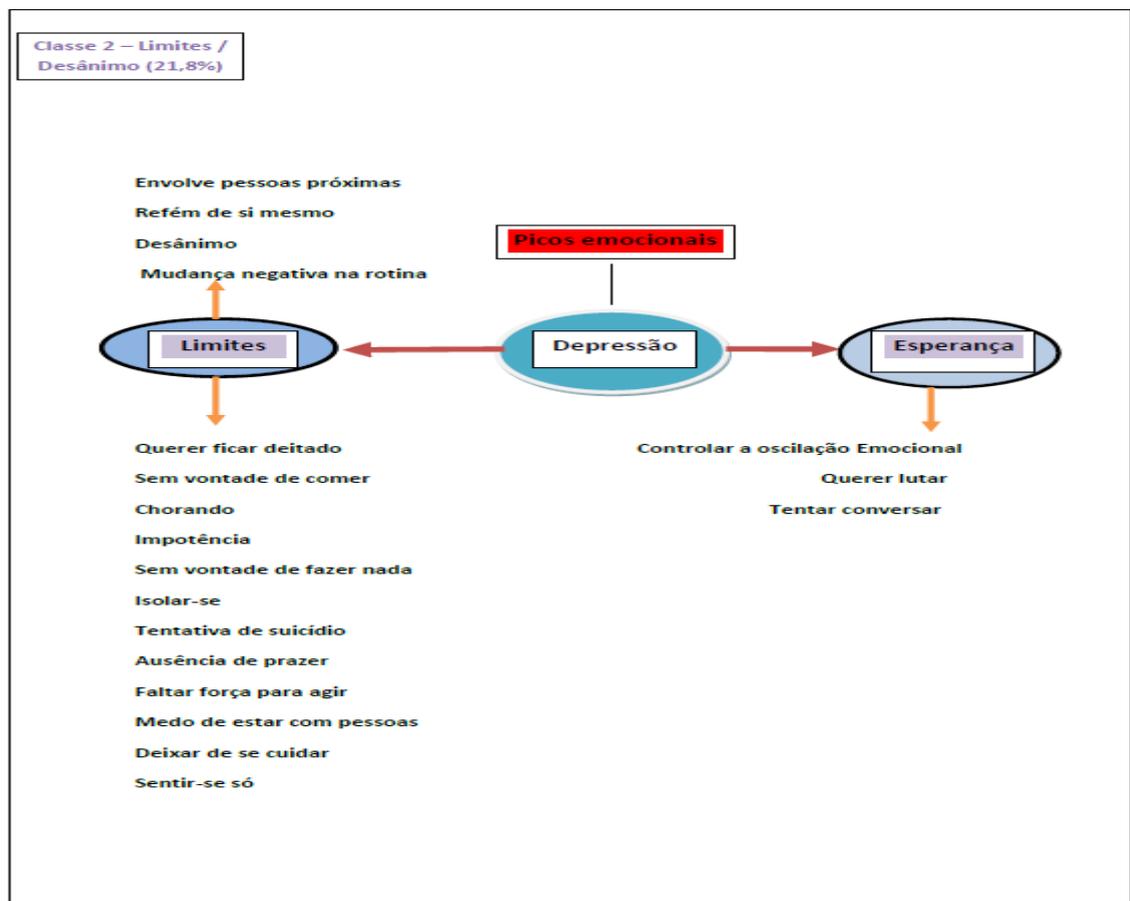
As classes 1 e 5 estão interligadas e juntas representaram as sensações, atitudes e significados considerando o contexto da realidade do quadro de depressão.

Na sequência retratamos a classe 2 que agrega as classes 1 e 5 quanto aos limites dos sintomas do quadro de depressão.

4.2.3 Limites/Desânimo

Nesse sentido nos depararemos com aspectos peculiares relacionados ao contexto de depressão quanto ao conteúdo da classe de discurso Limites / Desânimo, obtido nas entrevistas e demonstrado a partir do Mapa Conceitual, apresentado na Figura 15, considerando os limites emocionais advindos dos sintomas da depressão e a possibilidade de condições de enfrentamento para a melhora.

Figura 15 – Mapa conceitual da Classe 2 – Limites/Desânimo



Fonte: Elaborado pela autora.

A partir das referências em relação à depressão, os graduandos evidenciaram os comportamentos que consideraram como limites, capazes de interferir negativamente no exercício de suas atividades diárias e como refletiam em seus cuidados próprios, alteração da rotina pessoal, profissional e acadêmica de vida.

Esses resultados trazem a discussão sobre as concepções de depressão, que destacam as relações entre o comportamento com sintomas de depressão, o modo como se reflete no aspecto pessoal do indivíduo, que tem uma estrutura de vida que o compõe e o influencia.

Considerando os contextos de desenvolvimento e estabelecimento de relacionamentos, o ser humano recebe influências quanto aos aspectos fisiológicos, psíquicos e sociais. Assim, antes de tudo, o indivíduo é um ser singular, individual.

É interessante pontuar que os arranjos de sua subjetividade são criados e lapidados, na decorrência do período histórico em que vive e que engloba a estrutura social e instituições das quais o indivíduo faz parte e das quais sofre influências. Segundo Guattari (1986), são “equipamentos coletivos de subjetivação” nos quais se enquadram política, religião, ou um segmento de influência sobre o ser.

A seguir, trechos de entrevistas com esse conteúdo.

Você vê a pessoa chorando e não sabe o que faz é muito triste. Em relação à depressão eu sinto que tem fases que é mais intensa e tem hora que nem parece que tenho (Graduanda 7).

A minha irmã quando estudava para o mestrado teve depressão. Eu morava em casa e via tudo acontecer. Ela se trancava no quarto, só chorava, não comia e sentia-se muito triste e eu me sentia impotente (Graduando 66).

Eu me sentia abandonada mesmo, triste sem vontade de sair de casa, sem vontade de conversar com ninguém e uma vontade imensa sempre de chorar. Sempre que tentava falar com Deus me faltavam palavras e as lágrimas que rolavam no meu rosto, sempre falavam por mim (Graduanda 78).

Tenho colegas com depressão e é ruim ver a pessoa sofrer e não reagir. Ser depressivo é uma pessoa que se fecha e que quer ficar sozinha sempre (Graduando 178).

Eu me sentia fracassado por saber das minhas responsabilidades e por sentir limites em meu comportamento, impedindo que eu acreditasse em mim e em meu potencial como estudante e também como um profissional (Graduando 117).

Os discursos característicos da categoria Limites/ Desânimo foram demonstrados no Mapa Conceitual, conforme Figura 15. Dentre os comportamentos

que os graduandos identificaram como depressão, há considerações quanto aos aspectos das sensações negativas do quadro e o processo de identificação diante dos mesmos sintomas, fator este que contribuiu para a diminuição da produtividade, da sensação de bem-estar e da capacidade de interação do indivíduo nas relações que se estabelecem no ambiente acadêmico e nas interações sociais.

Sobre as considerações acima, é relevante observar que o graduando, independentemente do curso no qual estivesse inserido, passou por transformações e questionamentos no período acadêmico, relacionados à sua vida pessoal, à sua produtividade e quanto ao contexto do qual faz parte. E isto implica em consequências em sua maneira de ser e de agir.

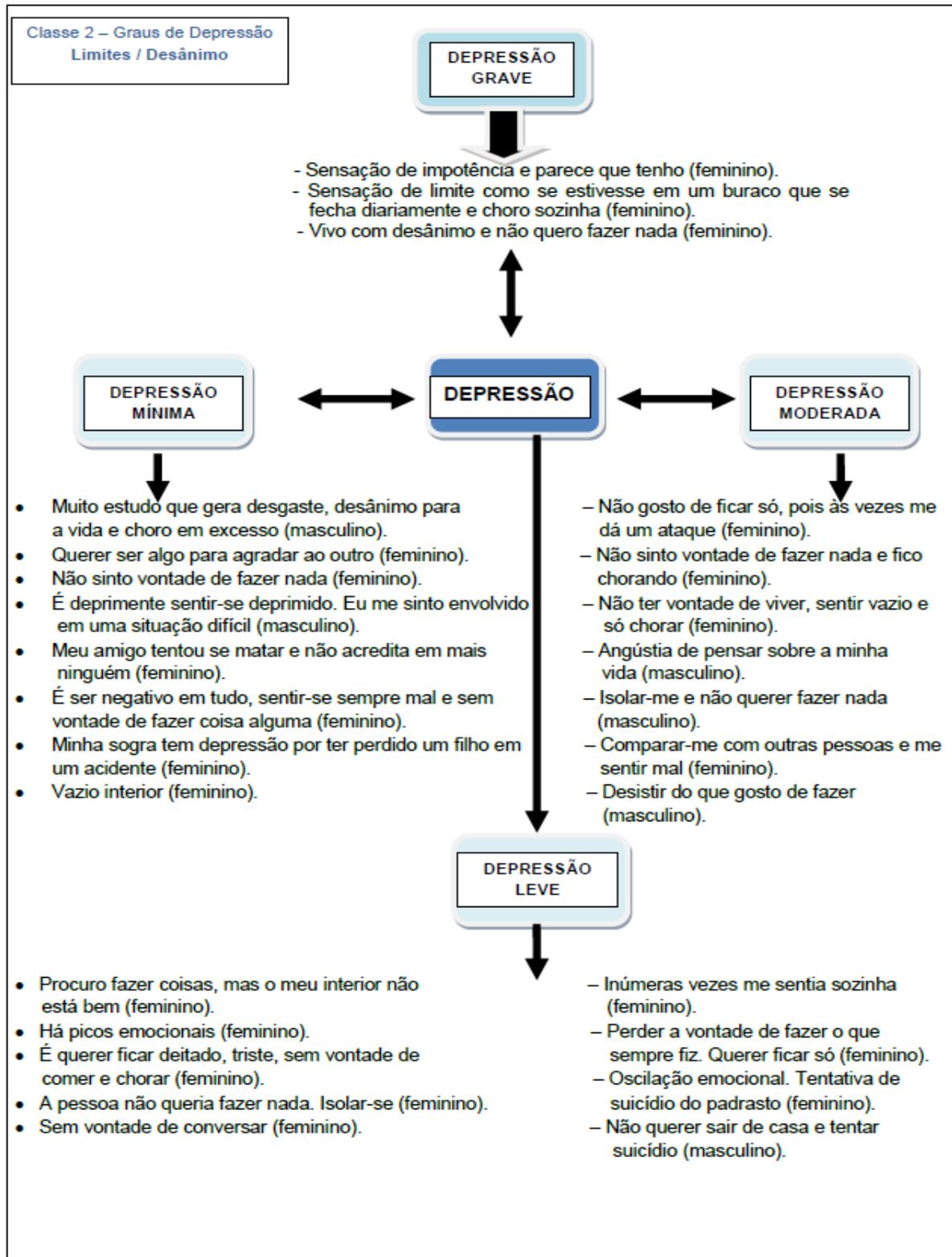
Possivelmente, deparou-se com muitas incertezas também nessa fase da vida, fator este que pode contribuir para o surgimento do desequilíbrio emocional, assim como os sintomas de depressão.

Os sintomas quanto ao quadro de depressão estão abarcados em um nicho de subjetividade que envolve o “eu” do indivíduo e o tempo. Segundo Fédida (2002), o processo pelo qual o depressivo passa, causa a sensação da ausência de sua temporalidade singular. Essa alteração em seu tempo interno o faz parecer lento e de difícil compreensão para quem se relaciona com ele. Inevitavelmente, a manifestação desse comportamento acarretará em divergências quanto ao estabelecimento de vínculos nas relações interpessoais.

Sendo assim, as informações fornecidas durante as entrevistas com cada graduando retrataram subsídios quanto às realidades do mundo psíquico de cada um evidenciando, parcialmente, contextos subjetivos que eram semelhantes em relação à sensação de vazio, de solidão, de angústia, de tendência ao isolamento a partir da identificação de sintomas com quem já teve ou está com depressão.

Considerando os sintomas do quadro de depressão, ilustraremos os níveis de depressão mínimo, leve, moderado e grave diante de alguns relatos dos graduandos e análise específica com o programa IRaMuTeq, indicando os níveis de depressão em cada entrevista, quanto aos gêneros feminino e masculino de acordo com a Figura 15 (Classe 2).

Figura 16 – Mapa Conceitual dos Níveis de Depressão da Classe 2 – Limites / Desânimo



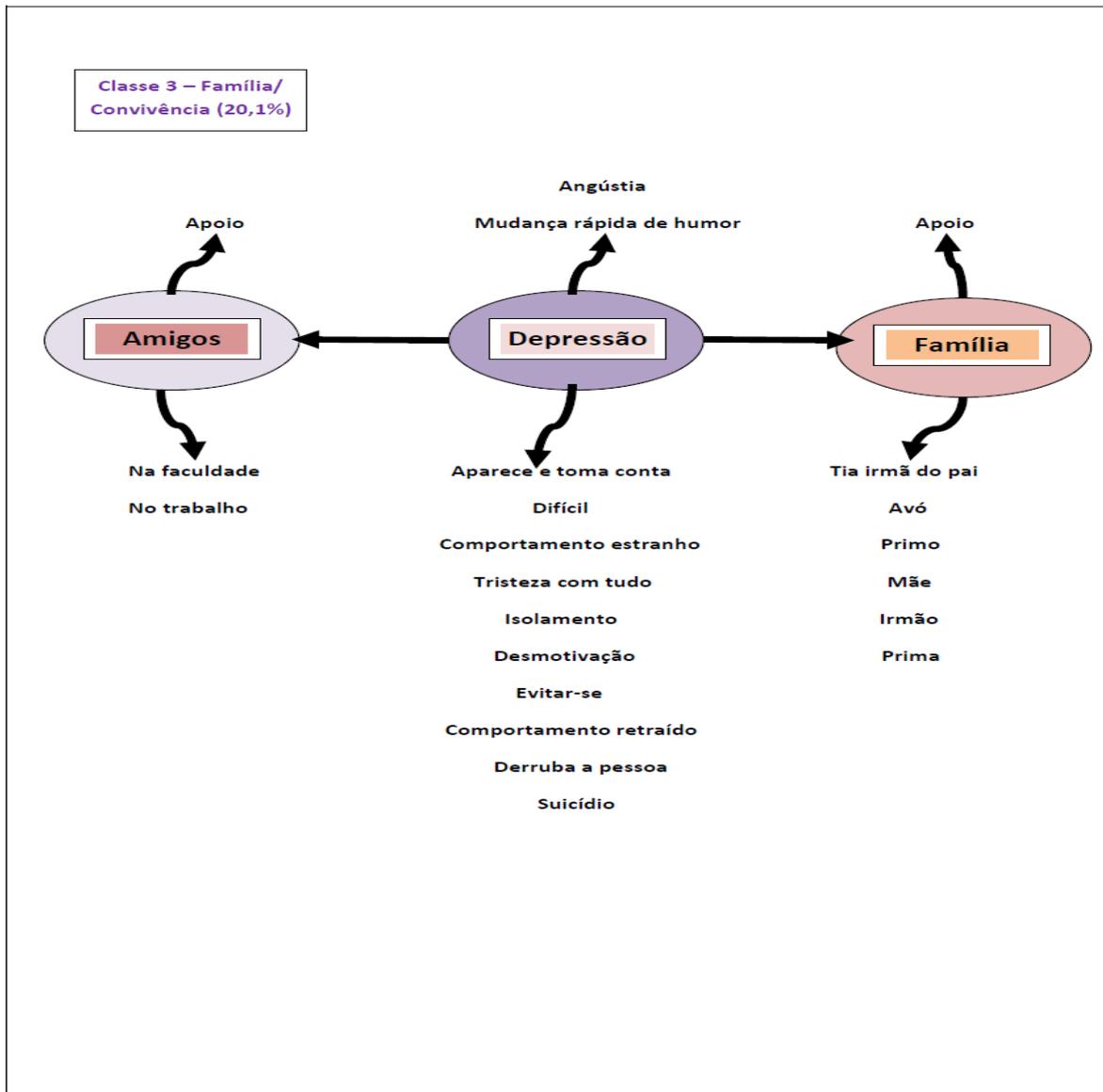
Fonte: elaborado pela autora.

4.2.4 Família / Convivência

Os discursos característicos da categoria Família / Convivência estão apresentados como um Mapa Conceitual, de acordo com a classe 3, demonstrada na Figura 17.

Os relatos foram identificados nas entrevistas e contêm elementos indicadores quanto à associação dos sintomas do quadro de depressão diante dos vínculos estabelecidos nas relações com amigos e família.

Figura 17 – Mapa conceitual da Classe 3 – Família / Convivência



Fonte: Elaborado pela autora.

Como é possível constatar na figura 17, os sintomas da depressão circundam os contextos de família e amigos, além de fazer parte dentre os graduandos. Importante destacar essa realidade, pois a família é considerada uma das principais fontes de apoio social, sendo vista como a transmissora e fonte de referências culturais e como modelo na maneira do indivíduo interagir com os outros (CEBERIO, 2006).

De acordo com o estudo de Lemos; Baptista e Carneiro (2011), a família pode ser vista como referência de modelo comportamental, além de oferecer ao seu integrante modelos cognitivos e contribuir para a constituição de crenças centrais. E, de fato, a partir da convivência familiar o indivíduo passa a construir fundamentos para o estabelecimento de relações.

Diante das relações estabelecidas passa a ser possível a percepção de modelos comportamentais e limites nos mesmos, considerando a subjetividade de cada um e o que isso pode impactar na realidade da convivência. Para ilustrar essa realidade, seguem trechos da entrevista.

Conheço e convivo com pessoa que tem depressão. Para mim é uma preocupação porque é na minha casa e no caso é a minha mãe. Então é um dos motivos que me deixa muito ansiosa, apesar de ter todos os motivos para sorrir. A pessoa ser deprimente pessimista (Graduanda 9).

Conheço algumas pessoas que tem depressão tanto na família como amigos que convivem com a família. Tenho uma tia e um primo além de alguns amigos (Graduanda 45).

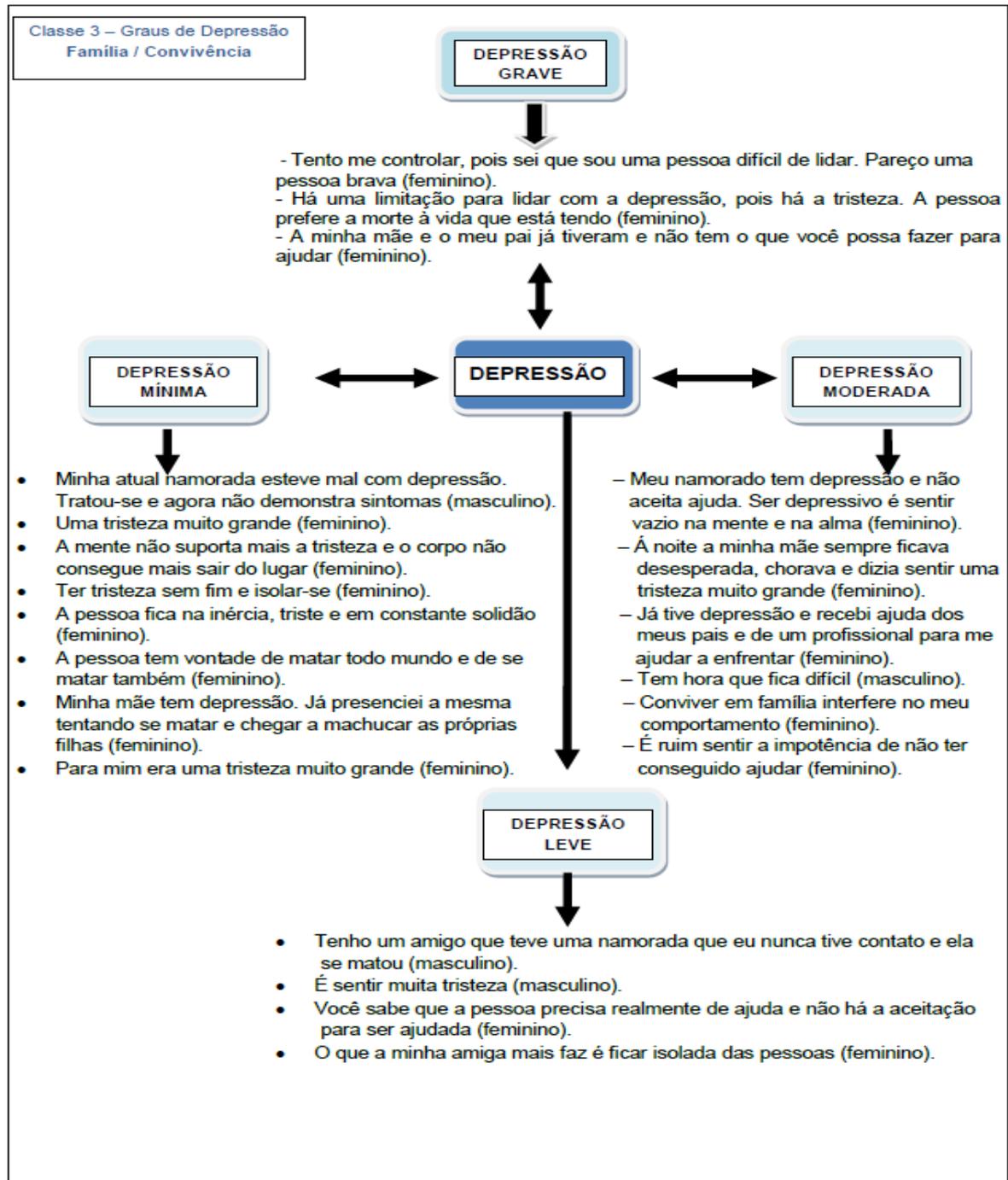
Eu vejo que se a pessoa está bem já é difícil ser dependente de outras pessoas. Eu vejo minha irmã que tem depressão. Os filhos não tem paciência e o marido, piorou. Eu luto contra a depressão (Graduando 23).

Tenho uma tia com depressão que é a minha madrinha irmã da minha mãe eu acho que tenho um pouco também além de alguns amigos eu penso que é triste ver alguém com depressão sem vida, sem alegria que precisa de ajuda (Graduanda 14).

Os relatos acima contribuem para fundamentar as manifestações de contextos de vida que, por vezes, chegam a permanecer arraigados no indivíduo, como reflexos do mal-estar advindo de vivências desagradáveis. De acordo com Dunker (2015), quando o mal-estar é nomeado e articulado através de uma narrativa a uma forma de sofrimento, o indivíduo torna-se parte de uma comunidade invisível, daqueles que já passaram por isso antes e dos que irão passar por isso depois dele mesmo.

Ilustraremos os níveis de depressão mínimo, leve, moderado e grave diante de alguns relatos dos graduandos e análise específica com o programa IRaMuTeq, indicando os níveis de depressão em cada entrevista, quanto aos gêneros feminino e masculino de acordo com a Figura 17 (Classe 3).

Figura 18 – Mapa Conceitual dos Níveis de Depressão da Classe 3 – Família / Convivência



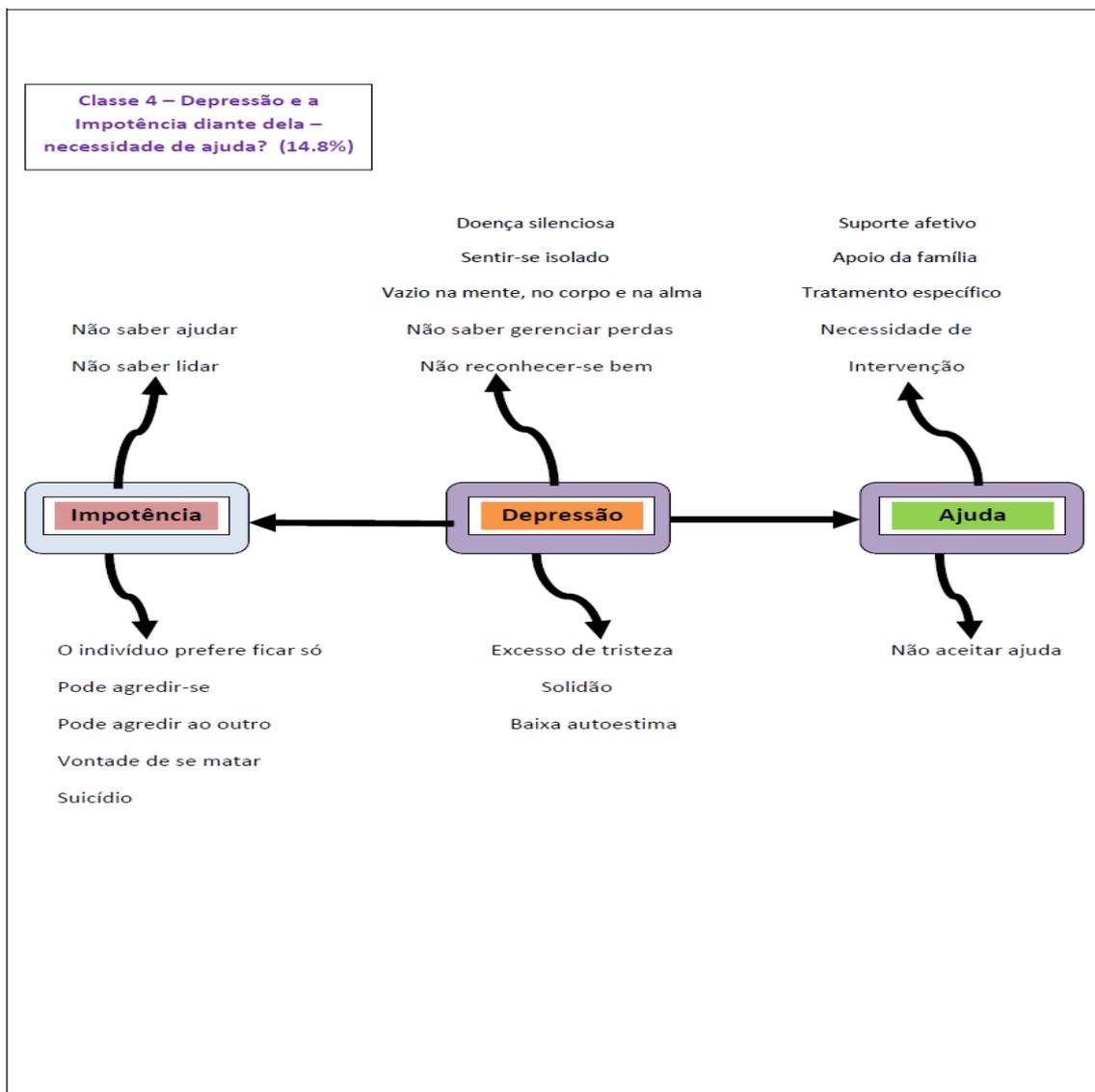
Fonte: Elaborado pela autora.

A seguir, abordaremos discursos característicos da categoria Depressão e a impotência diante dela: necessidade de ajuda?

4.2.5 Depressão e a Impotência diante dela: necessidade de ajuda?

O Mapa Conceitual apresentado na Figura 19 está construído em torno da ideia de depressão e da sensação de impotência em relação a ela. Não sendo capaz de reagir, o sujeito necessita de ajuda.

Figura 19 – Mapa conceitual da classe 4 – Depressão e a Impotência diante dela: necessidade de ajuda?



Fonte: Elaborado pela autora.

Os relatos foram identificados nas entrevistas e contêm elementos indicadores da associação de aspectos desfavoráveis quanto a sensações desagradáveis que geram a impotência e, também, possibilidades de ajuda diante dessa realidade.

Os estudos de Souza, Baptista e Alves (2015) também abordam o quadro de depressão em adultos relacionado com aspectos de outras variáveis, por meio de critérios e índices de sensibilidade, afirmando que a depressão constitui um grande problema de saúde pública, com altos índices, considerada como causa incapacitante para o trabalho e podendo resultar em suicídio.

De acordo com Jodelet (2017), os fatores relacionados à saúde quanto ao corpo interno trazem à tona a importância do funcionamento orgânico e seus centros de interesse. Este fator está relacionado com a percepção de si mesmo, incluindo as necessidades psíquicas e fisiológicas. Nesse sentido, é relevante considerar o que pode causar prazer ou desprazer na vida do indivíduo.

De acordo com a OMS (2017), o suicídio encontra-se entre as dez principais causas de morte em todo o mundo, sendo estimado que aproximadamente 10 a 20 milhões de pessoas o contemplem uma vez na vida.

Além disso, como mostrou o estudo de Vasconcelos-Raposo, Soares e Silva, (2016), ao longo de 50 anos constatou-se um aumento de 60% no número de suicídios em escala mundial, representando a terceira causa de morte em jovens entre 15 e 35 anos.

Durante a realização das entrevistas para a concretização dessa pesquisa, alguns graduandos relataram desabafos sobre o excesso de tristeza, solidão, baixa autoestima, a impotência diante da dor, como retratam trechos de entrevistas a seguir:

Eu não conheço alguém que tenha o diagnóstico de depressão com certeza, mas um parente bem próximo sim. É triste porque você sabe que a pessoa precisa realmente de ajuda e que a pessoa não aceita não quer se ajudar (Graduanda 54).

Tenho um amigo que terminou com a namorada e depois de um ano, do nada, de um dia para o outro, ela se matou. Eu fiquei chocado e acho que ser depressivo é você não se conhecer direito, não saber lidar com as coisas ao redor ou a desistência (Graduando 20).

O meu namorado tem depressão e não consigo ajudá-lo, pois ele não aceita ajuda. Na verdade ele não aceita que está precisando de ajuda. Ser depressivo é ser vazio na mente, no corpo e na alma (Graduanda 164).

Eu não conheço ninguém com depressão. Já ouvi falar de pessoas distantes com depressão. O que eu vejo de depressão é que eu tenho um amigo que teve uma namorada com a qual eu nunca tive contato e que ela se matou de repente (Graduando 20).

A abordagem do contexto das representações partilhadas pelos graduandos atingidos pela doença ou que tiveram acesso a ela através de outro com relação à depressão, auxilia no processo de acesso ao conhecimento dos modelos de pensamento e de comportamento relativos à doença para direcionar a ajuda, quando necessário, pois as relações que são estabelecidas pelos indivíduos a partir de suas interações com a sociedade os levam a uma produção subjetiva e associada a um modelo de imagens e comportamentos simbólicos, sobre o qual se desenvolvem diferentes práticas e relações sociais que passam a ser compartilhadas de modo coletivo (MOSCOVICI, 2007).

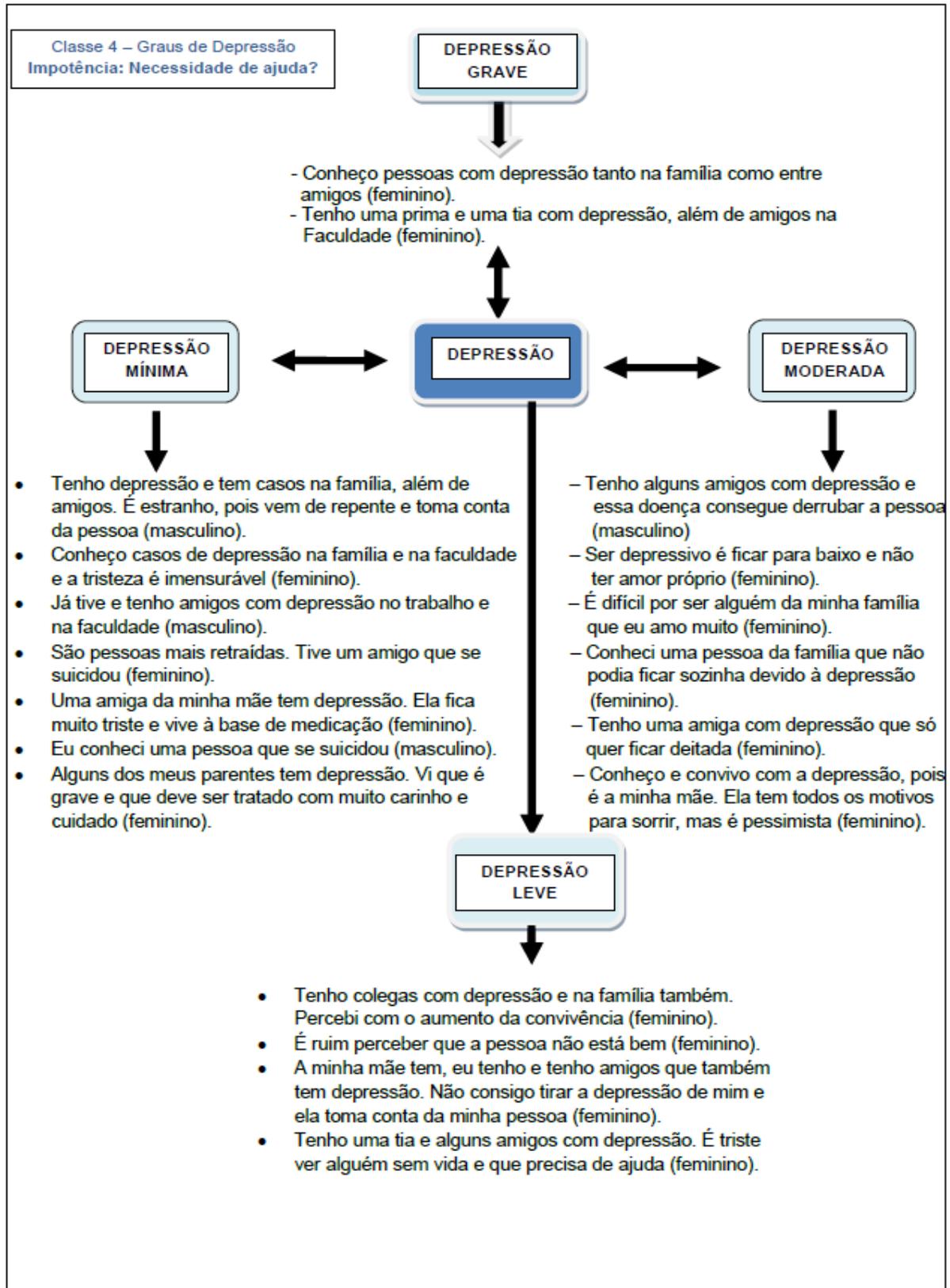
Por isso, é importante considerar que o estudo da representação da doença depressão equivale à abordagem de uma experiência e os sentidos a ela atribuídos subjetivamente, pois a noção de subjetividade nos conduz a considerar os processos que operam no nível dos indivíduos com eles mesmos, correspondendo aos processos pelos quais o sujeito se apropria e constrói suas representações. (JODELET, 2017).

Ainda nesse sentido, Lane (2001), ao considerar a relação entre a objetividade e a subjetividade a partir das representações sociais, percebeu que o sujeito se constitui no processo de identificação com o próximo e não na sua diferença.

Sendo assim, é relevante considerar a importância e a necessidade de perceber diferenças de valores, crenças e comportamentos que se estabelecem nas relações diante dos vínculos criados, que incluem riscos no contexto universitário, incluindo homens e mulheres e a possível relação com a depressão, sensação de insegurança diante de um contexto, muitas vezes, desconhecido e a possibilidade de recorrer à ajuda.

Para retratar essa realidade, ilustraremos os níveis de depressão mínimo, leve, moderado e grave diante de alguns relatos dos graduandos e análise específica com o programa IRaMuTeq, indicando os níveis de depressão em cada entrevista, quanto aos gêneros feminino e masculino de acordo com a Figura 19 (Classe 4).

Figura 20 – Mapa Conceitual dos Níveis de Depressão da Classe 4 – Impotência: -
Necessidade de ajuda?



Fonte: Elaborado pela autora.

Abordaremos nesta etapa a questão da percepção da depressão e suas consequências na maneira do indivíduo vivenciar experiências diante das limitações subjetivas que são externalizadas nas relações estabelecidas.

O fato de algo vivenciado poder ser a fonte de desgaste na vida psíquica pode gerar conflitos, diante da necessidade dos processos de revisão e de mudança por todo o ciclo de vida do indivíduo, considerando as condições sócio-históricas de seu tempo. E isso, inclui as circunstâncias que interferem na vida do indivíduo, sendo necessário rever prioridades na vida do graduando que possam favorecer o seu desenvolvimento e a sua maturidade.

Como os estudos de Kay e Coutinho (2008) apontam, o graduando depara-se com novas experiências e também com a probabilidade de vivenciar conflitos.

Para ilustrar essa realidade, seguem trechos da entrevista:

Ser depressivo é ver a vida em preto e branco faltando um verdadeiro sentido para buscar o que é bom e o que faz sentido, pois acabo me acostumando com as coisas como estão (Graduanda 2).

Ser depressivo é sentir que as coisas que faziam sentido deixaram de fazer. É sentir a falta da energia para viver e viver um tanto faz com indiferença nas relações. Percebo quando estou diferente, sem luz, sem me aplicar da maneira que sou capaz (Graduando 13).

Percebo que quem tem depressão sente falta de vontade para fazer as coisas, falta de vontade para viver e que tudo fica sem graça. Parece que a pessoa está quase sem vida. Eu percebo que fico triste às vezes, mas acredito que seja normal como qualquer outra pessoa pode ficar (Graduanda 35).

Ver alguém triste desanimado sem prazer em fazer as coisas, sem gostar de si próprio acaba gerando uma certa impotência em mim. Considero depressiva a pessoa que deixa de sentir prazer pela vida, que vive se isolando, que sente culpa (Graduando 26).

Eu tenho duas amigas com depressão. Para mim é terrível pela impotência que chego a sentir e dá uma sensação de que a pessoa não tem mais razões e nem vontade de fazer nada. Falta disposição e acreditar em superação (Graduanda 58).

Os relatos acima contribuem para ilustrar as manifestações de contextos de vida que chegam a ser declarados diante da angústia e sensação de limitação em decorrência do quadro de depressão, mas também, por vezes, chegam a permanecer arraigados no indivíduo, como reflexos do mal-estar advindo de vivências desagradáveis.

Dunker (2015), afirma que mal-estar não se limita a uma sensação desagradável, mas a um sentimento existencial de perda de lugar ou a experiência real de estar fora do lugar. E nesse sentido podemos considerar que o indivíduo passa a se desconhecer, assim como sua capacidade de reinventar-se a cada dia nas experiências diárias de casa, vida no trabalho e também acadêmica.

Através dos contextos expostos nas comunicações que foram estabelecidas, os graduandos relataram suas crenças, conhecimentos do senso comum e atitudes favoráveis e/ou desfavoráveis a ele próprio e ao seu meio, pontuando sobre a percepção de como a rotina tende a influenciar os aspectos favoráveis e desfavoráveis de uma dada situação, relação ou momento vivenciado.

De acordo com Jodelet (2017), é fundamental considerar os elementos que constituem as vivências em um espaço e tempo específicos do cotidiano. Ter a noção de experiência vivida permite ao indivíduo passar do contexto coletivo ao singular, do meio social ao individual. Sendo assim, a experiência vivida pode gerar um desgaste na vida psíquica do sujeito. Por outro lado, fazem emergir significados inovadores, podendo resultar em um caráter criativo.

As classes 3 e 4 estão relacionadas e juntas representaram as ações e os vínculos percebidos pelos graduandos, levando em consideração as dificuldades de enfrentamento diante dos sintomas do quadro de depressão.

Diante da explanação realizada sobre os sintomas de depressão na vida pessoal, desmotivação e limites na maneira de agir, vínculos afetivos na convivência familiar e a possibilidade da tomada de consciência diante da necessidade de ajuda encontrados, relacionaremos os níveis do quadro da doença nos graduandos com os traços comportamentais e as identificações que eles realizaram.

4.3 Comportamentos dos graduandos

A categorização oferecida pelo *software* IRaMuTeQ quanto aos comportamentos resultou em 4 classes de discursos retratadas no Dendograma de Classificação Hierárquica Descendente, que possibilitou a compreensão das expressões dos graduandos, seguido de análises a partir das interações sociais.

Nessa figura, que ilustra as relações das interclasses, a leitura deve ser feita da esquerda para a direita, considerando o corpus dividido em dois subgrupos. O subgrupo do lado esquerdo foi dividido em dois, tendo resultado nas classes 2 e 1, e

o subgrupo do lado direito foi também dividido em duas classes, a classe 4 e a classe 3. Isso significa que as classes 2 e 1 possuem menor relação ou proximidade com as classes 4 e 3. A classe 2 possui maior relação ou proximidade com a classe 1, assim como a classe 4 possui maior relação ou proximidade com a classe 3.

Importante pontuar que cada uma dessas classes descreverá realidades específicas dos comportamentos dos graduandos, considerando as interligações quanto aos eixos 1 e 2, desde a escolha do curso a partir da identificação e possíveis projeções diante da mesma e também os reflexos das escolhas e toda a rotina que se estabelece, considerando a vida acadêmica.

A partir da identificação quanto à escolha do curso e ao ambiente que circunda a realidade do investimento necessário na construção de possibilidades no processo de aprendizagem, além de trocas nas interações que se estabelecem, devemos considerar o universo sensorial no qual se classificam as sensações ligadas à realização de certos atos, a estados prazerosos ou situações emocionalmente fortes, incluindo o aspecto afetivo da construção da realidade, nas quais se podem encontrar visões de homem e do mundo, expressando o imaginário social, de uma ordem simbólica e de uma identidade de grupo (JODELET, 2017).

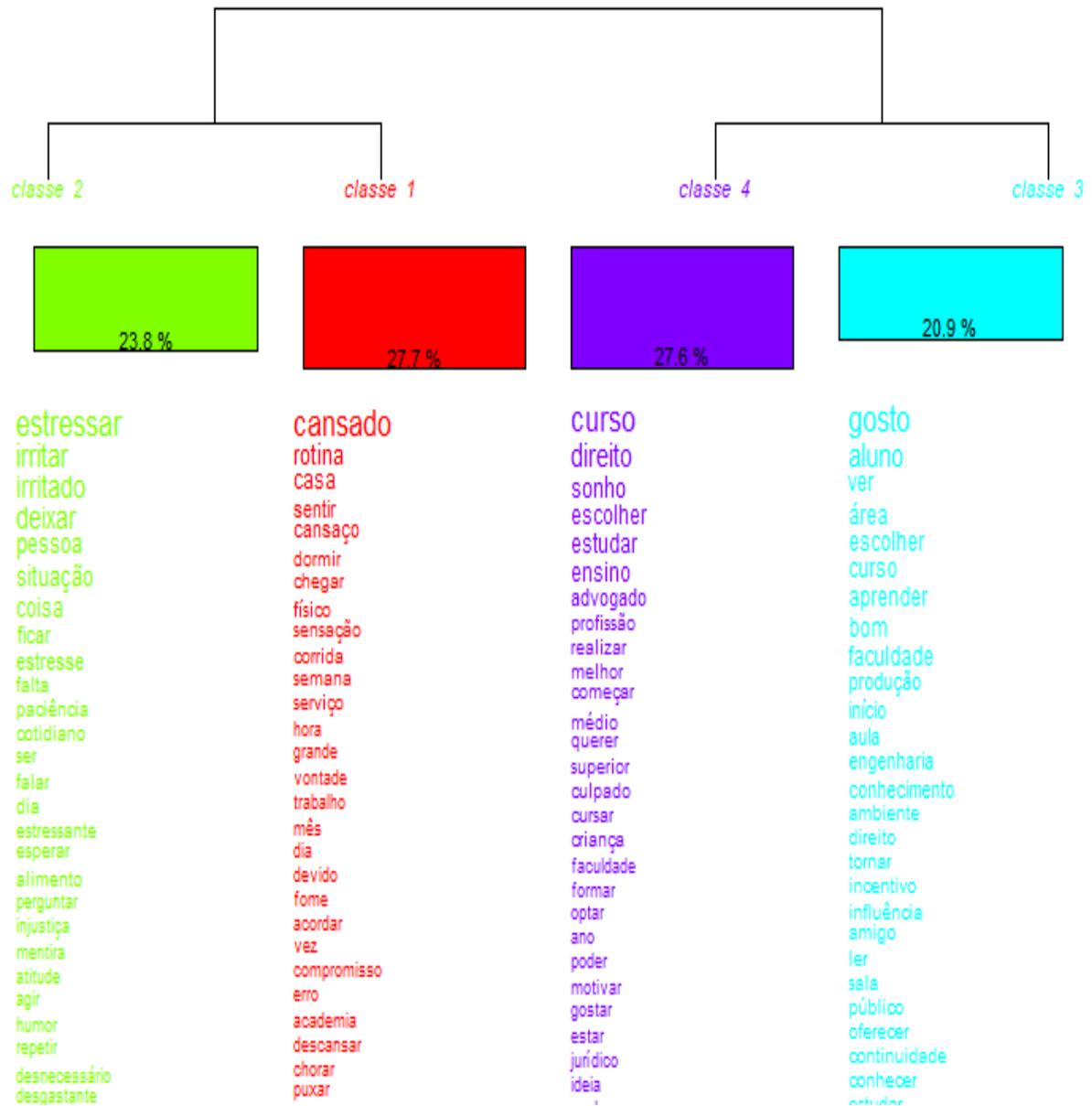
Nesse sentido as sensações diante das rotinas estabelecidas, as vivências acadêmicas e as escolhas por cursos revelaram aspectos de identificação de maneira positiva e negativa entre os graduandos nas relações interpessoais.

Há um período específico de desenvolvimento físico, cognitivo, psicológico e social na vida do indivíduo que está freqüentando o ensino superior. Além de lidar com as alterações que são típicas desse desenvolvimento, como a construção da identidade, o graduando enfrenta as exigências da vida acadêmica e também da vida social que vai se transformando (VALADAS; GONÇALVES, 2002).

É válido considerar a importância da estrutura emocional para lidar com as transformações, mudanças e adaptações que fazem parte de maneira implícita e explícita da realidade de estudos, estímulos e interações do graduando, que acabam gerando impactos e consequências emocionais às quais o indivíduo pode não estar preparado e, com isso, começar a manifestar alterações de ordem emocional e reacional.

Sendo assim, é relevante que adentremos na realidade de tendências e consequências comportamentais dos graduandos a partir dos estímulos recebidos e relações estabelecidas.

Figura 21 – Dendograma da classificação hierárquica descendente - Comportamentos



Fonte: IRaMuTeQ.

4.3.1 RS e os aspectos que circundam os comportamentos dos graduandos

Esta subdivisão dos resultados foi baseada no discurso de 180 graduandos que concordaram com a continuidade da participação das entrevistas sobre aspectos que influenciam o comportamento.

A classe 1 engloba discursos relacionados aos contextos da rotina em casa, no trabalho e o que essas influências exercidas no comportamento do graduando podem desencadear. As demais classes estão apresentadas na sequência.

4.3.2 Rotina, cansaço e sensações

Os graduandos participantes deste estudo estavam matriculados nos cursos de Engenharia de Produção, Pedagogia, Administração, Direito e Ciências Contábeis. A Figura 22 mostra o mapa conceitual sobre rotina, cansaço e sensações.

Considerando os dados apresentados a partir das entrevistas que foram realizadas, há um conjunto de sinais que retratam desgaste emocional, sensação de culpa e maneiras diferenciadas de perceber as consequências da rotina em casa e no trabalho. Importante ressaltar também que o desgaste mental e físico está presente, acrescido de um conjunto de sintomas advindos dos comportamentos que acabam sendo reforçados pela ocorrência da rotina e das diversidades que vão se tornando evidentes, chegando a sinalizar inadequação às exigências do mundo exterior.

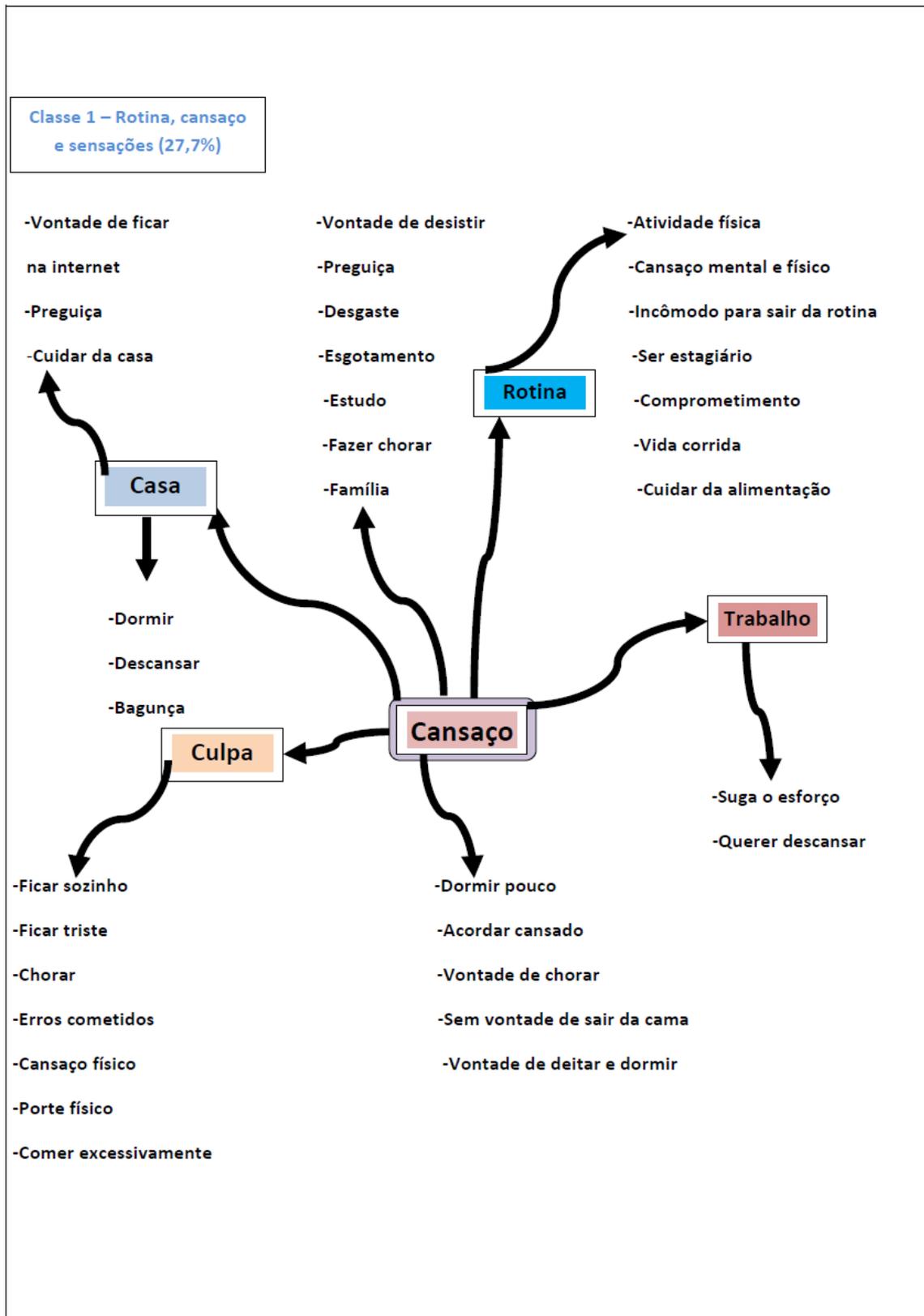
Além disso, o graduando pode manifestar sensação de vazio que pode envolver contextos de cunho familiar, profissional, social e as limitações como reflexos das incumbências do dia a dia.

Os estudos de Bolsoni-Silva e Loureiro (2016), dentre outros aspectos, fazem referência às habilidades sociais, como um conjunto de comportamentos emitidos por um indivíduo, parte de um contexto interpessoal, com expressão de sentimentos, atitudes, opiniões de modo adequado às situações, que é o que idealizamos.

Por outro lado, de acordo com Sergin (2000), a combinação entre os *déficits* de habilidades sociais e eventos negativos da vida acabam sendo condições favorecedoras do quadro de depressão, considerando a possibilidade do desalinhamento comportamental ao seguir rotinas que podem interferir no equilíbrio global do indivíduo e suas sensações.

Os discursos característicos da categoria Rotina, cansaço e sensações estão demonstradas na forma de Mapa conceitual, conforme Figura 22.

Figura 22 – Mapa Conceitual da Classe 1 – Rotina, Cansaço e Sensações



Fonte: Elaborado pela autora.

Nesse sentido, consideramos as experiências vividas que, segundo Jodelet (2017), estão relacionadas com a maneira como as pessoas experienciam, no íntimo, uma dada circunstância e de como a elaboram, a partir da maneira como abstraem os fatos e sensações e de como este conjunto irá repercutir positiva ou negativamente diante da situação e das relações e ações que elas desenvolvem em dada situação.

A seguir, trechos de entrevistas que retratam essa realidade.

Às vezes chega a bater uma culpa pelo o que faço. Já me senti cansado, mas atualmente não era uma sensação de não querer fazer nada, era como se chegasse do trabalho e quisesse ficar mais reservado, descansando. Um cansaço que parecia que não ia ter fim (Graduando 38).

Diante de toda a atitude que tenho costumo me culpar. O meu amigo me disse que eu sou o meu maior inimigo. Eu me sinto muito cansado e todo final de semana só quero dormir (Graduando 143).

Eu não sei dizer se me culpabilizo, mas quando algo me faz ter a sensação de culpa, eu fico com aquilo na mente por um ou dois dias. Eu me sinto cansada por tanta cobrança no estudo e em casa (Graduanda 173).

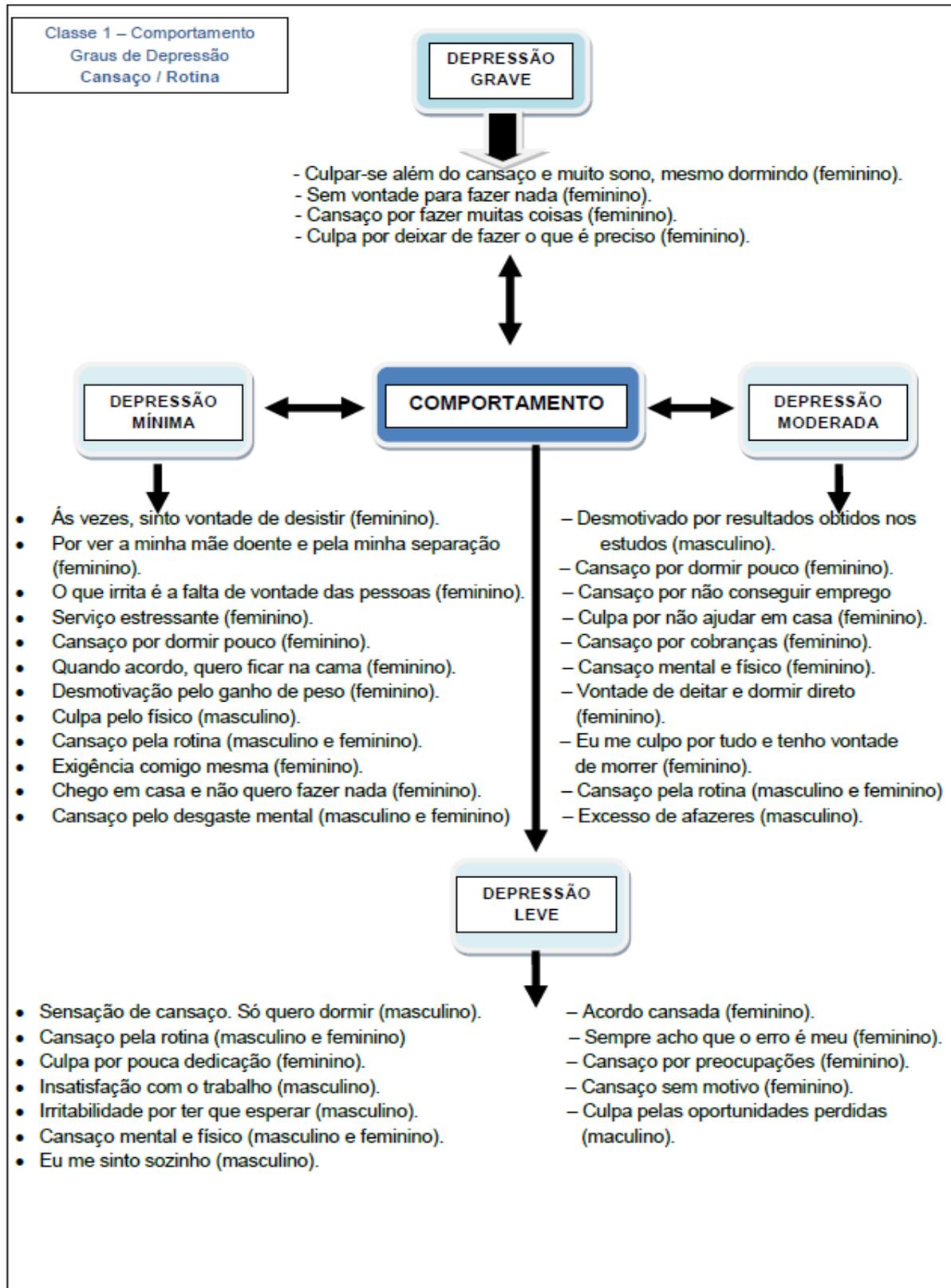
Eu costumo me culpar apenas em assuntos relacionados a mim ou a atos que poderia ter evitado. Eu me sinto cansada na maior parte do dia além de sentir muito sono, mesmo tendo noites bem dormidas e dias tranquilos (Graduanda 165).

Os discursos característicos da categoria Rotina, cansaço e sensações retrataram conhecimentos comuns, considerados como parte das experiências dos indivíduos com significados próprios da subjetividade de cada um. Jodelet (2017) aborda a noção de subjetividade pontuando os processos que operam no nível dos próprios indivíduos, proporcionando que esses se apropriem e construam as representações, que podem ser de natureza cognitiva, emocional e dependerá de uma experiência vivenciada.

Ainda quanto a esse aspecto, de acordo com Jovchelovitch (2013), as RS são utilizadas como uma estratégia desenvolvida pelos indivíduos tendo como base o enfrentamento da diversidade e a mutabilidade de um mundo que, pertence a todos, mas transcende a cada um individualmente.

Para retratar essa realidade quanto ao comportamento, ilustraremos os níveis de depressão mínimo, leve, moderado e grave diante de alguns relatos dos graduandos e análise específica com o programa IRaMuTeq, indicando os níveis de depressão em cada entrevista, quanto aos sexos feminino e masculino de acordo com a Figura 22 (Classe 1).

Figura 23 – Mapa Conceitual Comportamento dos Níveis de Depressão da Classe 1 – Rotina, cansaço e sensações

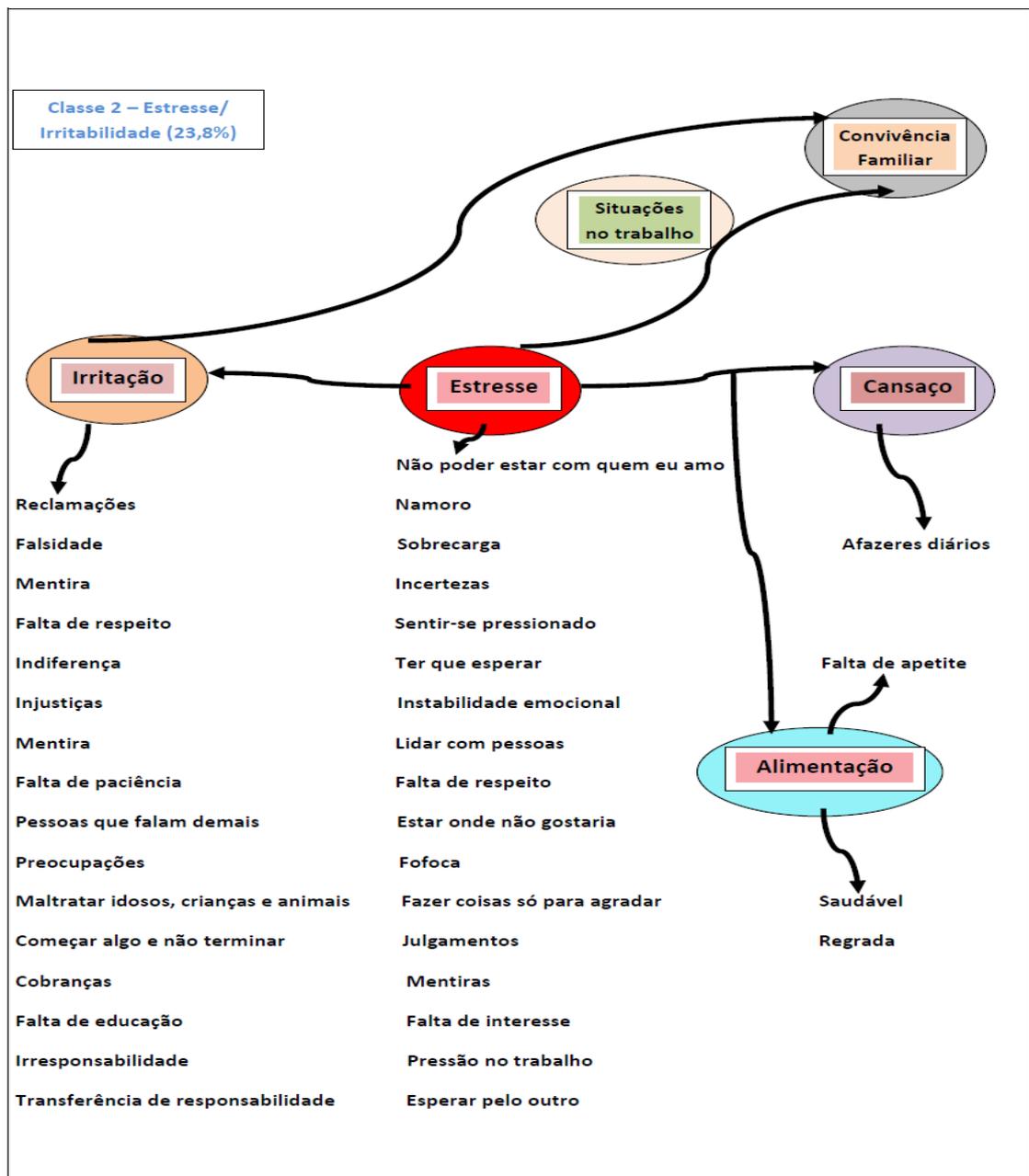


Fonte: Elaborado pela autora.

4.3.3 Estresse / Irritabilidade

Abordamos aqui os comportamentos que tendem a interferir negativamente nos contextos de vida dos graduandos, incluindo contextos nos quais se estabelecem relacionamentos, incluindo o estresse e a irritabilidade. Quanto ao conteúdo da classe de discurso Estresse / Irritabilidade, obtido a partir das entrevistas, elaborou-se o Mapa Conceitual da Classe 2, apresentado na Figura 24.

Figura 24 – Mapa Conceitual da Classe 2 - Estresse / Irritabilidade



Fonte: Elaborado pela autora.

Como é possível constatar na Figura 24, o comportamento manifesta o que o indivíduo considera a respeito de uma situação ou pessoa. Nesse sentido é relevante destacar as interferências externas quanto à adequação diante da necessidade de adaptação e ajustes no que diz respeito à maneira de administrar os sintomas de estresse, destacando condições de enfrentamento diante das ocorrências de rupturas inevitáveis e ter novos ciclos de vida passando a fazer parte da realidade dos acadêmicos.

Assim como afirma o estudo de Lameu (2014), o período acadêmico engloba o estabelecimento de novas rotinas e processos de aprendizagem, considerando os limites do graduando, no que diz respeito à preservação da saúde física e psicológica nas vivências acadêmicas.

É essencial pontuar que, de acordo com a abordagem de Dias e Gomes (2007), o ambiente acadêmico pode ser estressante quando não oferece condições adequadas para o desenvolvimento saudável.

Sendo assim, evidencia-se o estabelecimento de associações quanto à percepção das sensações e reações diante de um estímulo advindo do meio social, familiar ou de trabalho.

Para retratar essa realidade, vejam-se trechos das entrevistas:

Consigo perceber que tenho vários fatores que me levam ao estresse. Às vezes quando não me sinto bem comigo e já acordo meio estressada. São coisas do momento, que passam, mas isso me atrapalha principalmente no relacionamento com a família (Graduanda 36).

O que me deixa irritada são pessoas que reclamam o tempo todo e o que costuma me estressar é ter que ficar em filas para alguma coisa, mas supero e me sinto bem com equilíbrio. A minha alimentação é regular, pois me alimento três vezes ao dia (Graduanda 113).

Sinto o cansaço quando faço muitas coisas do meu dia. O que me irrita é a falta de respeito dos profissionais da saúde com os pacientes do SUS e o que me estressa é quando uma pessoa falta com respeito com outra por qualquer motivo (Graduando 126).

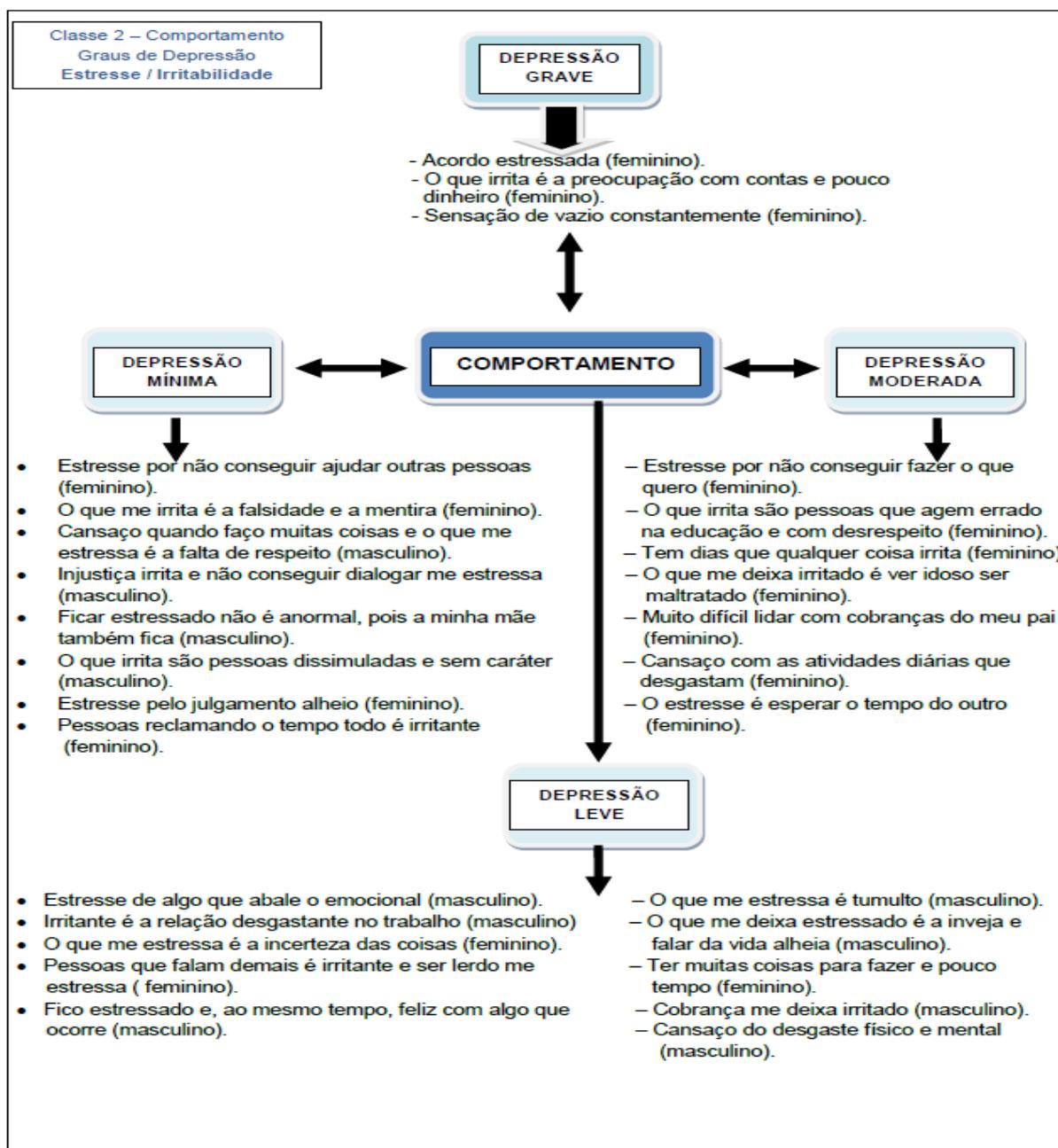
O que me deixa irritado é ter que dirigir à noite e o que costuma me deixar estressado é tumulto sendo assim eu costumo não conversar com outras pessoas e ficar mais sozinho diante do estresse (Graduando 134).

Como já mencionado, Jodelet (2007) destaca como é importante discorrer sobre a maneira como cada um vivencia uma determinada situação e a maneira como elabora e abstrai sua experiência, através de um trabalho psíquico e cognitivo,

pois as consequências a partir dessa vivência podem retratar a necessidade de ajuda.

Para retratar essa realidade quanto ao comportamento, ilustraremos os níveis de depressão diante de alguns relatos dos graduandos e análise específica com o programa IRaMuTeq, indicando os níveis de depressão em cada entrevista, quanto aos sexos feminino e masculino de acordo com a Figura 24 (Classe 2).

Figura 25 – Mapa Conceitual Comportamento dos Níveis de Depressão da Classe 2 – Estresse / Irritabilidade



Fonte: Elaborado pela autora.

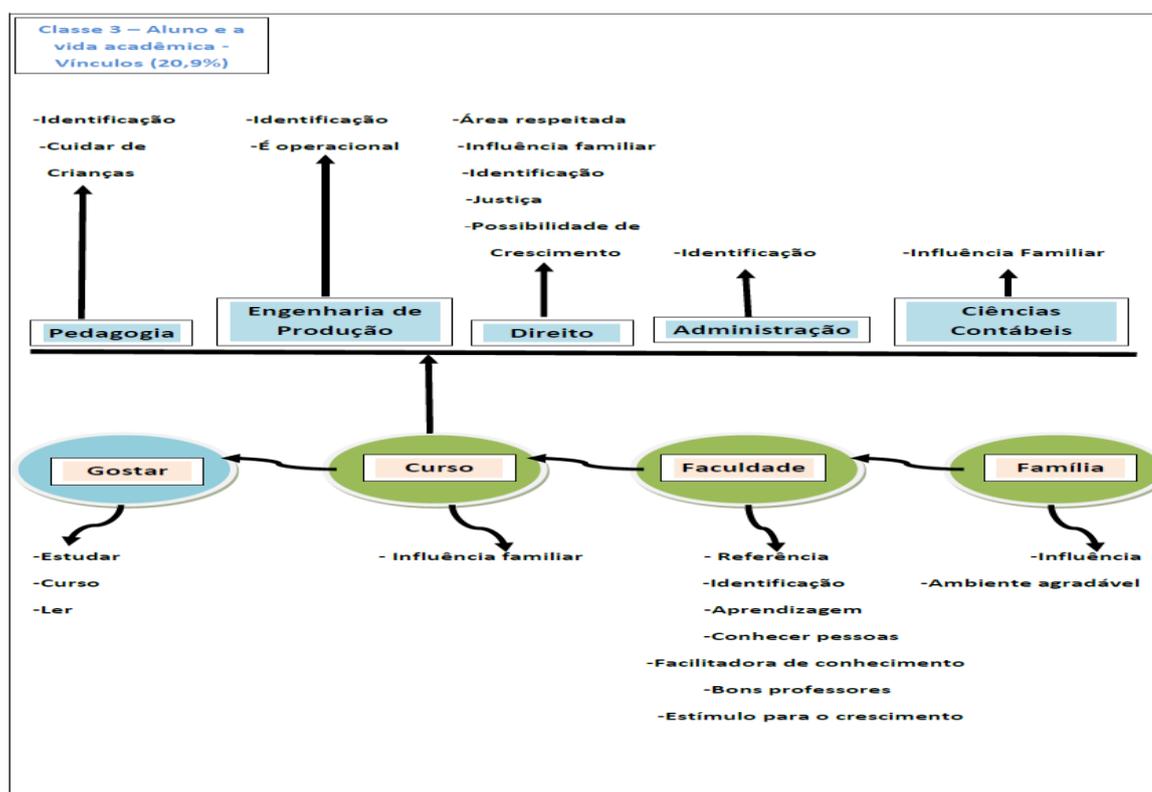
As classes 1 e 2 estão relacionadas e juntas representaram as ações e as reações diante das realidades de vínculos estabelecidos e as convivências no ambiente familiar, no trabalho e o ambiente social percebidos pelos graduandos, considerando as dificuldades de enfrentamento diante dos sintomas do quadro de depressão.

A seguir, abordaremos os contextos obtidos nas entrevistas quanto às escolhas, sonhos dos graduandos no ambiente da faculdade relacionados aos cursos, considerando dois Mapas Conceituais. Os discursos característicos da categoria Aluno e a vida acadêmica – vínculos estão demonstrados no Mapa conceitual, conforme a Figura 26; e os característicos da categoria Ambiente da faculdade e as escolhas pela influência dos cursos, conforme a Figura 28.

4.3.4 Aluno e a vida acadêmica

O Mapa Conceitual indicado na Figura 26 apresenta a identificação do estudante com o curso escolhido.

Figura 26 – Mapa Conceitual da Classe 3 - Aluno e a vida acadêmica - Vínculos



Fonte: Elaborado pela autora.

Mediante os dados apresentados a partir das entrevistas que foram realizadas, é possível supor que isso implica identificação do indivíduo por gosto por leitura, acreditar que o estudo faz a diferença, ter responsabilidade, disposição e comprometimento com os estudos. Esse conjunto de atitudes e comportamentos acaba sendo reforçado pela formação de vínculos no ambiente institucional e com a identificação com ele, a possibilidade e a necessidade de lidar com as diversidades, o sentir-se acolhido, a consideração quanto à realização de um sonho e o crescimento.

Em seu contexto de evolução, o ser humano está sempre se deparando com a necessidade de passar por readaptações às circunstâncias que vão surgindo ao longo de sua história. Em face dessa realidade, o nível de cobrança interno pode transcender os limites de enfrentamento do indivíduo, com potencial suficiente para gerar alterações comportamentais (LIPP, 2007).

Mesmo considerando os aspectos negativos que também podem fazer parte, como a dificuldade financeira, a insegurança, o sentimento de incapacidade, cansaço, sentir-se limitado, dificuldade de concentração e até a falta de oportunidade, a importância da família foi enfatizada por graduandos, considerando o incentivo e o apoio para a formação, a esperança e a referência.

A seguir, trechos da entrevista para ilustrar:

Gosto de ler e escrever e o curso de direito é uma área que busca a ocorrência da justiça, inclusive a possibilidade de diminuir a desigualdade. Não costumo me culpar além do normal, mas sempre avalio as minhas ações e condutas (Graduando 130).

Gosto da faculdade e percebo que estou indo bem no curso e o fato de ter escolhido Pedagogia está relacionado ao carinho que tenho por crianças. Como gosto muito, considereei uma boa escolha (Graduanda 69).

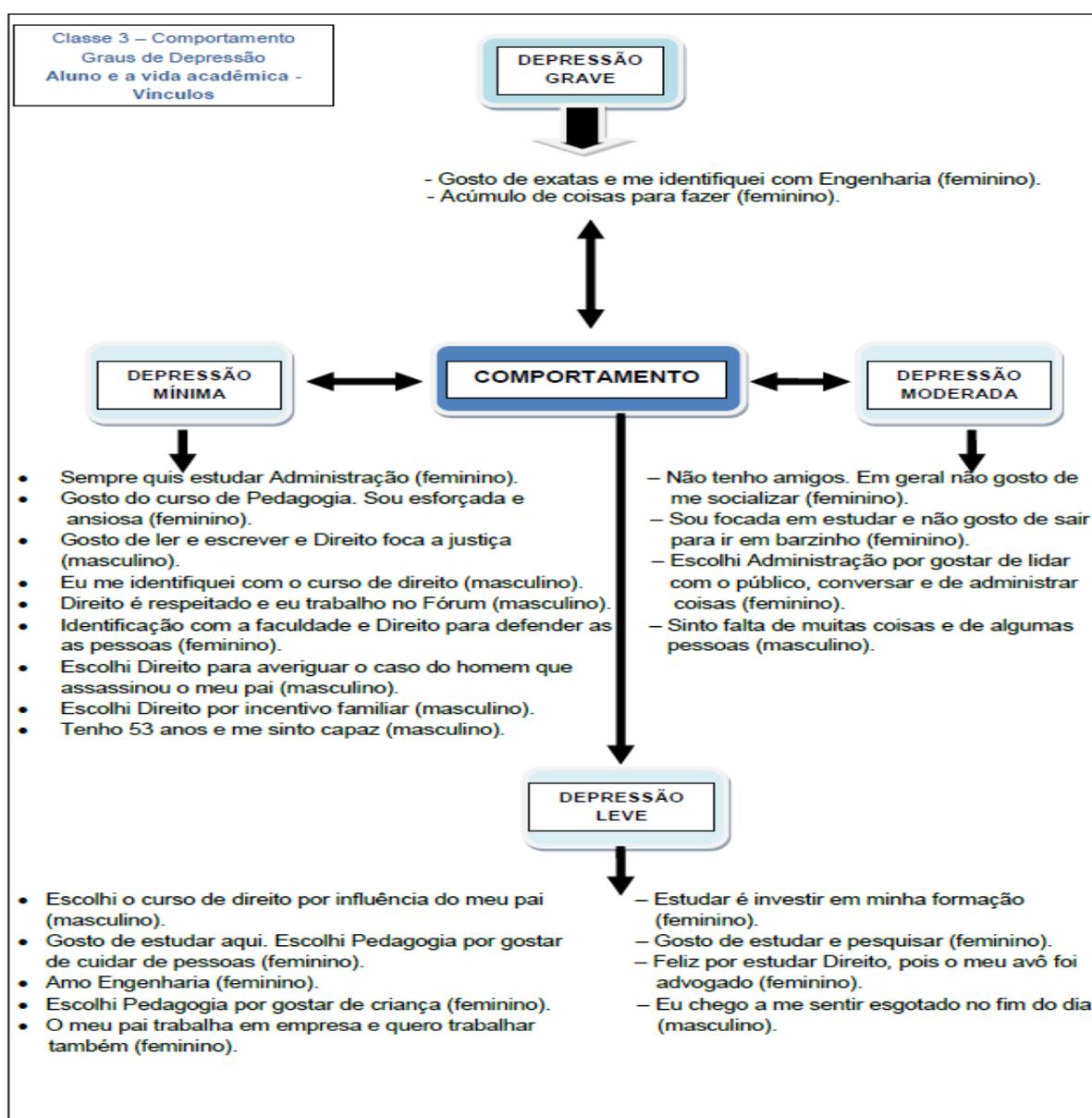
Por enquanto ainda não processei que estou na faculdade. Entro, cumpro as obrigações de uma aluna e vou embora. Vejo a faculdade como algo simples e normal. Fiz três anos de cursinho preparatório para vestibular querendo cursar engenharia química, mas estou cursando engenharia de produção mesmo (Graduanda 153).

Faz-se necessária a abordagem desses conceitos e relatos dos graduandos, pois fazer referência quanto aos cursos, identificações e o ambiente acadêmico contribui para o acesso ao contexto social do graduando. É nesse ambiente que o indivíduo relata suas vivências e tem acesso a informações. De acordo com Moraes (2007), as condutas e os discursos a respeito dos cursos, ambiente acadêmico e

identificações auxiliam na construção de saberes e auxiliam na identificação e compreensão do mundo a sua volta.

Para retratar essa realidade quanto ao comportamento, ilustraremos os níveis de depressão diante de alguns relatos dos graduandos e análise específica com o programa IRaMuTeq, indicando os níveis de depressão em cada entrevista, quanto aos sexos feminino e masculino de acordo com a Figura 26 (Classe 3).

Figura 27 – Mapa Conceitual Comportamento dos Níveis de Depressão da Classe 3 – Aluno e a vida acadêmica – Vínculos



Fonte: Elaborado pela autora.

E, por último, a abordagem será relacionada ao ambiente da faculdade, a partir dos estímulos nas escolhas pela influência dos cursos, que complementa as colocações e fundamentações realizadas anteriormente.

4.3.5 Ambiente da faculdade e as escolhas pela influência dos cursos

Segundo Knop (2008), a escolha pelo curso, qual a razão da escolha e quais os fatores interferem nesse momento são relevantes para o graduando. Mesmo porque o resultado da escolha pelo curso impactará em sua postura no que diz respeito ao comprometimento e possíveis projeções quanto ao que será necessário fazer diante da realidade de estar inserido no ambiente acadêmico e suas implicações.

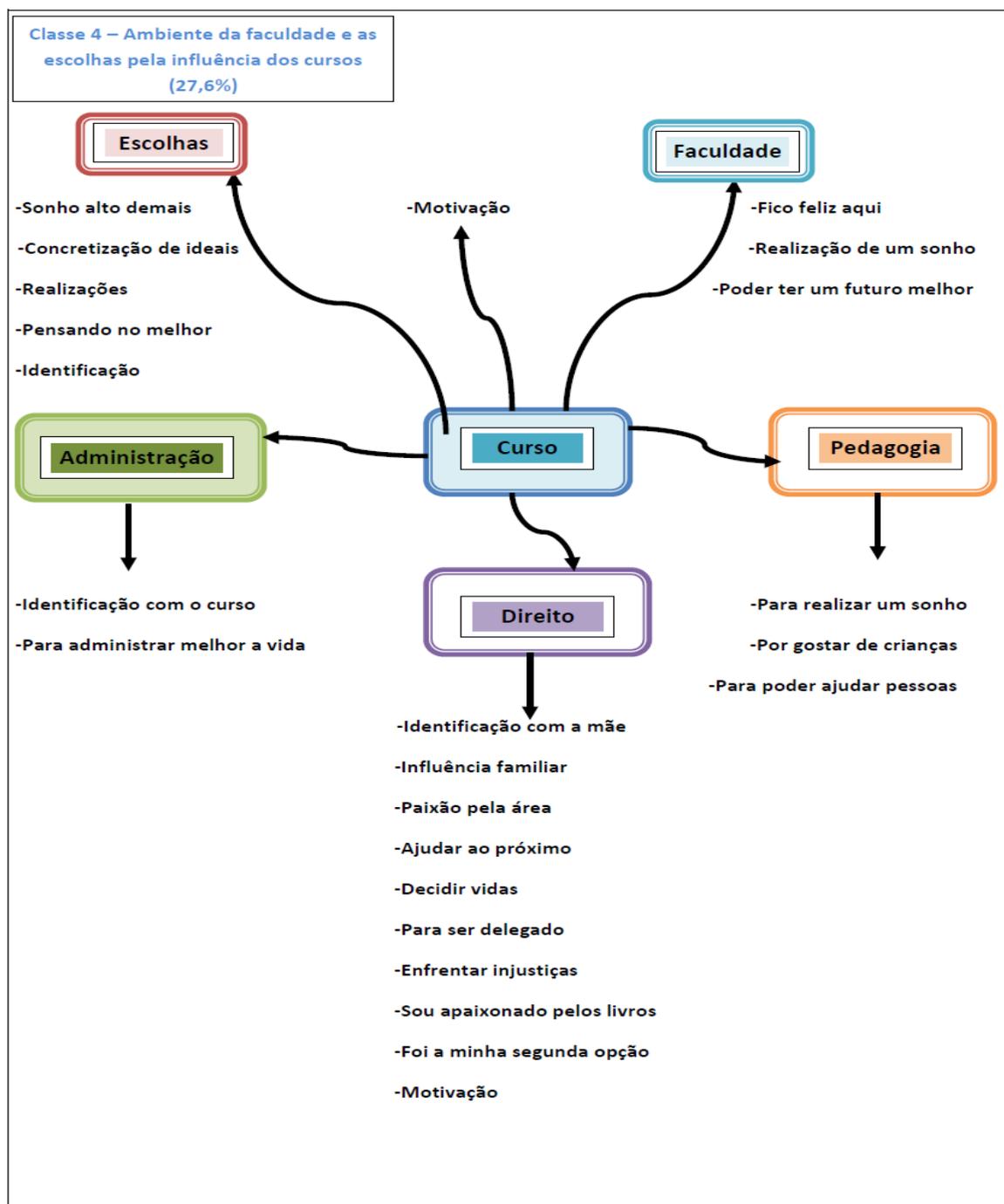
Apontar quais fatores exercem maior influência durante o processo de escolha de um curso superior engloba aspectos distintos, pois cada curso tem suas especificidades e, conseqüentemente, os fatores que interferem são variados e têm origens também variadas, como fatores de ordem socioeconômica, que englobam o capital econômico e cultural (renda familiar, ocupação dos pais, nível de escolaridade); de ordem acadêmica (desempenho escolar, natureza da escola – pública ou privada, etc.); de etnia (raça/cor); e, de sexo (masculino/feminino).

Considerar o que envolve a escolha engloba um contexto complexo, pois tal escolha pode influenciar diretamente na vida do indivíduo. Pinheiro e Santos (2010), destacam que, para a escolha de uma carreira, é preciso identificar quais fatores podem motivar uma pessoa. Os indivíduos procuram se basear em suas próprias expectativas, em informações que possam ter recebido do meio ambiente ou mesmo em recompensas.

A partir dessas condições necessárias que evidenciam a construção de uma RS, é possível afirmar que a escolha do curso se deu a partir das representações pontuadas, que influenciam e sofrem influências, incluindo o contexto social e as relações que são estabelecidas nessa realidade. Por isso, ao abordar o tema RS, a análise não diz respeito apenas ao aspecto individual, mas engloba os fenômenos produzidos pelas estruturações específicas quanto à realidade social (JOVCHELOVITCH, 2013).

Sendo assim, quanto ao ambiente da faculdade e as escolhas pela influência dos cursos, consideramos o conteúdo da classe de discurso obtidas nas entrevistas, tendo sido possível a elaboração do Mapa Conceitual apresentado na Figura 28.

Figura 28 – Mapa Conceitual da Classe 4 - Ambiente da faculdade e as escolhas pela influência dos cursos



Fonte: Elaborado pela autora.

A partir do contexto abordado nessa classe, foi possível evidenciar realidades que se assemelham entre os graduandos, conforme trechos das entrevistas a seguir.

Comecei o curso com a ajuda dos meus pais e logo consegui autonomia financeira, a partir de quando passei a pagar a faculdade. Eu me culpabilizo, pois me cobro muito e quando algo não dá certo, procuro dizer que foi por erro próprio (Graduando 159).

Eu me sinto muito bem e feliz na faculdade. Escolhi o curso de direito porque a minha mãe é advogada e contribuiu para que surgisse uma paixão de infância pela área. Foi uma opção própria considerando que ela foi contra a minha escolha (Graduando 90).

A escolha pelo curso de Direito está relacionada a um sonho antigo que sempre tive, começando por filmes que já assisti, casos que já apareceram nos jornais e a possibilidade de decidir vidas diante de injustiças (Graduanda 2).

Eu gosto de estudar aqui e quero me formar logo para poder trabalhar na área do Direito. Escolhi este curso por acreditar que a justiça pode dar certo e depende da postura profissional (Graduanda 2).

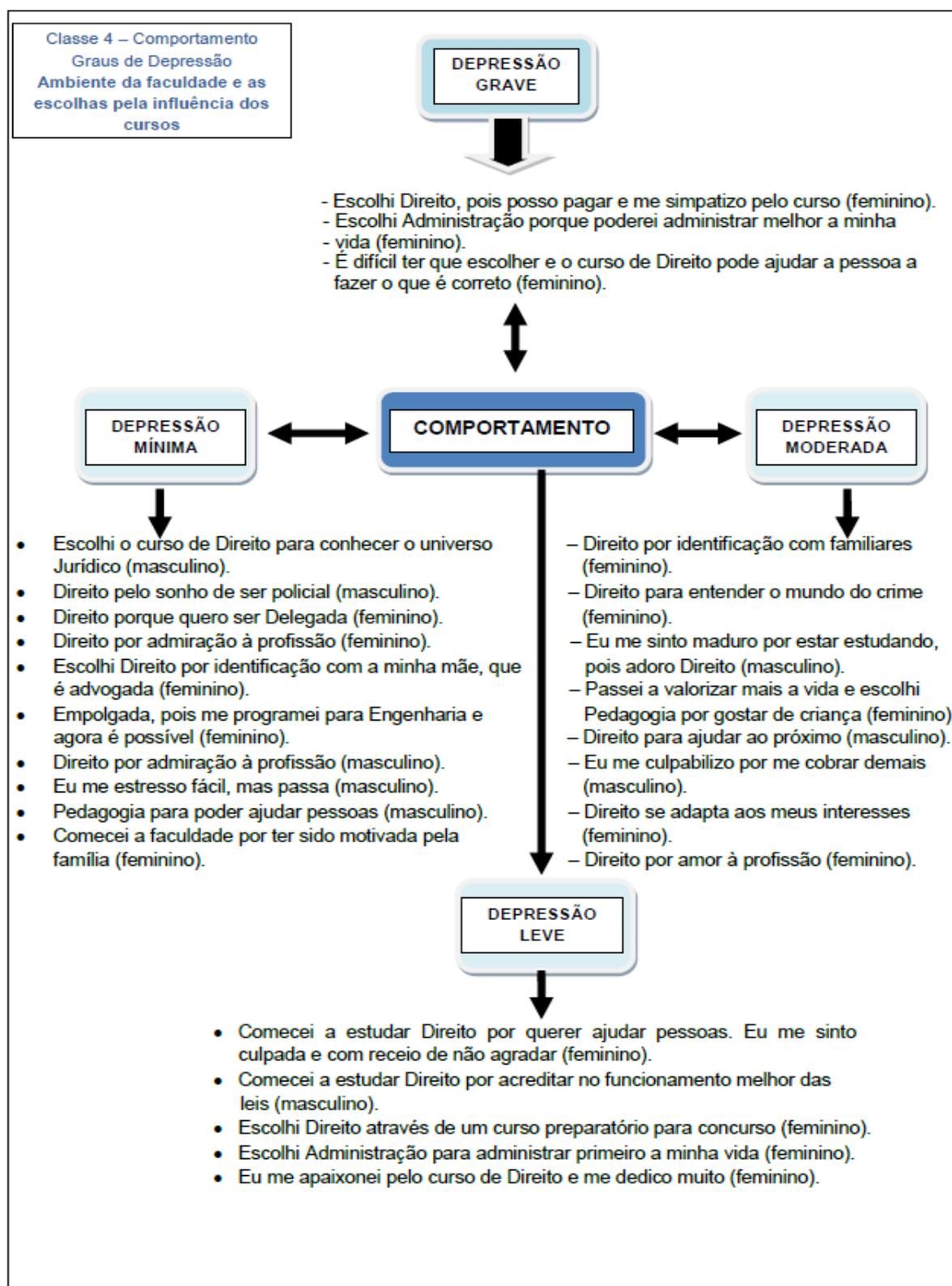
Ter a possibilidade de estudar para poder ser engenheiro é o que mais me motiva. Por isso, quando fiquei sabendo que fui aprovado para o curso de Engenharia, pensei no meu na hora, pois ele é engenheiro e terá orgulho de mim (Graduando 47).

Considerando os contextos das falas, os graduandos relataram o que sentem, pensam e como gostariam de se sentir, de se comportar em relação à identificação com cada curso pontuado, considerando mudanças e estabilidade quanto ao impacto de suas escolhas. Ocorreram pontuações quanto às possíveis oscilações na rotina diária, os hábitos que podem ser alterados, com formação e rompimento de relacionamentos, a habilidade de entender e avaliar ocorrências em termos de mudanças e estabilidade, como um aspecto imprescindível do conhecimento social que é compartilhado (MARKOVÁ, 2006).

Cabe enfatizar que, de acordo com Triandis (1971), esse comportamento é determinado por aquilo que as pessoas gostam de fazer e também por aquilo que elas pensam que devem fazer a partir da identificação para corresponder às normas sociais ou expectativas, considerando o que geralmente tem feito os hábitos e os aspectos que tangem e refletem o comportamento esperado.

Para retratar essa realidade quanto ao comportamento, ilustraremos os níveis de depressão diante de alguns relatos dos graduandos e análise específica com o programa IRaMuTeq, indicando os níveis de depressão das entrevistas, quanto aos sexos feminino e masculino de acordo com a Figura 28 (Classe 4).

Figura 29 – Mapa Conceitual Comportamento dos Níveis de Depressão da Classe 4– Ambiente as faculdade e as escolhas pela influência dos cursos



Fonte: Elaborado pela autora.

As classes 3 e 4 estão relacionadas e juntas representaram as escolhas, a identificação com as mesmas e os resultados percebidos pelos graduandos, considerando limites identificados quanto às condições de enfrentamento diante dos sintomas do quadro de depressão.

Na sequência, abordam-se os dados obtidos por meio de autodeclarações dos graduandos sobre a depressão e os dos inventários de depressão, de ansiedade e de desesperança de Beck, considerando suas ramificações e a importância quanto ao acesso às informações específicas referentes à saúde emocional do graduando.

5 AUTODECLARAÇÃO SOBRE DEPRESSÃO E INVENTÁRIOS DE DEPRESSÃO (BDI), DE ANSIEDADE (BAI) E DE DESESPERANÇA (BHS) DE BECK

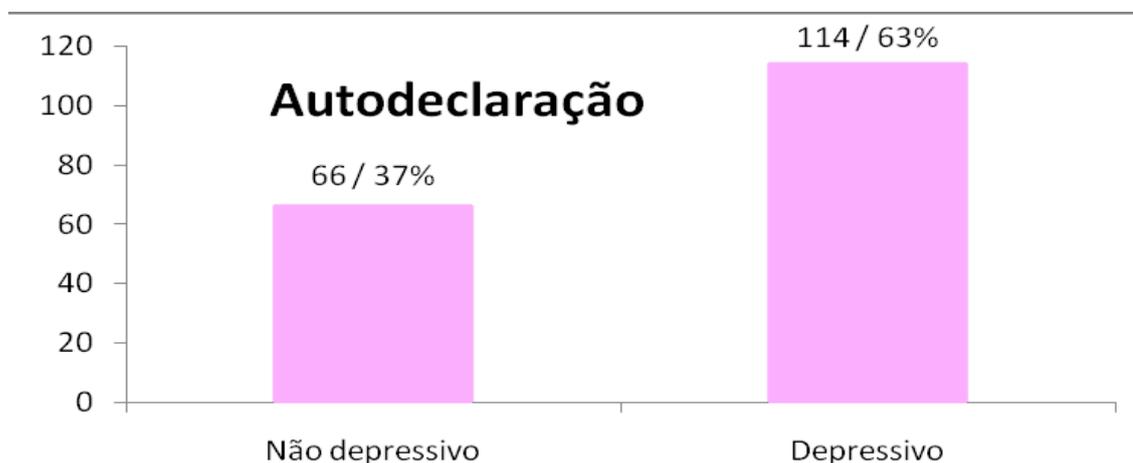
Inicialmente, abordaremos as autodelcarações sobre depressão na realidade dos graduandos, dados esses obtidos nas entrevistas que foram realizadas individualmente no âmbito institucional. Ao considerar a autodeclaração do graduando, enfatizamos a sua subjetividade quanto aos relatos sobre o seu mundo interno, composto por emoções, sentimentos e pensamentos, muitas vezes associados às vivências familiares, problemas afetivos, vida profissional como foi mostrado anteriormente.

1) Autodeclaração sobre Depressão

a) Autodeclaração

Dos 180 entrevistados, 66 declararam-se não depressivos, e 114 declararam-se depressivos ou em tratamento para depressão.

Figura 30 – Distribuição das autodeclarações dos graduandos sobre ser depressivo / não depressivo de uma IES do Vale do Paraíba Paulista, 2018



Fonte: Elaborado pela autora.

Os estudantes apresentaram queixas de sofrimento psíquico, que podem estar associados às exigências e demandas que chegam a ser excessivas na vida acadêmica, podendo trazer as sensações de angústia, estresse e anseios nas vivências relacionadas aos estudos e adequações a outras áreas de suas vidas.

b) Distribuição da amostra segundo sexo

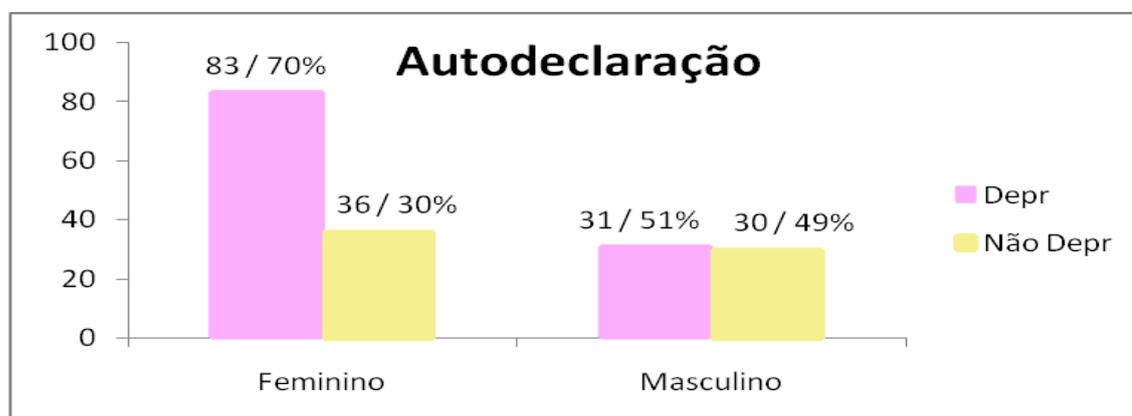
Na amostra havia uma porcentagem muito maior de mulheres do que de homens que se declararam depressivos. De fato, praticamente metade dos homens se diziam depressivos enquanto a outra metade se diziam não depressivos. Já a proporção entre as mulheres é muito diferente: mais do dobro das mulheres se diziam depressivas, em relação às não depressivas. A tabela e a figura abaixo mostram essa distribuição:

Tabela 1- Caracterização dos sujeitos quanto ao sexo e autodeclaração sobre a depressão

	Depressivo	Não Depressivo
Feminino	69,7%	30,3%
Masculino	50,8%	49,2%

Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 31 – Distribuição das autodeclarações dos graduandos do sexo feminino e do sexo masculino com depressão e sem depressão de uma IES, Vale do Paraíba Paulista, 2018.



Fonte: Elaborado pela autora

De acordo com os estudos apontados no Quadro 2 – Depressão no contexto universitário e considerando os apontamentos de Fonseca; Coutinho e Azevedo (2008), a predominância da depressão é maior em mulheres e através dos dados obtidos a partir das autodeclarações, podemos constatar que a realidade retratada equivale ao que foi comprovado com esse estudo.

c) Distribuição segundo o período em que estuda

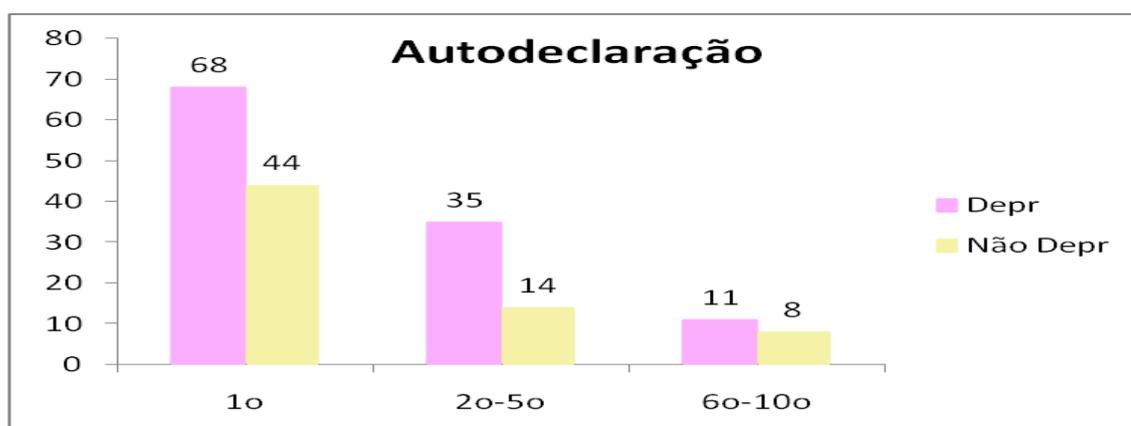
Embora o maior número de alunos que se declararam depressivos estivesse no 1º período, a maior porcentagem relativa encontrava-se no meio do curso, entre o 2º e o 5º períodos, conforme se vê na Tabela 2 e na Figura 32.

Tabela 2- Caracterização dos sujeitos quanto ao período e autodeclaração sobre a depressão

	Depressivo	Não Depressivo
1º	60,7%	39,3%
2º - 5º	71,4%	28,6%
6º - 10º	57,9%	42,1%

Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 32 – Distribuição das autodeclarações dos graduandos segundo o período em que estudam, Vale do Paraíba Paulista, 2018.



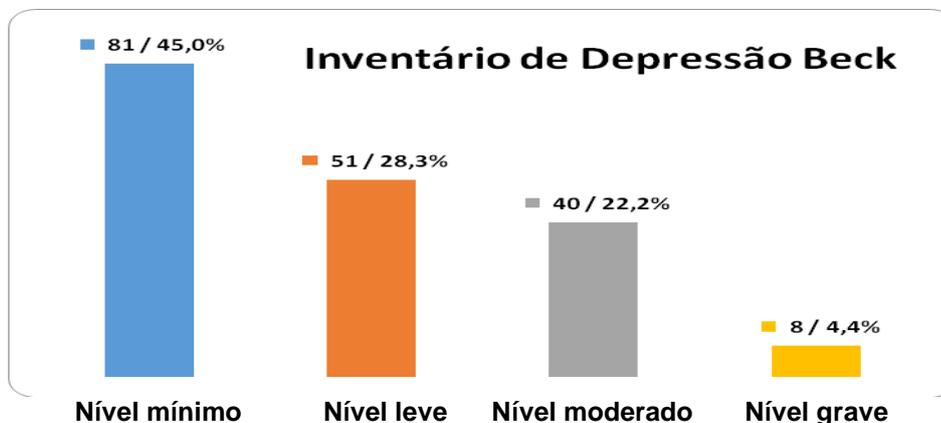
Fonte: Elaborado pela autora

A partir do conjunto de autodeclarações pontuadas acima, consideraremos os resultados e análises dos dados obtidos por meio dos inventários de depressão (Beck), inventários de ansiedade, assim como, os dados obtidos por meio da escala de desesperança para comparar os resultados obtidos pelos relatos e pelos da aplicação dos inventários.

Primeiramente apresentar-se-á os resultados unidimensionais de cada um dos instrumentos.

Figura 33 – Distribuição dos graduandos segundo Inventário de Depressão Beck (BDI) de uma IES do Vale do Paraíba Paulista, 2018

INVENTÁRIO DE DEPRESSÃO (BDI)



Fonte: Elaborado pela autora.

Média: 14,6
 Desvio Padrão: 10,6
 Escala adotada:
 Mínimo: até 11 pontos
 Leve: de 12 a 19 pontos
 Moderado: de 20 a 35 pontos
 Grave: acima de 35 pontos

A distribuição indica que 26,6% da amostra estudada (48 indivíduos) têm escores de depressão nas categorias Moderado (22,2% - 40 indivíduos) e Grave (4,4% - 8 indivíduos). A média geral obtida para a amostra é de 14,6. Essa média está abaixo dos valores médios típicos para grupos psiquiátricos analisados no Brasil (CUNHA, 2017, p. 87), tais como grupo com episódio depressivo maior (média 29,8), grupo com transtorno misto de ansiedade e depressão (média 22,1) ou grupo com transtorno obsessivo-compulsivo (média 21,7). No entanto, essa média é superior àquela típica de grupos com histórico médico-clínico, tais como grupo com obesidade (média 9,1), grupo de cardiopatas (média 11,0) ou grupo de Unidade de cuidados primários de saúde (média 12,6). Essa média da amostra é também muito superior àquela encontrada em grupos não-clínicos, tais como universitários (média 6,5), bombeiros (média 9,9) ou funcionários de hospital (média 6,1).

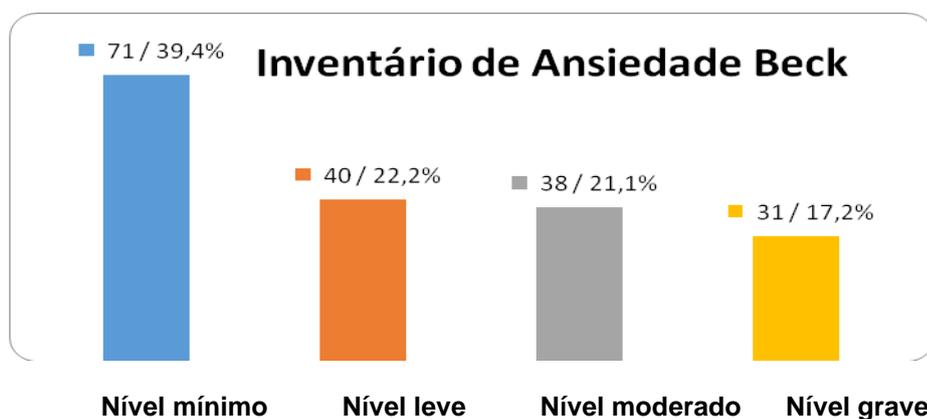
Toda a amostra respondeu aos instrumentos de pesquisa anteriormente referidos, totalizando 61 homens e 119 mulheres. Observou-se que 72 graduandos

obtiveram somatório superior ao ponto de corte (14,4 pontos), com uma média de 14,6, superior à média encontrada nos grupos não-clínicos, como universitários (média de 6,5 pontos).

Enquanto que comparado ao estudo de Fonseca; Coutinho e Azevedo (2008) foi possível observar que, 28 jovens obtiveram somatório superior ao ponto de corte (17 pontos), com uma média de 18,78 pontos, mostrando que os referidos estudantes encontravam-se em um nível de depressão moderada.

Figura 34 – Distribuição dos graduandos segundo Inventário de Ansiedade Beck (BAI) de uma IES, Vale do Paraíba Paulista, 2018

INVENTÁRIO DE ANSIEDADE (BAI)



Fonte: Elaborado pela autora.

Média: 17,2

Desvio Padrão: 13,1

Escala adotada:

Mínimo: até 10 pontos

Leve: de 11 a 19 pontos

Moderado: de 20 a 30 pontos

Grave: acima de 30 pontos

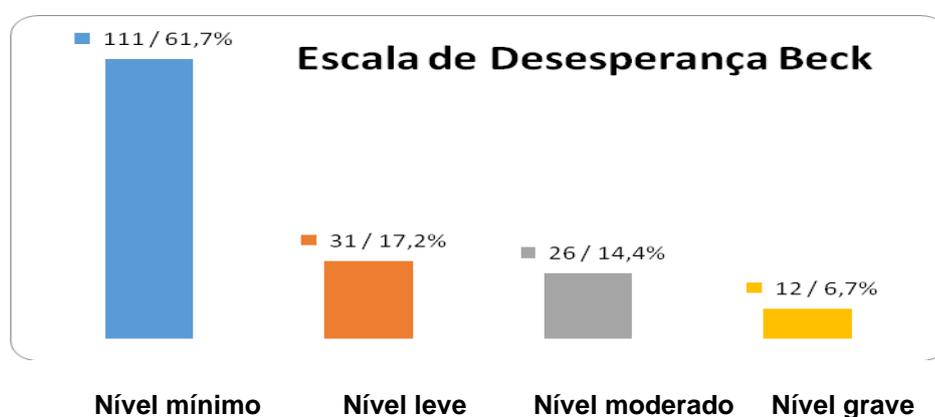
A distribuição indica que 38,3% da amostra estudada (69 indivíduos) têm escores de ansiedade na categoria Moderado (21,1% - 38 indivíduos) e Grave (17,2% - 31 indivíduos). A média geral obtida para a amostra é de 17,2. Essa média está abaixo dos valores médios típicos para grupos psiquiátricos analisados no Brasil (CUNHA, 2017, p. 87), tais como grupo com episódio depressivo maior (média 27,5), grupo com transtorno misto de ansiedade e depressão (média 23,1) ou grupo com transtorno obsessivo-compulsivo (média 21,9). No entanto, essa média é

superior àquela típica de grupos com histórico médico-clínico, tais como grupo de cardiopatas (média 11,8), grupo com disfunção erétil (média 13,2) ou grupo com doença pulmonar (média 16,5)². Essa média da amostra é também muito superior àquela encontrada em grupos não-clínicos, tais como universitários (média 7,5), bombeiros (média 7,4) ou funcionários de hospital (média 5,1).

No estudo de Rosanti (2015), a ênfase se dá quanto aos efeitos das emoções no funcionamento da memória e processamento cognitivo, diante das análises de pesquisas sobre ansiedade e depressão. Diante dos experimentos comprovados com este estudo, os estados emocionais negativos, além dos estados leves e moderados de depressão causam interferências específicas no funcionamento da memória (FALES et al., 2010).

Figura 35 – Distribuição dos graduandos segundo Escala de Desesperança Beck (BHS) de uma IES, Vale do Paraíba Paulista, 2018

ESCALA DE DESESPERANÇA (BHS)



Fonte: Elaborado pela autora.

Média: 4,9

Desvio Padrão: 4,4

Escala adotada:

Mínimo: até 4 pontos

Leve: de 4 a 8 pontos

Moderado: de 8 a 13 pontos

Grave: acima de 13 pontos

A distribuição aqui é claramente de uma maioria (77,9% - 142 indivíduos) com escores leves de desesperança.

²Não há estatística para o grupo com transtorno misto de ansiedade e depressão e para o grupo com transtorno obsessivo-compulsivo, utilizados na comparação para a BDI (CUNHA, 2017, p. 88).

Como nas situações anteriores, a média é inferior àquela típica de grupos psiquiátricos e levemente superior àquela de grupos com histórico médico-clínico e de grupos não-clínicos. No entanto, deve-se notar que uma fração significativa de indivíduos (21,1% - 38 indivíduos) pontua a escala com níveis Moderado e Grave.

De acordo com os estudos de Beck e colaboradores (*apud* CUNHA, 2017, p. 7), o escore 9 é o limite entre desesperança baixa e alta, e é um potencial preditor de suicídio futuro.

Após a aplicação dos instrumentos psicométricos, a pesquisadora realizou as análises bidimensionais e nesse caso, pretende-se fazer análises comparativas entre as respostas aos inventários BDI e BAI, a escala BHS e as características sociodemográficas.

A.1) Comparação com a variável: SEXO

a) BDI

Sexo	BDI
Masculino	10,31
Feminino	16,76
TOTAL	14,58

A comparação entre mulheres e homens na amostra analisada mostra que a média do escore no Inventário de Depressão Beck foi maior entre as mulheres do que entre os homens. As mulheres, nesta amostra, têm maior depressão que os homens.

Note-se que, de acordo com Beck (CUNHA, 2017, p. 28), os estudos com grupos de homens e mulheres mostraram que as mulheres apresentam, em média, escores maiores do que os dos homens no Inventário de Depressão.

Essa diferença é maior em grupos psiquiátricos e menor em grupos não-clínicos.

Partindo dos dados apresentados no presente estudo, os resultados correspondem aos de pesquisas tratados no item 2.4 do contexto da pesquisa.

b) BAI

Sexo	BAI
Masculino	11,07
Feminino	20,35
TOTAL	17,21

A comparação entre mulheres e homens na amostra analisada mostra que a média do escore no Inventário de Ansiedade Beck foi maior entre as mulheres do que entre os homens.

As mulheres, nesta amostra, têm maior ansiedade que os homens. Note-se que, de acordo com Beck (CUNHA, 2017, p. 29), os estudos com grupos de homens e mulheres mostraram que as mulheres apresentam, em média, escores maiores do que os dos homens no Inventário de Ansiedade.

Essa diferença é maior em grupos psiquiátricos e muito pequena, sem significação, em grupos não-clínicos.

c) BHS

Sexo	BHS
Masculino	3,64
Feminino	5,57
TOTAL	4,92

A comparação entre mulheres e homens na amostra analisada mostra que a média do escore na Escala de Desesperança Beck foi maior entre as mulheres do que entre os homens. As mulheres, nesta amostra, têm uma desesperança maior do que os homens.

Note-se que, de acordo com Beck (CUNHA, 2017, p. 30-31), os estudos com grupos de homens e mulheres mostraram que as mulheres apresentam, em média, escores maiores do que os dos homens na Escala de Desesperança apenas para grupos psiquiátricos. Não há diferença em grupos não-clínicos.

2) Comparação com a variável: IDADE

a) BDI

O coeficiente de correlação calculado entre a variável IDADE e o Inventário de Depressão (BDI) não mostrou nenhuma correlação significativa.

3) Comparação com a variável: ESTADO CIVIL

a) BDI

A comparação entre as variáveis de Estado Civil, na amostra analisada revelou que a média do escore no Inventário de depressão de Beck foi levemente maior entre os divorciados.

Já o resultado geral comparativo entre as condições de Estado Civil, usando o teste de Fischer, não permitiu distinguir nenhuma diferença significativa que pudesse ser generalizada para a população de estudantes.

Após caracterizar o grupo social estudado quanto ao perfil sociodemográfico e de formação, a apresentação e discussão de todos os dados obtidos com a pesquisa, reunidos em bloco de análise de dados, abordaremos a identificação do eu do graduando.

Contribuiu-se, assim, para que os dados obtidos a partir de diferentes instrumentos fossem reunidos de acordo com significados e temáticas semelhantes, resultando, de diferentes maneiras, nas representações dos graduandos a respeito da depressão.

Por meio do registro e análise das entrevistas e dos documentos identificaram-se as principais dimensões da representação social da depressão pelos graduandos.

Os dados foram apresentados sob a forma de quadros-síntese e poderão ser utilizados para a compreensão da leitura dos graduandos e das interações sociais estabelecidas, à luz das teorias de Moscovici e de Jodelet, e dos documentos legais.

Nesta fase da pesquisa optou-se por apresentar e discutir os dados inseridos em blocos de análise, pois, dessa maneira, espera-se aperfeiçoar a exposição dos resultados e, assim, analisar o fenômeno das representações sociais da depressão para graduandos de uma IES do vale do Paraíba paulista. Considerou-se a sua complexidade, posto que cada instrumento de coleta de dados se completa ao trazer uma maneira de investigar o modo como ocorre a representação social da depressão para os graduandos.

Os processos de análise dos instrumentos utilizados, considerando as entrevistas semiestruturadas e a aplicação dos três inventários de Beck (BDI, BAI e BHS), estão descritos no capítulo anterior, na seção denominada “Procedimentos para análise de dados”.

Sendo assim, fica a cargo da presente seção a apresentação e as discussões dos materiais coletados com a realização da pesquisa a partir da aplicação dos métodos que organizaram três blocos de análise, os quais reúnem temas semelhantes, viabilizando a análise desses resultados de acordo com o assunto.

Os três blocos de análise advindos da aplicação dos instrumentos para a obtenção dos dados foram organizados a partir das três categorias encontradas com a análise das entrevistas e dos inventários.

A escolha por agrupar todos os resultados a partir das categorias mencionadas acima englobou o conjunto de dados da Entrevista (Apêndice III) que continha: os dados gerais, a profissão/formação, grau de instrução, idade, sexo e o curso de graduação no qual o aluno está matriculado, composta de 12 perguntas (Parte II). Na sequência seguem os resultados dos Inventários de Beck: BDI, BAI e BHS (Apêndice IV).

Há de se considerar o interesse desta pesquisa quanto à articulação dos dois instrumentos, observando-se os dados que cada um deles traz em termos de acesso a informações advindas da amostra pesquisada.

Com isso, as categorias obtidas a partir das análises de conteúdo com as entrevistas semiestruturadas e com os eixos das figuras apresentadas nos mapas conceituais, além dos inventários de Beck, permitiram que as representações sociais da depressão para os graduandos de uma IES do vale do Paraíba paulista pudessem ser estudadas por diferentes ângulos.

Os resultados que abordam cada um dos aspectos da análise de dados são apresentados e discutidos juntos, na próxima seção deste texto.

Antes de expor esses dados, é relevante salientar que toda referência realizada aos graduandos que participaram da etapa qualitativa da pesquisa foi apontada como graduando (a), sendo modificada a numeração de cada um deles.

Esse cuidado foi necessário para que fosse possível garantir o sigilo da identidade do sujeito de pesquisa.

Dessa maneira, segue-se para apresentação, explanação e discussão dos resultados encontrados com a realização da pesquisa, organizados na sequência: inventários e entrevistas quanto à identificação do eu..

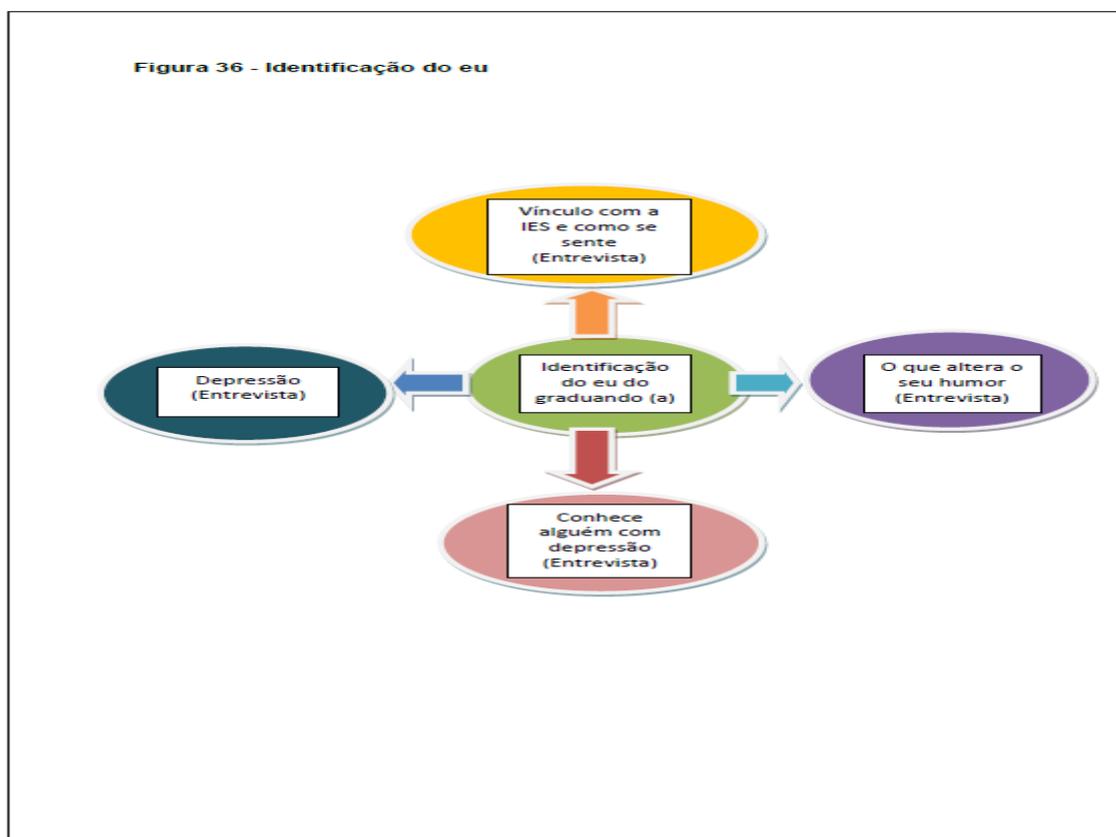
6.IDENTIFICAÇÃO DO EU

O bloco de análise apresentado foi direcionado pela categoria “Identificação do eu”, elaborado a partir das entrevistas semiestruturadas (1) “Vínculo e como o graduando de um dos cursos no qual esteja matriculado se sente na IES”; (2) “O que altera o seu humor”; (3) “Conhece alguém com depressão” e; o eixo “Depressão”, organizado a partir dos resultados com a técnica de coleta de dados na entrevista mediante associações com ocorrências de sua vida.

Este bloco de análise trouxe conceitos que abordaram como é exercer o papel de aluno, quanto à alteração de humor e como é a depressão para ele, caracterizando as representações sociais da depressão para os graduandos pesquisados, regularmente matriculados nos cursos de Administração, Ciências Contábeis, Direito, Engenharia de Produção e Pedagogia da IES.

Os itens, entre categorias e subcategorias, que englobam o bloco de análise “Identificação do eu” podem ser observados na Figura 36.

Figura 36 – Identificação do eu



Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme apontado anteriormente, todos os resultados obtidos com a pesquisa são indicados de acordo com a sua relação temática e não segundo a técnica com a qual foram coletados, mesmo que seu instrumento de origem seja apontado.

Sendo assim, segue a apresentação dos resultados e das discussões de cada um dos itens deste bloco.

Considerando as questões da entrevista, 5 delas investigavam sobre o humor, como o indivíduo o percebia, além da sensação de culpa, cansaço, irritabilidade e o estresse em seu contexto de vida.

Os aspectos das questões pontuados, foram divididos em duas grandes classes a partir das análises e tratamento das entrevistas pelo *software IRaMuTeQ* (vide item 3.5 - Procedimentos para análise de dados). A partir dessa análise, obtiveram-se as categorias e campos semânticos, presentes nas contextualizações das entrevistas.

Para as categorias “Irritabilidade” e “Estresse” - 17,6% dos estudantes demonstraram essas características. O segundo destaque ocorreu nas categorias “Culpa” e “Cansaço” - que foram pontuadas por 13,7% dos estudantes.

As características “falta”, “cotidiano”, “atitude”, “impotência”, “errar” e “depende” são importantes e se fazem presentes no contexto que circunda a vida acadêmica dos estudantes, indicando aspectos relacionados a limitações comportamentais.

Assim, faz-se necessário retomar a abordagem psicossocial, que considera os fenômenos sociais na sua dimensão subjetiva, buscando compreendê-los, segundo Gonçalves e Bock (2003), a partir da análise da subjetividade, que vai se constituindo ou passando por modificações na maneira de atuação e inserção social do indivíduo.

Considerar as categorias “Irritabilidade” e “Estresse”; “Culpa” e “Cansaço” implica articulação entre as dimensões biológicas, sociais e individuais do graduando diante das vivências e estímulos absorvidos a partir de um estímulo advindo do meio social e de suas relações estabelecidas com o seu mundo interno (contexto subjetivo).

Neste sentido, Berger e Luckmann (2003), afirmam que o pensar, o sentir e as atitudes do indivíduo podem ocorrer de acordo com a determinação do grupo ao qual ele pertence, ou seja, a realidade da vida cotidiana é partilhada com outros.

É interessante observar que a realidade pontuada acima pôde ser constatada, nos relatos dos graduandos que participaram da pesquisa, em suas falas e vivências no contexto individual e também nas interações estabelecidas com os colegas da IES, com familiares e outras relações do cotidiano.

Uma situação estressante ocorre em consequência do que vem a me irritar, a tirar a minha paciência principalmente quando ouço coisas que não me agradam eu fico mal por acreditar que eu não sou capaz de realizar o que é pedido pelo meu pai ou por alguém da família (Graduanda 51).

O cansaço aparece quando a rotina de trabalho é muito puxada, mas sempre estou disposto a tudo para melhorar. O que me irrita muito são as perguntas repetitivas onde quer que eu esteja, pois me incomoda (Graduando 105).

Não costumo me culpar além do normal, mas sempre avalio as minhas ações e condutas quando acredito ter cometido um erro ou uma falha. Tento repará-la imediatamente e se envolver pessoas, peço desculpas (Graduando 130).

Sim minha avó teve depressão e foi horrível, pois a pessoa fica totalmente fraca, sem desejo para absolutamente nada. Eu me sentia impotente. O meu humor varia muito e dependendo da situação ele altera sem que eu perceba (Graduanda 69).

Geralmente o que me irrita no dia a dia são pessoas que não cumprem o que dizem e que tentam transferir as próprias responsabilidades para outras pessoas e isto acontece no trabalho e na faculdade (Graduanda 45).

Como pode ser observado, considerando as realidades que foram apresentadas pelos graduandos durante as realizações das entrevistas, houve a dimensão informativa das representações sociais, ou seja, indicavam características e comportamentos dos indivíduos pertencentes ao mesmo grupo social (grupo de graduandos matriculados nos cursos de Administração, Ciências Contábeis, Direito, Engenharia de Produção e Pedagogia) que podem ser bem diferentes. No entanto, eles, acabam se aproximando uns dos outros quanto às experiências de cunho social em comum, de seus pensamentos e de suas ações (GUARESCHI; JOVCHELOVITCH, 2013).

Iniciar a vida acadêmica tende a ser uma das principais mudanças dessa fase da vida para muitos jovens, considerando estímulos diversificados advindos das áreas pessoal, familiar, afetiva e acadêmica para o graduando e dada sua importância no mercado de trabalho. A ênfase quanto ao desenvolvimento saudável na infância e adolescência é relevante para que o início da juventude seja bem-sucedido, pois sem o apoio familiar e financeiro, o ajuste dos estudantes pode ser

dificultado, aumentando as chances de aparecimento de algum transtorno mental (PAPALIA, OLDS & FELDMAN, 2010).

Considerando-se os resultados obtidos, Kehl (2009), entende o aumento das depressões na atualidade como um sintoma social, pois em contextos históricos distintos há diferentes sinalizadores do mal-estar oriundo da vida em sociedade.

Neste sentido, a teoria da categorização de Tajfel (1982), que tem uma conotação individualista, visa explicar a percepção das pessoas, a formação dos estereótipos e preconceitos a comparação e discriminação sociais, e a relação entre grupos.

Sendo assim, considerar uma necessidade cognitiva de estruturação, de interpretação e de controle do ambiente físico e social resultaria em uma classificação dos seus elementos. Percebe-se quão relevante passa a ser a importância das categorizações para um sujeito que esteja em busca de pertencimento social, podendo haver, uma tendência a diferenciar-se, de maneira sistemática, entre as pessoas que estejam ou não sejam do mesmo grupo de pertença.

Essa distinção teria como base a acentuação das semelhanças entre pessoas que fazem parte de um mesmo grupo e de diferenças entre membros de grupos diferentes. Considerando-se um processo cognitivo e adaptativo que organiza o ambiente para a sobrevivência do organismo, mobilizando a natureza humana e concedendo normalidade e necessidade às discriminações sociais (JODELET, 2005). Essa realidade foi retratada pelos graduandos que fazem parte de um mesmo grupo de estudantes da IES cursando os diferentes cursos: Administração, Ciências Contábeis, Pedagogia, Engenharia de Produção e Direito.

Assim, Gonçalves (2003) reforça que é importante também considerar as narrativas de sofrimento por meio das quais o conjunto que excede o contexto individual vem a ser reconhecido socialmente, pois o sofrimento pode ser traduzido como uma categoria social. E esta categoria deve ser compreendida a partir da análise da subjetividade, que vai se constituindo ou passando por modificações na maneira de atuação e de inserção social do indivíduo.

Tendo como objetivo melhor compreensão sobre o que é sinalizado pelos depressivos em relação ao discurso social, Kehl (2009) analisa aspectos das condições discursivas da atualidade: a relação de urgência e produtividade com o tempo, a escassez da narrativa de experiências, as exigências das vivências na

sociedade do fazer, o fato de ter que gerar produto, o excesso de valoração designada ao consumo, o predomínio da percepção sobre a reflexão, o desligamento das gerações antepassadas, entre outros. E esse conjunto de fatores tende a gerar um mal-estar.

É possível nomear o mal-estar e articulá-lo em narrativa considerando uma forma de sofrimento. O indivíduo, então, passa a fazer parte de uma comunidade invisível, ou seja, daqueles que já vivenciaram essa realidade e dos que ainda a vivenciarão. (DUNKER, 2015).

É fato pontuar que o mal-estar que gera uma forma de sofrimento pode ser classificado como depressão, assim como foi explorado no contexto desta pesquisa. O próprio meio social, pontuado por Kehl (2009), do qual o graduando faz parte, é considerado um dos fatores que tende a influenciar a manifestação dos sintomas de depressão descritos na seção 2.2 deste trabalho.

Por isso, considerar os papéis pelos quais o ser humano passa a desempenhar funções ao longo de seu processo de desenvolvimento reflete na representação de um papel assumido diante da concretização de um ofício, no que diz respeito à identificação e ao comprometimento da qualidade com o que se propõe a fazer. Essa experiência que é individual pode ser compartilhada e coletiva a partir do processo de identificação. (DUNKER, 2015).

Neste sentido, ao considerar a relevância da experiência individual e da coletiva, parte-se do princípio dos estudos quanto aos processos e produtos pelos quais os indivíduos edificam e elucidam as circunstâncias da vida, tornando possível a integração das dimensões sociais e culturais da história (JODELET, 2017).

A partir da abordagem acima, é possível considerar o contexto de vida do graduando que também está inserido em uma realidade coletiva na IES mencionada no constructo deste trabalho, buscando construir e significar as realidades das quais faz parte, considerando as experiências cotidianas.

De acordo com Kehl (2009), o depressivo deixa de vivenciar a sua temporalidade singular; tornando-se lento, incompreensível e até irritante para os que mantêm convivência com ele. Ele não consegue entrar em sintonia com o tempo do outro, havendo um descompasso. Nesse caso, o outro deve ser visto como uma primeira dimensão de alteridade e, o semelhante, como o parceiro cotidiano cuja relação com cada um é determinada por uma ordem de acontecimentos exteriores a ele.

Quanto mais a vida é dominada pela premência do fazer, mais restrita a percepção da duração. Dela, da duração, dependem não apenas o sentimento da continuidade da existência, como também a possibilidade de fruição de alguns intervalos de tempo não-apressados, não-precipitados, em direção ao futuro imediato (KEHL, 2009, p. 147).

Cabe destacar que o depressivo enfatiza negativamente não ter experimentado senão a depressão como maneira de estar no mundo, demonstrando estar consumido por profundo abatimento e sentimento de vazio, lentidão corporal e mental.

Ao considerar os posicionamentos de Dunker (2016), quanto aos sintomas de depressão, é relevante pontuar que todo sintoma evidencia um trabalho subjetivo. Sendo assim, há depressões que se prolongam devido à realidade de uma perda embasada no luto patológico. Essa realidade faz referência à representação do quanto o existir é doloroso. Há também depressões nas quais o depressivo deixa de reconhecer o seu desejo, favorecendo a ocorrência de decepções que reduzem a sua autoestima.

O conjunto da realidade abordada acima foi constatado nas falas de alguns graduandos que participaram da entrevista:

Tiveram momentos da minha vida que estavam diferentes de hoje. O que caracteriza mais a depressão é a falta de expectativa do futuro, vontade de dormir e não acordar, não sair da cama (Graduanda 50).

A minha irmã quando estudava para o mestrado teve depressão. Eu morava em casa e via tudo acontecer. Ela se trancava no quarto, só chorava, não comia e sentia-se muito triste e eu me sentia impotente (Graduando 66).

Ser depressivo para mim é viver em um mundo cinza, sem cor. Eu convivo em um mundo fechado, amargo, cheio dedores por dentro. Choro às vezes até sem motivo e não consigo parar (Graduanda 70).

No passado a minha irmã teve depressão devido à morte de uma filha minha, mas ela teve um rápido restabelecimento devido ao tratamento médico e ao convívio familiar. Tenho bom humor mesmo em situações difíceis (Graduando 97).

Considerando o contexto atual de vida, pensa-se na possibilidade de afirmar que o ser humano, em algum momento da vida, já sentiu tristeza, solidão ou até infelicidade. Diante da perda de um ente querido, por exemplo, ou até mesmo o seu emprego poderia fazê-lo sentir-se deprimido. Grande parte das pessoas experimenta

nesses momentos, apesar de desagradáveis, sentimentos classificados como normais e compreensíveis (DE PAULO, 2005).

Além disso, de acordo com a informação referida, Coutinho (2005), acrescenta que toda pessoa experimenta a tristeza como demonstração de emoção. Contudo, na depressão essa tristeza, enquanto sintoma patológico, tende a prevalecer, mesmo que algo de caráter motivacional agradável aconteça.

Ainda de acordo com Coutinho (2005), a depressão vem recebendo significados que sofrem transformações de acordo com a época e o meio social dos quais os sujeitos fazem parte, correlacionando o conhecimento científico e o senso comum.

Há de se considerar a influência mútua que prevalece entre o conhecimento científico e o senso comum, os quais são transmitidos por meio dos instrumentos de comunicação, que são assimilados e também reelaborados a partir da perspectiva social.

Conforme Jodelet (2017, p. 226), há de se considerar a maneira como ocorre a relação do indivíduo com o mundo, nesse sentido “[...]mediada, filtrada, no plano da percepção, da interpretação e da ação, por representações sociais. Essas representações são modalidades de conhecimento que, decorrem do senso comum, dizem alguma coisa sobre o estado desse mundo e dos objetos que o constituem[...]”. Portanto, o objeto “depressão” encontra-se identificado para os graduandos, tendo sido alguns deles destacados no contexto da pesquisa realizada.

Verifica-se que o objeto “depressão” encontra-se em áreas variadas da vida do graduando. Essas áreas estão relacionadas com o mundo subjetivo, relações familiares, vida amorosa por meio dos vínculos estabelecidos, relações interpessoais, sendo permeadas de conhecimentos diversificados, que tornam possível construção e ressignificação a partir da comunicação estabelecida nas interações sociais com as quais os indivíduos fazem parte.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos ao longo da pesquisa permitiram identificar um grupo de graduandos com níveis médios de depressão bastante acima daqueles encontrados em grupos não-clínicos, indicando a necessidade de atenção por parte da instituição. Embora apenas uma parte desse grupo apresentasse resultados moderados e severos em termos de depressão, ansiedade e desesperança, tratou-se de uma parcela importante – entre 20% e 38%, dependendo da escala de depressão – de graduandos que inspira cuidados em relação a sua saúde mental.

Esses resultados apontaram também para uma incidência maior da depressão entre as mulheres, o que acompanha os achados em outros estudos similares. Não foram encontradas correlações significativas em relação a outras variáveis sociodemográficas pesquisadas.

Dessa forma, em relação à caracterização do grupo estudado, pode-se concluir que os níveis de depressão não são aqueles próprios dos grupos universitários analisados em outras pesquisas, apresentando, na realidade, níveis médios bem acima desses grupos.

O estudo das RS sobre a depressão desse grupo de graduandos mostrou uma construção, dentro do grupo, da depressão como doença, ligada a uma individualização extrema. O sujeito manifestou sentimentos de impotência, isolamento, desesperança e vazio – com uma atribuição a si próprio de incapacidade de superar a situação vivida.

A atribuição a si mesmo de um sentimento de culpa pela situação vivida, expressa no discurso dos graduandos, ressoou a representação que a sociedade desenvolveu ao condenar o sujeito por viver a depressão.

O discurso dos graduandos apontaram também para as consequências negativas da depressão em suas vidas, nas esferas pessoal, profissional e acadêmica. Essas consequências negativas, associadas à culpabilização do próprio indivíduo por sua situação, realimentam os sentimentos impotência e desesperança em superar a depressão.

Assim, uma primeira conclusão que pode ser avançada a partir dos resultados obtidos, refere-se a uma identificação das raízes da depressão no próprio indivíduo, que se culpabiliza pela situação de depressão e por suas consequências.

A análise dos resultados das entrevistas apontaram também para uma organização específica das RS da depressão em torno de duas grandes dimensões: a depressão em si e a necessidade de ajuda.

A primeira dimensão foi caracterizada nas classes de discurso sobre os sintomas da depressão, o desânimo e a impotência diante dos limites impostos pela depressão, e as consequências de um quadro depressivo. Tratou-se de uma dimensão associada aos modos como a depressão foi percebida e vivida pelos sujeitos, manifestada em diferentes formas de sofrimento psíquico, desesperança, impotência, tristeza, desânimo e sensação de culpa pela situação e por suas consequências.

A segunda dimensão foi caracterizada nas classes de discurso sobre a família, os amigos, a convivência com os outros e necessidade / possibilidade de ajuda diante do quadro de depressão. Tratou-se de uma dimensão ligada à possibilidade (ou não) do apoio social.

Em certo sentido, essa segunda dimensão se opõe à primeira. De fato, enquanto uma dimensão se organiza em torno do indivíduo que sofre, que se fecha e que se culpa, uma dimensão voltada para dentro, a outra dimensão se organiza em torno do apoio dos outros, do social, da convivência, uma dimensão voltada para fora.

Assim, uma segunda conclusão que pode ser avançada a partir dos resultados obtidos, refere-se a uma organização da representação a partir de uma oposição entre o mundo interior e o mundo exterior, entre o indivíduo isolado e o apoio social.

Os resultados mostraram que a abordagem das RS traz novas perspectivas ao tema da depressão, incorporando-se ao conjunto de ferramentas teóricas disponíveis para esses estudos.

Esses resultados apontaram também para a possibilidade de novas pesquisas, tendo em vista o crescimento dos quadros depressivos no mundo, com aumento de sua incidência entre os jovens, inclusive das taxas de suicídio.

A importância do tema estudado nessa pesquisa enfatizou também sobre o resgate das vivências das pessoas quanto à subjetividade delas para a possibilidade de auxiliar na influência de reformulação das propostas educacionais enquanto processo ensino-aprendizagem, assim como referente à saúde mental estudantil, ressaltando o aspecto da prevenção na vida do indivíduo.

A apreensão das RS da depressão em grupos específicos, combinando análises quantitativas e qualitativas, permitiu ampliar as estratégias existentes para enfrentar as situações de depressão e suas consequências.

REFERÊNCIAS

AMERICAN Psychiatric Association. DSM IV. (2000). **Manual diagnóstico e estatístico de Transtornos Mentais**. Porto Alegre: Artes Médicas.

ANDREY, Maria Amália *et al.* **Para compreender a ciência**. 15. ed. Rio de Janeiro: Gramond, 2006.

BAPTISTA, Makilim Nunes; CARNEIRO, Adriana Munhoz. **Validade da escala de depressão: relação com ansiedade e stress laboral**. *Estud. Psicolog.* (Campinas) vol.28 no.3 Campinas July/Sept. 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2011000300006>>. Acesso em: 09/12/2017.

_____. ; CARDOSO, Hugo Ferrari; GOMES, Juliana Oliveira. **Escala Baptista de Depressão (Versão Adulto) – EBADEP-A**: validade convergente e estabilidade temporal. *Psico-USF* vol.17 no.3 Itatiba Sept./Dec. 2012. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-82712012000300007>> Acesso em: 09/12/2017.

_____. ; ZANON, Cristian. **Por que não buscar terapia?** O papel do estigma e dos sintomas psicológicos em universitários. *Paidéia* (Ribeirão Preto) vol.27 no.67 Ribeirão Preto maio/ago. 2017. *Paidéia (Ribeirão Preto)* [online]. 2017, vol.27, n.67, pp.76-83. ISSN 0103-863X. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-43272767201709>> Acesso em: 22/12/2017

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BEZERRA, Nathalia. **Mulher e Universidade: a longa e difícil luta contra a invisibilidade**. Conferência Internacional sobre os Sete Saberes, 2010, Fortaleza. Anais... Fortaleza: UECE, 2010. p. 1-8. Disponível em: .Acesso em: 17 dez. 2018.

BRAGA, L. de L. DELL'AGLIO DD. Suicídio na adolescência: fatores de risco, depressão e gênero. **Contextos Clínicos**. [Internet]. 2013 [Acesso 26 out 2014];6(1):2-14. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/contextosclinicos/article/view/ctc.2013.61.01/1533>. ISSN: 1983-3482. doi: 10.4013/ctc.2013.61.01.

BOCK, A. M. B. (2004). A perspectiva histórica da subjetividade: uma exigência para a psicologia atual. *Psicologia America Latina* [online]. fev. 2004, no.1 Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2004000100002&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1870-350X Acessado em: 21/07/2017.

BOLSONI-SILVA, Alessandra Turini; LOUREIRO, Sonia Regina. O Impacto das Habilidades Sociais para a Depressão em Estudantes Universitários. **Psic.:Teor. e Pesq.** vol.32 no.4 Brasília 2016 Epub 22-Jun-2017. Disponível em: doi: <http://dx.doi.org/10.1590/0102.3772e324212>> Acesso em: 22/12/2017.

CABALLO, V. E. (1996). O treinamento em habilidades sociais. *In*: V. E. Caballo (org.). **Manual de técnicas de terapia e modificação do comportamento**. (p. 3-42). São Paulo: Santos Livraria Editora.

CAMPOS, Daniela CRISTINA. **Vitimização e revitimização em estudantes universitários**: Influência de fatores individuais e sociais- 11/02/2016 112 f. Doutorado em Psicologia. Instituição de Ensino: Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia Biblioteca Depositária: tede.pucgoias.edu.br. Disponível em: <tede.pucgoias.edu.br.>. Acesso em 22/09/2018.

CAMPOS, Cláudia Ribeiro Franulovic; OLIVEIRA, Maria Lilian Coelho; MELLO, Tânia Maron Vichi Freire de e DANTAS, Clarissa de Rosalmeida. Desempenho acadêmico de alunos que se submeteram a tratamento psiquiátrico no serviço de saúde mental para estudantes de uma universidade brasileira. **Sao Paulo Med. J.** [online]. 2017, vol.135, n.1, pp.23-28. ISSN 1516-3180. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1516-3180.2016.017210092016>> Acesso em: 22/12/2017.

CERCHIARI, Edinéia A. N.; CAETANO, Dorgival; FACCENDA, Odival. Prevalência de transtornos menores em estudantes universitários. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 10, n. 3, p. 413-420, 2005.

CHAMON, Edna Maria Querido de Oliveira. Representação Social da pesquisa pelos doutorandos em ciências exatas. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, Ano 6, n. 2, jul. 2006.

_____. **Formação e (Re)construção Identitária**: estudo das memórias de professores do ensino básico inscritos em um programa de formação continuada. Campinas/SP: Campinas, 2003. Tese de Pós-doutorado. 117 f.

_____, E. M. Q. O.; CHAMON, M. A. Representação Social e Risco: Uma Abordagem Psicossocial. In: CHAMON, E. M. Q. O. (organizadora). **Gestão de Organizações Públicas e Privadas**: uma abordagem interdisciplinar. Rio de Janeiro: Brasport, 2007.

COUTINHO, M. P. L. **Depressão infantil**: Uma abordagem psicossocial. 2. ed. João Pessoa: Editora da Universidade Federal da Paraíba, 2005.

CREMASCO, G. S.; BAPTISTA, M.N. Depressão, motivos para viver e o significado do suicídio em graduandos do curso de psicologia. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**. Londrina, v. 8, n. 1, p. 22-37, jun. 2017 Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/eip/article/view/24293/20138>>. Acesso em: 28 Jul 2017.

CUNHA, Jurema Alcides. **Manual da versão em português das Escalas Beck**. 19. Reimp. São Paulo: Pearson Clinical Brasil, 2017.

CUNHA, LohannaNolêto Bueno Braz. **Depressão**: intervenção pela abordagem analítico- comportamental' 01/04/2013 93 f. Mestrado em Psicologia. Pontifícia Universidade Católica de Goiás. <<http://tede.biblioteca.ucg.br/>>. Acesso em: 15/09/2018.

DALGALARRONDO, Paulo. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

DEL Prette, Z. A. P.; DEL Prette, A. **Social Skills Inventory** (SSI-Del-Prette): Characteristics and studies in Brazil. In F. L. Osório (Org), *Social anxiety disorders: From theory to practice* (pp. 49-62). Nova Iorque: Nova Science Publishers, 2013.

DESSEN, M. A.; GUEDEA, M. T. A Ciência do Desenvolvimento Humano: Ajustando o foco de análise. **Paidéia**, 2005, 15(30), 11-20.

DSM-5. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5** / [American Psychiatric Association, Tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento... et al.]; revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli [et al.]. 5. ed. Dados eletrônicos. Porto Alegre: Artmed, 2014.

DUNKER, C. I. L. **Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros**. São Paulo: Boitempo, 2015.

_____. Transformações do sofrimento psíquico. **Café filosófico**, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=m2eNsp18rNA> Acesso em: 14/03/2018.

DURKHEIM, Émile. **Sociologia e Filosofia**. Rio de Janeiro e São Paulo: Forense, 1970 [1906].

_____. **O suicídio: estudo de sociologia**. Tradução Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2000. (Coleção Tópicos).

FONSECA, Aline Arruda; COUTINHO, Maria da Penha de Lima e AZEVEDO, Regina Lígia Wanderlei. Representações Sociais da Depressão em Jovens Universitários com e sem Sintomas para Desenvolver Depressão. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/SO102-79722008000300018>. Acesso em 15/11/2017.

GIDDENS, A. Profiles and critiques in Social Theory, In: CASSELL, P. (sous la direction de). **The Giddens Reader**. Londres: Macmillan Press, [1982] 1993.

_____. **Sociologia**. Porto Alegre: Art Med, 2005.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991.

GONÇALVES, Maria da Graça M., & BOCK, Ana Mercês B. *Indivíduo e sociedade: Uma relação importante para a Psicologia social*. In Ana Mercês B. Bock (Ed.) **A perspectiva sócio-histórica na formação em Psicologia**. Petrópolis: Vozes. 2003.

Gonçalves, A., Freitas, P., & Sequeira, C. **Comportamentos suicidários em estudantes do ensino superior: fatores de risco e de proteção**. Portugal. *Millenium*, 40, 149159. 2011.

JODELET, D. *Representações sociais: um domínio em expansão*. In: JODELET, D. (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

_____. **Loucuras e representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 2005

_____. **Representações sociais e mundos de vida** / Denise Jodelet; tradutora, Lilian Ulup. – Paris : Éditions des archives contemporaines; São Paulo : Fundação Carlos Chagas; Curitiba : PUCPress, 2017.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A. 2004.
_____. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HUMES, Eduardo de Castro; VIEIRA, Márcio Eduardo Bergamini; JÚNIOR. RenéreoFrágaz. **Psiquiatria Interdisciplinar**. São Paulo: Editora Manole Ltda., 2016.

KAY, Francis Leal Vieira; COUTINHO, Maria da Penha de Lima. Representações sociais da depressão e do suicídio elaboradas por estudantes de psicologia. **Psicologia: ciência e profissão**, 2008. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.15090/S1414-98932008000400005>>. Acesso em: 15/11/2017.

KEHL, Maria Rita. **O tempo e o cão: a atualidade das depressões**. São Paulo: Boitempo, 2009.

KNOP, M. N. H. **A escolha de curso superior dos vestibulandos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul: um estudo quantitativo com utilização de Análise de Correspondência Múltipla**. 2008, 130 p. Dissertação de Mestrado em Sociologia – UFRS, Porto Alegre, 2008.

LAMEU, Joelma do Nascimento. **Estresse no ambiente acadêmico: revisão sistemática e estudo transversal com estudantes universitários**. 30/04/2014 76 f. Mestrado em Psicologia. Instituição de Ensino: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRJ). Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=485340> Acesso em: 20/09/2018.

LAYOUS, K.; CHANCELLOR, J., LYUBOMIRSKY, S. (2014). Positive activities as protective factors against mental health conditions. **Journal of Abnormal Psychology**, 123(1), 3-12. doi:10.1037/a0034709

LANE, Silvia T. M. A dialética da subjetividade versus a objetividade. In: FURTADO, O.; REY, F. G. (Org.). **Por uma epistemologia da subjetividade: um debate entre a teoria sócio-histórica e a teoria das representações sociais**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

_____. CODO, Wanderley (Orgs). **Psicologia Social: O homem em movimento**. 8 ed.: São Paulo. Editora Brasiliense, 1989.

LEGNAME DE PAULO. M. S. L. **Depressão e Psicodiagnóstico Interventivo: proposta de atendimento**. São Paulo: Vetor, 2005.

LEITE, Tarciso Francisco. **Metodologia científica**. 2. ed. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2008.

LEMOS, Valdir Aquino; BAPTISTA, Makilim Nunes e CARNEIRO, Adriana Munhoz. **Suporte familiar, crenças irracionais e sintomatologia depressiva em estudantes universitários.** *Psicol. Cienc. Prof.* [online]. 2011, vol. 31, n.1, PP. 20-29. ISSN 1414-9893. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98930011000100003>>. Acesso em: 15/11/2017.

LIBERT, J. M.; LEWINSOHN, P. M. Concept of social skill with special reference to the behavior of depressed persons. **Journal of Consulting and Clinical Psychology**, 40 (2), 304-312. Retrieved from <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/21983267>, 1973.

LIPP, M. E. N. (2007). *Transtorno de Adaptação.* **Boletim Academia Paulista de Psicologia.** São Paulo, SP. Ano XXVII, 00.

LIVIO, Thiene Salazar. **Transtorno de Adaptação:** uma revisão sistemática e sua prevalência entre estudantes universitários' 30/04/2014 80 f. Mestrado em Psicologia. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=549448>. Acesso em: 20/09/2018.

MATENCIO, M. L. M. **Os movimentos dos sentidos:** unidades lexicais complexas e representações sociais. 2008. (Digitalizado).

MORAES, P. M. **As representações sociais de funcionários sobre o risco em uma refinaria de petróleo.** São Paulo: UNITAU, 2007. 223 p. Dissertação – Mestrado em Gestão e Desenvolvimento Regional, Universidade de Taubaté, Taubaté, 2007.

MINAYO, M.C.S.; MINAYO-GÓMEZ, C. Dífíceis e Possíveis Relações entre Métodos Quantitativos e Qualitativos nos Estudos de Problemas de Saúde. In: GOLDENBERG, P.; MARSIGLIA, R. M. G.; GOMES, M. H. A., (org.) (2003) **O clássico e o novo.** Tendências, objetos e abordagens em ciências sociais e saúde. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003.

MOSCOVICI, S. **A Psicanálise, sua Imagem e seu público.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

_____. **A Representação Social da Psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. O fenômeno das representações sociais. In: MOSCOVICI, S. **Representações sociais:** investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2003. p.29-110.

_____. **Representações sociais:** investigação em psicologia social. 6. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2007. (Psicologia Social).

MICHEL, Maria Helena. **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais:** um guia prático para acompanhamento da disciplina e elaboração de trabalhos monográficos. São Paulo: Atlas, 2005.

NOCK, M., HWANG, I., SAMPSON, N., KESSLER, R., ANGERMEYER, M., BEAUTRAIS, A., WILLIAMS, D. (2009). Análise Transnacional das Associações entre Transtornos Mentais e Comportamento Suicida: Resultados dos Inquéritos Mundiais de Saúde Mental da OMS. *PLoSMedicine*, 6 (8), 1-17. doi: 10.1371 / journal.pmed.1000123.

OLIVEIRA, F. J.; FEITOSA M. Z. S.; Representações Sociais e População em Situação de Rua: A Visibilidade Construída Pela Mídia. *Rev. FSA*, Teresina, v.13, n.2, art.12, p. 226-243, mar./abr. 2016.

PAPALIA, D. E., OLDS, S. W., & FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. 8. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

PERALTA, Telma Martins. **Práticas Sociais e Diversidade**. Salvador: Laurete, 2013.

PEREIRA, Adelino António Gonçalves e CARDOSO, Francisco Manuel dos Santos. Investigando Preditores Psicológicos de Ideação Suicida em Estudantes Universitários. *Psic.: Teor. e Pesq.* [online]. 2017, vol.33, e33420. Epub 08-Jan-2018. ISSN 0102-3772. Disponível em:

<http://dx.doi.org/10.1590/0102.3772e33420>> Acesso em: 22/12/2017.

PEREIRA A., CARDOSO F. Suicidal Ideation in University Students: Prevalence and Association With School and Gender. *Paidéia*. [Internet]. 2015 [Access Dec 12, 2015];25(62):299-306. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2015000300299>. ISSN 0103- 863X. doi.org/10.1590/1982-43272562201503.

PINHEIRO, R. G.; SANTOS, M. R. Fatores de escolha pelo curso de Ciências Contábeis: uma pesquisa com os graduandos na Capital e Grande São Paulo. 2010, **Anais do XIII SEMEAD Seminários em Administração Set/2010**.

RIBEIRO, Débora Inácia. **As Representações Sociais de Profissionais de Enfermagem sobre o Alcoolismo em uma Cidade Serrana**. Dissertação de mestrado em Desenvolvimento Humano, linha de concentração 2: Desenvolvimento Humano, Identidade e Formação, 2013. Disponível em:

<www.unitau.br/files/arquivos/category_1/CATLOGO_2013_verso_2_de_dezembro_1466427311.pdf>. Acesso em: 20/10/2017.

ROCHA-ALMEIDA, Laís Gabriela; FARO, André. Levantamento dos principais achados de estudos nacionais sobre a Depressão – uma revisão sistemática de literatura. *RevIPI* 2, 017101 (2016). Acesso em: 16/12/2017.

RODRIGUES, **Aroldo**. **Psicologia social**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. As pesquisas denominadas do tipo “estado da arte” em educação. In: **Diálogo Educacional**. Curitiba, v.6, n. 19, set./dez., 2006.p. 37-50.

ROSANTI, Sofia. **Como os sintomas de transtornos mentais e comportamentais influenciam a memória operacional de universitários?** 06/08/2015 77 f. Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem. Instituição de Ensino: Universidade Est.Paulista Júlio de Mesquita Filho/Bauru. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viawTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2615901>. Acesso em: 20/09/2018.

SADOCK, Benjamin James. *Compêndio de psiquiatria: ciências do comportamento e psiquiatria clínica* / Benjamin James Sadock, Virgínia Alcott Sadock; tradução Cláudia Dornelles [et al.]. -9. ed. – Porto Alegre: Artmed, 2007.

SANTOS, Hugo Gedeon Barros dos; MARCON, Samira Reschetti; ESPINOSA, Mariano Martinez; BAPTISTA, Makilin Nunes; PAULO, Paula Marianh Cabral de. Fatores associados à presença de ideação suicida entre universitários. **Rev. Latino-Am. Enfermagem** 2017; 25: e 2878. Disponível em: DOI: 10.1590/1518-8345.1592.2878.>www.eerp.usp.br/rlae.>Acesso em: 06/12/2017.

SCHNORR, Tainá Molina; RODRIGUES, Carla Gonçalves, OSÓRIO, Lisandra Berni. *Investigação do sofrimento psíquico*. In: **CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**, 23. 2014, Pelotas. **Anais...** Pelotas, 2014. p. 1-4. Disponível em: <http://cti.ufpel.edu.br/cic/arquivos/2014/CH_00698.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2018.

SERGIN, C. Social skills deficits associated with depression. **Clinical Psychology Review**, 20(3), 379-403. doi: [http://dx.doi.org/10.1016/S0272-7358\(98\)00104-4](http://dx.doi.org/10.1016/S0272-7358(98)00104-4), 2000.

SOUZA Mayra Silva de; BAPTISTA, Makilim Nunes; ALVES, Gisele Aparecida da Silva. Estudos psicométricos preliminares da Escala Baptista de Depressão para Adultos. **Estud. Psicolog.** (Campinas) vol.28 no.3 Campinas July/Sept. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0103-166X2015000300002>>. Acesso em: 16/12/2017.

SOUZA, Regis Glauciane Santos de; SARDENBERG, Cecília Maria B. Visibilizando a mulher no espaço público: a presença das mulheres nas universidades. Seminário Internacional Fazendo Gênero, 10., 2013. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2013. p. 1-13. Disponível em: . Acesso em: 18 dez. 2017.

SPINK, M. J. P. *O Conceito de Representação Social da Abordagem Psicossocial*. **Cad. Saúde Públ.** Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 300-308, jul./set., 1993.

TAJFEL, H. (1982). **Grupos humanos e Categorias sociais: Estudos em psicologia social**. (L. Amâncio, Trad.). Vol. I, Lisboa, Livros Horizonte.

TAVARES, Leandro Anselmo Todesqui. **A depressão como "mal-estar" contemporâneo: medicalização e (ex)-istência do sujeito depressivo**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

TEODORO. Wagner Luiz Garcia. **Depressão: Corpo, mente e alma**. 3. ed. Uberlândia. 2010.

Trabalho apresentado no VII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Población e XX Encontro Nacional de Estudos Populacionais: **Gênero em questão: o processo de inserção da mulher na educação superior** - realizado em Foz do Iguaçu/PR – Brasil, de 17 a 22 de outubro de 2016.

VALADAS, S.C.; GONÇALVES, F. R. As abordagens à aprendizagem de estudantes da Universidade do Algarve. In Quarteto Editora (Ed.), *Pedagogia e apoio psicológico no ensino superior*. Coimbra. 2002.

VASCONCELOS-RAPOSO, José; SOARES, Ana Rita; SILVA, Filipa; FERNANDES, Marcos Gimenes; TEIXEIRA, Carla Maria. *Níveis de ideação suicida em jovens adultos*. **Estud. psicol.** (Campinas) vol.33 no.2 Campinas abr./jun. 2016. Disponível em: [http:// dx.doi.org/10.1590/1982-02752016000200016](http://dx.doi.org/10.1590/1982-02752016000200016) >. Acesso em: 16/12/2017.

WILKINSON, G., MOORE, B., & MOORE, P. **Tratar a depressão**. Lisboa, Portugal: Climepsi. 2003.

ZAGO, Nadir. Do acesso à permanência no Ensino Superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. **Rev. Bras.deEduc.**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 32, p. 226-237, 2006.

APÊNDICE I - OFÍCIO

Taubaté, _____ de _____ de 2017.

Prezado Senhor

Solicitamos permissão de realização de pesquisa pela aluna Rubia Paula Dias da Silva, do Mestrado em Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais da Universidade de Taubaté, trabalho a ser desenvolvido durante o corrente ano de 2017, intitulado: As Representações Sociais da Depressão para Graduandos de uma IES do vale do Paraíba paulista. O estudo será realizado com alunos regularmente matriculados que tenham assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido sob a orientação da Profa. Dra. Edna Maria Querido de Oliveira Chamon.

Serão realizados procedimentos de intervenção (entrevistas semidirigidas e os questionários – Inventário de Depressão de Beck - BDI, Inventário de Ansiedade de Beck – BAI e Inventário de Desesperança de Beck - BHS, além da análise documental) junto à população a ser pesquisada. Será mantido o anonimato da instituição e dos participantes.

Ressaltamos que o projeto da pesquisa passou por análise e aprovação do Comitê de Ética em pesquisa da Universidade de Taubaté e que foi aprovado sob o CEP/UNITAU nº ____/____ (ANEXO ____).= DEIXAR EM BRANCO, SÓ PREENCHER QUANDO FOR APROVADO.

Certos de que poderemos contar com sua colaboração, colocamo-nos à disposição para mais esclarecimentos no Programa de Pós-graduação em Educação e Desenvolvimento Humano da Universidade de Taubaté, no endereço Rua Visconde do Rio Branco, 210, CEP 12.080-000, telefone (12) 3625-4100, ou com Rubia Paula Dias da Silva, telefone (12) 3144-1048 ou (12) 98239-9467.

Solicitamos a gentileza da devolução do Termo de Autorização da Instituição devidamente preenchido.

Aguardamos resposta e, aproveitamos a oportunidade para apresentar a Vossa Senhoria nossos protestos de estima e consideração.

Atenciosamente,

Edna Maria Querido Oliveira Chamon
Coordenadora do Curso de Pós-graduação
Ilmo. Sr

INDICAR NOME E FUNÇÃO DO RESPONSÁVEL
COLOCAR AQUI O ENDEREÇO DA INSTITUIÇÃO
INDICAR A CIDADE E O ESTADO

APÊNDICE II – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

Cruzeiro, 5 de Setembro de 2017.

De acordo com as informações do ofício _____ sobre a natureza da pesquisa intitulada As Representações Sociais da Depressão para Graduandos de uma IES do vale do Paraíba paulista, com propósito de trabalho a ser executado pela aluna Rubia Paula Dias da Silva, do Mestrado em Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais da Universidade de Taubaté, e, após a análise do conteúdo do projeto da pesquisa, a Instituição que represento, autoriza a realização de entrevistas, aplicação de questionários, aplicação de testes psicológicos focados em Depressão (Inventário de Depressão de Beck – BDI, Inventário de Ansiedade de Beck – BAI e Inventário de Desesperança de Beck - BHS) junto aos alunos que irão participar da pesquisa, sendo mantido o anonimato da Instituição e dos graduandos.

Atenciosamente,

INDICAR NOME E CARGO DO RESPONSÁVEL LEGAL DA INSTITUIÇÃO
INDICAR O NOME E O CNPJ DA INSTITUIÇÃO
COLOCAR AQUI O ENDEREÇO DA INSTITUIÇÃO
INDICAR A CIDADE E O ESTADO

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisa: “As representações sociais da depressão para graduandos de uma IES do vale do Paraíba paulista”

Pesquisador Responsável: Rubia Paula Dias da Silva

Orientadora: Profa. Dra. Edna Maria Querido de Oliveira Chamon

Você está sendo convidado para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Após ser esclarecido sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador (a) responsável. Em caso de recusa você não será penalizado de forma alguma.

Informações sobre a pesquisa:

Título do Projeto: As representações sociais da depressão para graduandos de uma IES do vale do Paraíba paulista

Objetivo da pesquisa: Analisar as representações sociais da depressão junto aos graduandos em uma instituição de ensino no vale do Paraíba - SP. Traçar o perfil sociodemográfico do graduando quanto a depressão. Identificar as atitudes, valores, informações, crenças sobre a depressão para os graduandos com ou sem sintomas da doença e apontar as causas que os levaram a procurar o serviço de apoio.

Destino dos dados coletados: a pesquisadora será a responsável pelos dados originais coletados por meio das entrevistas, aplicação do questionário e do teste psicológico em uma sala específica na Instituição de Ensino Superior, permanecendo de posse por eles por um período não inferior a 5 (cinco) anos, quando então serão destruídos. Os dados originais serão guardados, tomando-se o cuidado necessário para garantir o anonimato dos participantes. As informações coletadas no decorrer da pesquisa, bem como os conhecimentos gerados não serão utilizadas em prejuízo das pessoas ou da instituição onde o pesquisa será realizada. Os dados coletados por meio de entrevistas, aplicação de questionário e do teste psicológico em uma sala específica na Instituição de Ensino Superior serão utilizados para a dissertação a ser apresentada ao Mestrado em Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais da Universidade de Taubaté (SP), bem como para divulgar os dados por meio de publicações em periódicos e/ou apresentações em eventos científicos.

Riscos, prevenção e benefícios para o participante da pesquisa: o possível risco que a pesquisa poderá causar aos voluntários é que eles poderão se sentir desconfortáveis, inseguros ou não desejarem fornecer alguma informação pessoal solicitada pelo pesquisador, por meio de entrevistas, aplicação do questionário e do teste psicológico. Com vistas a prevenir os possíveis riscos gerados pela presente pesquisa, aos participantes ficam garantidos os direitos de anonimato, de abandonar

a qualquer momento a pesquisa, de deixar de responder a qualquer pergunta que considere por bem assim proceder; bem como de solicitar para que os dados por ele fornecidos durante a coleta não sejam utilizados. O benefício esperado com o desenvolvimento da pesquisa será o fato de oferecer aos participantes e à comunidade acadêmica maiores informações e conhecimentos acerca dos aspectos que compõem as representações sociais da depressão para graduandos no vale do Paraíba paulista. Cabe aqui ressaltar também que, pelo aspecto interdisciplinar que se pretende abordar no presente estudo, os conhecimentos gerados por meio da pesquisa poderão despertar o interesse de profissionais, instituições, pesquisadores e fundamentar estudos em outras áreas do conhecimento, no que diz respeito ao presente objeto de pesquisa. Contudo, os principais benefícios do presente estudo poderão se apresentar somente quando suas conclusões forem formuladas.

A presente pesquisa não acarretará quaisquer tipos de ônus e/ou despesas aos participantes, sendo os dados coletados nas dependências da Instituição, onde os participantes que comporão a amostra atuam, em horário condizente com suas disponibilidades. Da mesma forma fica aqui esclarecido que a participação no presente estudo é em caráter voluntário.

As informações serão analisadas e transcritas pela pesquisadora, não sendo divulgada a identificação de nenhum participante. O anonimato será assegurado em todo processo da pesquisa, bem como no momento das divulgações dos dados por meio de publicação em periódicos e/ou apresentação em eventos científicos. O depoente terá o direito de retirar seu consentimento a qualquer tempo. A sua participação dará a possibilidade de ampliar o conhecimento sobre as representações sociais da depressão para graduandos no vale do Paraíba paulista.

Esclarecimento de dúvidas: Para qualquer outra informação o sr. (a) poderá entrar em contato com a pesquisadora pelo telefone (12) 98239-9467, e-mail: rubiadiaspsico@gmail.com.

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar Comitê de Ética em Pesquisa CEP/ Universidade de Taubaté, situado na Rua Visconde do Rio Branco, 210 – centro, Taubaté-SP, telefone: (12) 3625-1233, e-mail: cep@unitau.br.



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA DEPRESSÃO PARA GRADUANDOS NO VALE DO PARAÍBA PAULISTA

Pesquisador: RUBIA PAULA DIAS DA SILVA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 78301417.8.0000.5501

Instituição Proponente: Universidade de Taubaté

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.378.781

Apresentação do Projeto:

A pesquisa pretende identificar as percepções dos graduandos em relação à representação social da depressão.

Objetivo da Pesquisa:

Investigar as representações sociais da depressão junto aos graduandos em uma instituição de ensino superior no Vale do Paraíba – SP.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Adequada avaliação de riscos e benefícios.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pendências atendidas.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Termos apresentados adequadamente.

Recomendações:

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté recomenda a entrega do relatório final ao término da pesquisa.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Projeto aprovado.

Endereço: Rua Visconde do Rio Branco, 210		CEP: 12.020-040
Bairro: Centro		
UF: SP	Município: TAUBATE	
Telefone: (12)3635-1233	Fax: (12)3635-1233	E-mail: cepunitau@unitau.br



Continuação do Parecer: 2.378.781

Considerações Finais a critério do CEP:

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté, em reunião realizada no dia 10/11/2017, e no uso das competências definidas na Resolução CNS/MS 510/16, considerou o Projeto de Pesquisa: APROVADO.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_988552.pdf	24/10/2017 16:54:20		Aceito
Outros	RESPOSTACEPRUBIA.doc	24/10/2017 16:52:43	RUBIA PAULA DIAS DA SILVA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJDISSERTRubia.doc	24/10/2017 15:54:39	RUBIA PAULA DIAS DA SILVA	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.doc	24/10/2017 15:53:23	RUBIA PAULA DIAS DA SILVA	Aceito
Outros	AUTRUBIA.jpeg	21/09/2017 11:10:02	RUBIA PAULA DIAS DA SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLERUBIA.docx	06/09/2017 16:42:46	RUBIA PAULA DIAS DA SILVA	Aceito
Orçamento	CUSTOSRUBIA.docx	06/09/2017 12:26:11	RUBIA PAULA DIAS DA SILVA	Aceito
Folha de Rosto	folhaderostorubia.docx	06/09/2017 12:22:16	RUBIA PAULA DIAS DA SILVA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

TAUBATE, 13 de Novembro de 2017

Assinado por:
José Roberto Cortelli
(Coordenador)

Endereço: Rua Visconde do Rio Branco, 210
Bairro: Centro CEP: 12.020-040
UF: SP Município: TAUBATE
Telefone: (12)3635-1233 Fax: (12)3635-1233 E-mail: cepunitau@unitau.br

